

Agricultura familiar assegura comida e renda para toda PB

No estado, cada região se destaca por um tipo de cultura diferente e, segundo o IBGE, principais beneficiados são os moradores dos municípios com até 20 mil habitantes. [Página 18](#)



Economia Do jovem casal que controla as finanças domésticas à ciência que estuda e aplica a economia, o Pensar reflete sobre o universo das finanças.

Diversidade

Paraíba passa por processo de desertificação, diz especialista

Mudanças climáticas contribuem para o fenômeno que atinge, sobretudo, a região do Cariri. [Página 19](#)

Entrevista

Foto: Marcus Antonius



Projetos Presidente da Cia Docas, Gilmar Timóteo fala sobre os avanços do Porto de Cabedelo. [Página 4](#)

Economia

Procura por alimentação vegana cresce na Paraíba

Mercado atrai clientes preocupados com a natureza e incentiva pequenos negócios no estado. [Página 17](#)

Esportes

A estrela sobe Paraibano de João Pessoa, o atleta Lucas Borges brilha nas quadras de vôlei país afora. [Página 21](#)

Foto: Reprodução/Instagram

Colunas

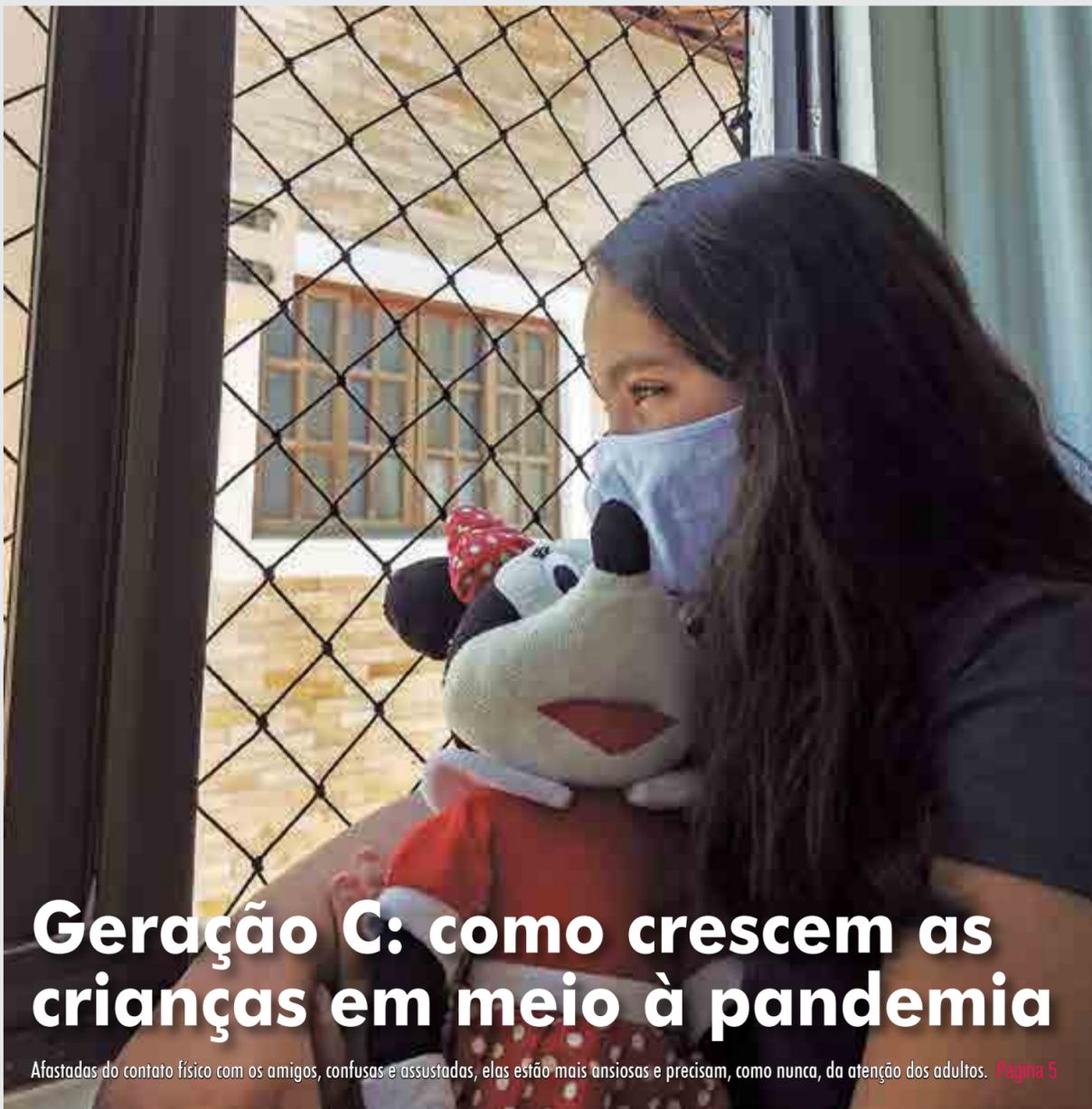
// A musicalidade do tango originou-se das matrizes das danças habanera de Cuba e da polca da região da Boemia do império Austro-Húngaro. Essas duas danças criaram raízes na região do Rio da Prata. // [Página 10](#)

Klebber Maux Dias

// Manter os campeonatos de futebol rodando passa uma imagem de que o vírus não é sério. De que a doença não é mortal também para jovens e atletas. As pessoas não têm a dimensão do risco. // [Página 22](#)

Camila Ahrens

Foto: Lucilene Meireles



Geração C: como crescem as crianças em meio à pandemia

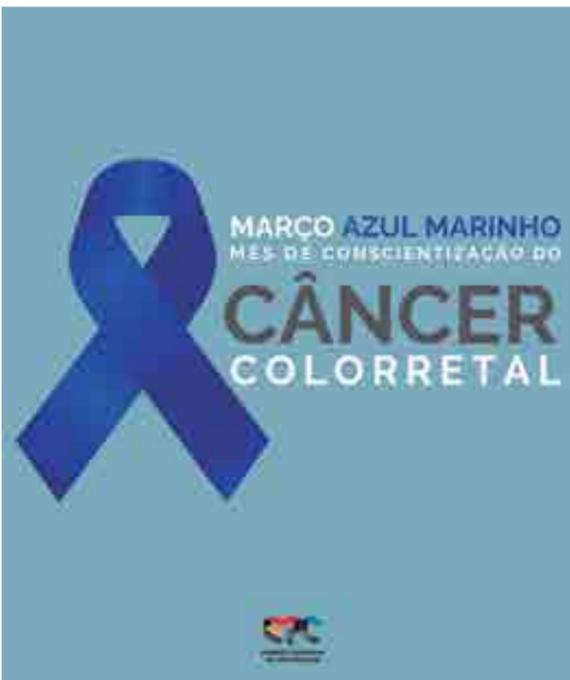
Afastadas do contato físico com os amigos, confusas e assustadas, elas estão mais ansiosas e precisam, como nunca, da atenção dos adultos. [Página 5](#)

Foto: Thercles Silva/Divulgação



Cultura

Espetáculo raiz Com transmissão pela internet, 'Xirê do Agoiê' resgata tradições afroindígenas e exalta os orixás através da música e da dança. [Página 9](#)



Editorial

Teste de coragem

Existem pessoas que gostam de fortes emoções; de correr riscos, caminhando sempre à beira de abismos. Exploram selvas de coração ainda desconhecido, navegam mares de alma indomável, seguem miragens em extensos desertos e penetram, como intrépidos insetos, as cabeleiras brancas das frias regiões polares. Não há obstáculo que não queiram vencer.

São esses aventureiros que protagonizam os esportes radicais. Equilibram-se em asas de aviões que singram o espaço em grandes altitudes. Escalam montanhas pelo lado mais íngreme. Saltam de alturas estratosféricas, seguros apenas por um cabo flexível, que lhes amarra os pés. Estão a inventar sempre novos desafios, para suprir a carência diária de adrenalina.

Outros preferem apostar os bens, trocando fortunas por fichas, nos glamorosos cassinos internacionais, ou aqui mesmo, na terrinha, embora com valores menores, nas salas clandestinas de jogos eletrônicos. Não deixam de correr riscos de morte. Muitos se suicidam ou são mortos por não ter como arcar com os prejuízos, quando perdem tudo e um pouco mais.

Para essas pessoas, existe, no Brasil, uma maneira diferente de testar os limites da coragem. E o melhor é que não precisa ter muito dinheiro para isso, sendo, portanto, bastante atrativo o custo-benefício. Trata-se de passar um mês tentando sobreviver com R\$ 150,00 de auxílio emergencial. Cinco reais para gastar por dia... Existe algo mais eletrizante?

O primeiro teste seria acordar para o café da manhã, e encontrar o bujão de gás vazio. O nível de dificuldade aumentaria ao botar o botijão no carro, constatando, depois, que o combustível acabou, e é necessário ir ao posto de gasolina. Veículo abastecido, problema do gás resolvido, é chegada a hora de ir à feira, comprar a carne, o arroz e o feijão do almoço.

Não é preciso ser adivinho para descobrir que, no mercado, diante das tabuletas de preços dos itens essenciais da cesta básica, contando os trocados que restaram no bolso, e estando apenas no primeiro dia da prova, os participantes decidiram abandonar o jogo, e partir para peripécias mais fáceis, como galgar os cumes do Himalaia ou cruzar o deserto do Atacama.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

Aprendendo com o saber popular

Quando uma pessoa arma uma maldade para outra e, por consequência, passa a ser vítima dessa armadilha, diz-se que “o feitiço virou contra o feiteiro”. Ao perceber o estrago feito, fica se lastimando e procurando desfazer o erro cometido. Esse ditado popular português se assemelha a um outro que diz: “aqui se faz, aqui se paga”. Continuando na reflexão da sabedoria popular, poder-se-ia dizer: “você colhe aquilo que planta”, ou “quem com ferro fere, com ferro será ferido”, e ainda “toda ação provoca uma reação”.

Permanecendo no aproveitamento do que nos vem ensinando o saber popular ao longo dos tempos, com expressões transmitidas de geração a geração, poderíamos dizer também que “o tiro saiu pela culatra”, quando o acontecimento difere daquilo que se planejava. Algo foi feito com uma intenção e ocorreu exatamente o oposto. É o chamado “efeito bumerangue” //

Assim vamos aprendendo com as lições que a vida nos oferece, fazendo com que passemos a ter cuidado maior quando não agimos de boa fé, estimulados por sentimentos de ódio, inveja, rancor, despeito. Difícilmente não se verifica o ensinamento de que “o que vai, volta”. E pode voltar imediatamente ou demorar algum tempo. Aí vêm os lamentos, as queixas, as vitimizações, os arrependimentos. Tarde demais.

Estamos, a cada momento, vivenciando essa experiência ou testemunhando essa verdade no ambiente em que vivemos. É preciso, portanto,

termos a consciência de que somos responsáveis por nossas escolhas e atitudes. Não podemos culpar as circunstâncias da vida ou o destino.

No mundo da política essa é uma constatação que se repete com frequência. Principalmente quando os ânimos das partes contendoras estão radicalizados. Na ânsia de aniquilar o adversário parte-se para atitudes extremadas, que fogem ao equilíbrio emocional e agredem os princípios básicos da tolerância, do respeito, da ética e da moral. As consequências são inevitavelmente imprevisíveis. Onde não se manifestam ponderação e sensatez, predomina a possibilidade de cometimentos de erros com resultados adversos aos desejos de quem os cometeu. Não demora a se perceber que o incêndio provocado queimou muito mais quem jogou gasolina no fogo do que quem se intencionava atingir.

Façamos, então, dos ditados populares a forma de aprendermos com as experiências pretéritas, traduzidas em manifestações da sabedoria do povo. Assim, quem sabe, erremos menos e deixaremos de agir por impulsos motivados pelo emocional, desprezando o racional.

Foto: pixabay.com



Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Os preceptores

Malanja, a viúva do psiquiatra Marcos Wanderley, disse que eu nunca deixei ninguém me ensinar nada. Assim ela fundamentava o fato de eu ter passado 44 anos nas universidades para alcançar a primeira graduação (logo em Direito, assunto que detesto). Levei a observação de Malanja a sério, pois ela me conhece a fundo e há tempos, desde a infância, primos que somos.

Depois de refletir, cheguei à conclusão que, dessa vez, Malanja não estava certa. Pensando bem, eu deixei algumas pessoas me ensinarem. Tive mais preceptores que Platão, pelo menos três. O primeiro deles se foi. Era a quem eu mais perguntava, pois perguntava tudo: o engenheiro, filólogo e linguista José Elias Barbosa Borges, irmão de Celene Sitônio, que o povo pensa que é minha irmã. Zé fazia parte de uma família de seis irmãos, todos com o sobrenome Sitônio, menos ele — pois levava o nome do avô materno, Zezé Barbosa, mais o sobrenome do pai, Rufino Borges, um dos comunistas da velha guarda de Campina Grande.

A quem Zé teria puxado tão inteligente? Marcos Wanderley dizia que nunca viu um Sitônio burro. Mas penso que Zé puxou mais ao pai, como diria o poeta João Cabral. O flautista e caixeiro-viajante Rufino Borges era dono de uma inteligência privilegiada. Que o diga a memória da Esquina da Flórida, em Campina, onde ele doutrina os ouvintes com sua pregação comunista. No auge da crise dos foguetes de Cuba, com os pira-

tas da marinha americana cercando a ilha, estávamos todos apreensivos e acabrunhados. Até que Rufino nos animou com uma notícia otimista: os russos tinham despachado um submarino para Cuba, equipado com um canhão de chupar navios!

Zé me ensinou coisas a vida toda, desde quando eu ainda era muito menino, aí pelos meus cinco anos — na idade em que Manolin começou a aprender a pescar com o mestre Santiago, no mar de Hemingway. Primeiro, Zé me ensinou a fazer bolhas de sabão, com um canudo de mamão e um caneco d'água. Eu fiquei maravilhado com aquelas bolas transparentes, brilhantes e espelhadas, flutuando no ar até se diluírem. Ainda hoje contemplo essas bolas na longa tarde que me chega da infância. Na falta do sucesso, elas são bastante para minha glória íntima, fiel à minha solidão. Zé me ensinou a fazer muita coisa a partir de um canudo de mamão. O resto eu conto depois da missa, que se rezará na Igreja de Santo Antônio, na praia do Hotel Tambaú.

Foto: pixabay.com



Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

Eu não gosto do BBB...

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTEWilliam Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSAAlbigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSARenata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEMPABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: 99143-6762

UEPB obtém primeira patente pelo INPI com produto natural

Composição utilizada em tratamentos odontológicos foi aceita pelo órgão de registros e títulos de propriedade industrial

A Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) conseguiu o reconhecimento da patente “Composição à Base de Extrato Vegetal para uso na Endodontia”, concedido pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), órgão federal, vinculado ao Ministério da Economia, e responsável pelo registro e concessão de títulos de propriedade industrial. O primeiro deferimento de pedido de patente conferido à UEPB é fruto de pesquisa realizada pela professora do Campus I, Ana Cláudia Dantas de Medeiros e estudantes da instituição.

A invenção trata-se de uma pasta intracanal produzida a partir do extrato nebulizador da planta de nome científico *Ximenia americana L.*, popularmente chamada ameixa-do-mato, e seus excipientes farmacologicamente ativos, para uso na endodontia contra infecções bacterianas. O invento se diferencia dos produtos já existentes no mercado e se destaca ainda por ser uma alternativa viável para a indústria de produtos de uso odontológico, possibilitando a introdução no mercado de um novo fitoterápico.

Vinculada atualmente ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas (PPGCF), Ana Cláudia Dantas, é uma das idealizadoras dos estudos que resultaram no reconhecimento da patente. Além dela, participaram do desenvolvimento do invento os pesquisadores Laine Carla Batista Alencar, Cleildo Pereira de Santana, Deysiane Oliveira Brandão, Karla Monik Alves da Silva, Felipe Hugo Alencar Fernandes, Alin-

ne Sousa Barbosa e Amaro Lafayette Nobre Formiga Filho, todos hoje ex-alunos da graduação e da pós-graduação em Ciências Farmacêuticas e em Odontologia da UEPB, onde a docente também realizou orientações de mestrado.

A professora Ana Cláudia Dantas trabalha com plantas medicinais há 21 anos. A atual patente se originou de projeto financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em que a pesquisadora foi contemplada em 2010 (Edital MCT/CNPq/2010). O título do projeto era “Desenvolvimento de uma pasta intracanal com extratos nebulizado de uma planta medicinal do semiárido nordestino”.

Ana Cláudia relatou que, apesar de trabalhar com plantas, não conhecia a espécie em questão, tendo o professor Ivan Coelho indicado algumas ao projeto e a *Ximenia americana* apresentado o melhor resultado. O professor Ivan, hoje falecido, era farmacêutico e trabalhava no Departamento de Biologia da UEPB. Foi autor do livro “O Raizeiro”, que em 2013 tornou-se campeão de vendas na Editora Universitária (EDUEPB). “O professor Ivan sabia tudo sobre plantas medicinais. Sou muito grata a ele e sempre coloco um agradecimento in memoriam em meus artigos”, disse Ana Cláudia.

A patente está protocolada junto ao INPI sob o nº BR 10 2014 003325 4



Planta nativa da região semiárida, a *Ximenia americana L.* é usada por suas propriedades antimicrobianas

Foto: wikimedia.org

As funções da conhecida ameixa-do-mato

A tecnologia diz respeito a uma medicação com formulação à base de extrato de uma planta do semiárido com propriedades antimicrobianas, conhecida popularmente como ameixa-do-mato, ameixeira-do-brasil e umbu-bravo, entre outros. A formulação é dirigida para produtos relacionados aos campos da medicina dentária, especialmente para uso na endodontia, e composições farmacêuticas para uso humano e animal.

O principal apelo da tecnologia é a eficácia no combate à bactéria *Enterococcus faecalis* no interior de canais radiculares, o que não é comum nas medicações intracanaís disponíveis no mercado. Sendo, portanto, uma alternativa viável para a indústria

de produtos de uso odontológico, possibilitando a introdução no mercado de um novo fitoterápico.

Processo

Concluída a pesquisa liderada pela professora Ana Cláudia Dantas, a entrada do registro da patente se deu no ano de 2014. A coordenadora de Propriedade Intelectual da Agência de Inovação Tecnológica da Universidade Estadual da Paraíba (Inovatec/UEPB), professora Simone Lopes, afirmou que a análise de patente é mesmo longa. No Brasil, a média é que o processo leve cerca de 10 anos, do pedido de registro à validação. O deferimento foi publicado pelo INPI em 16 de março de 2021 e em, breve, a UEPB deverá receber a carta patente.

A professora Simone ainda explicou que inicialmente há uma solicitação junto ao INPI para conceder à Universidade e aos inventores a titularidade da patente. Depois de um longo e rigoroso processo, esta pode ser ou não concedida. Sendo deferida, significa que o produto possui novidade, inovação tecnológica e é passível de aplicação industrial.

Com isso, é atribuído o tempo de 20 anos para utilizar-se da patente. Este é o protocolo brasileiro e mundial para registros envolvendo tecnologia. Após tempo determinado, passa a ser de domínio público. Outorgada a carta, o produto está apto para transferência de tecnologia e comercialização. Atualmente, a UEPB possui 77 patentes em análise no INPI.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

VENEZIANO SOBRE CENÁRIO POLÍTICO: “ESSA DISPUTA DA ESQUERDA CONTRA A DIREITA FAVORECE AO LULA”

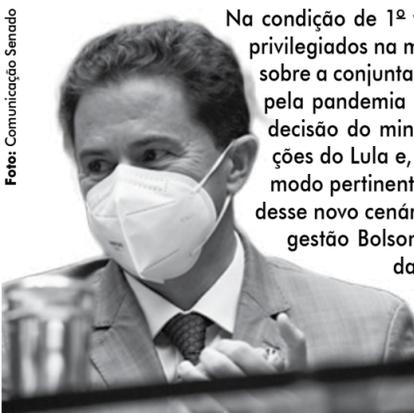


Foto: Comunicação Senado

Na condição de 1º vice-presidente do Senado, Veneziano Vital do Rêgo (foto) tem ocupado espaços privilegiados na mídia nacional. Esta semana, participou da live da revista IstoÉ, em que fez análises sobre a conjuntura política do Brasil e, obviamente, tratou da situação de crise epidemiológica gerada pela pandemia da covid-19. No campo político, o senador emedebista discorreu sobre a recente decisão do ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), que anulou as condenações do Lula e, consequentemente, colocou o líder petista novamente na corrida presidencial. De modo pertinente, o parlamentar afirma que Bolsonaro terá de reavaliar sua postura bélica, diante desse novo cenário político que se impôs após a decisão do ministro do STF. Crítico contundente da gestão Bolsonaro, que considera desastrosa, sobretudo no que diz respeito ao enfrentamento da pandemia, o senador acredita que a volta do ex-presidente Lula à disputa eletiva trouxe um novo capítulo para as eleições do próximo ano. “Bolsonaro continua sendo um presidente para um nicho do eleitorado, mas a chegada do Lula muda tudo. Muitos dos candidatos que se apresentaram até dez dias atrás não devem nem mais postular a candidatura presidencial. Essa disputa da esquerda contra a direita favorece ao Lula”, argumentou.

A MISSÃO DO MINISTRO

Mal começou a assumir o comando do Ministério da Saúde, o médico Marcelo Queiroga terá uma missão importante no próximo dia 25: convencer os membros da comissão temporária da covid-19 do Senado de que haverá uma postura diferenciada de sua pasta no que concerne à aquisição de vacinas e à disponibilização de leitos de UTI.

VOTO DE CONFIANÇA (1)

A maioria dos senadores, ao que parece, está apostando que Marcelo Queiroga trará algo de novo na condução do enfrentamento à pandemia. Falando sobre “um grande voto de confiança no novo ministro”, o líder da minoria, Jean Paul Prates (PT), afirmou que “tem a expectativa em torno dele de reverter algumas posturas do presidente da República”.

VOTO DE CONFIANÇA (2)

Ainda de acordo com o senador Jean Paul Prates, declarações de Marcelo Queiroga foram bem assimiladas pelos parlamentares: “Ele tem um entendimento do isolamento e, às vezes, até de lockdown específico em algumas situações. Ele é muito próximo ao que a massa crítica, em geral, acredita que é dever do governo fazer”.

“O OLHO DO FURACÃO”

“O Brasil é o olho do furacão da covid no mundo”, alerta Daniel Beltrammi, secretário executivo de Saúde, enfatizando que a pandemia no país está agora mais severa que em outras partes do mundo. “Em apenas duas semanas, o Brasil tomou o lugar da Índia”, disse, referindo-se ao número de casos e de óbitos registrados.

NOTÍCIA ALVISSAREIRA

Em meio ao recrudescimento da pandemia de covid-19, uma notícia alvissareira nos chega: pesquisadores do Centro de Energias Alternativas e Renováveis da UFPB criaram filtros de ar que inativam o vírus causador da doença. Os filtros poderão ser usados em purificadores de ar de hospitais e também em residências, nos condicionadores de ar.

SECRETÁRIO FAZ ALERTA SOBRE FESTAS: “É UM GRANDE RISCO”

Daniel Beltrammi voltou a pedir prudência à população quanto às aglomerações em festas particulares, alertando que essa prática põe em risco todo o esforço do poder público para combater a pandemia. E citou um exemplo: “Vi isso num prédio. Esvaziaram o estacionamento para fazer um churrasco com 40 pessoas. Isso é um grande risco”.

Gilmara Temóteo,
Presidente da Companhia Docas da Paraíba

Dragagem do porto estimula o desenvolvimento econômico da PB

Projeto aguarda votação no Congresso Nacional e obras devem ter início no segundo semestre deste ano

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Ainda este ano, o Porto de Cabedelo, na Região Metropolitana de João Pessoa, irá passar por obras para aumentar a dragagem. De acordo com a Companhia Docas da Paraíba, o projeto permite o aumento do calado, ou seja, da distância vertical entre a parte inferior da quilha do navio e a sua linha de flutuação (lâmina d'água).

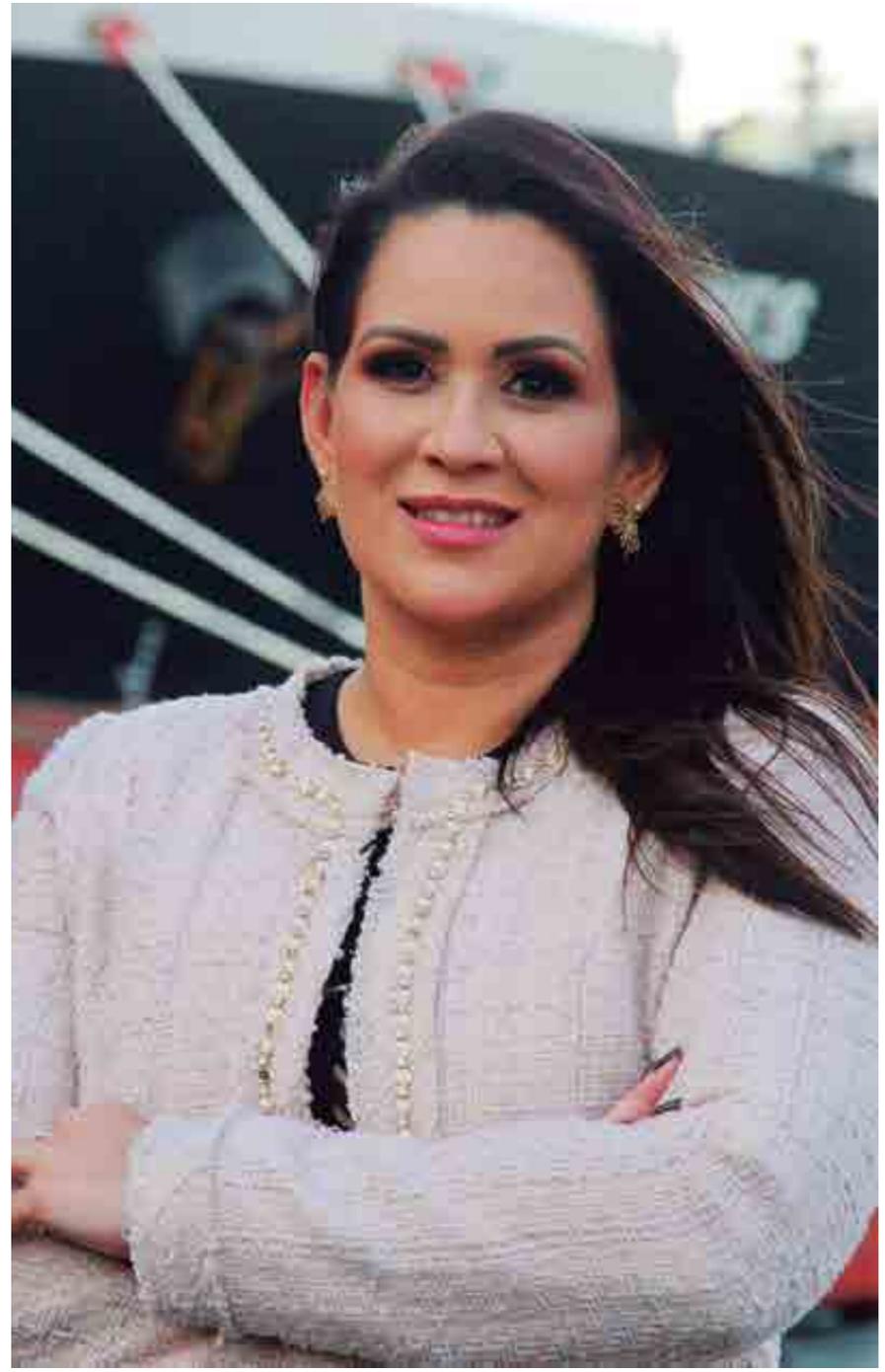
Na obra, será realizada a

manutenção de toda extensão do canal e bacia de manobras, além da retirada da derrocagem, possibilitando assim a operação no Porto com 11 metros de calado. Com a dragagem, os navios que hoje entram no recinto portuário com carga limitada a 35 mil toneladas passarão a atracar e desatracar com sua capacidade total de carga embarcada, isto é, com até 55 mil toneladas.

A execução do projeto, inclusive foi discutida no

mês passado, durante uma reunião em Brasília entre o governador João Azevêdo, o ministro da Infraestrutura, Tarcísio Freitas, os secretários de Estado da Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente, Deusdete Queiroga; dentre outros participantes.

A presidente da Companhia Docas da Paraíba, Gilmara Temóteo esclareceu alguns pontos do projeto para o Porto de Cabedelo na entrevista a seguir.



Presidente da Docas, Gilmara Temóteo, explica que dragagem vai ampliar o calado para 11 metros de profundidade

A entrevista

O projeto para dragagem do Porto de Cabedelo tem previsão para o início da execução?

O anteprojeto da Dragagem está atualizado – Rev. 02, de janeiro/2021 e aguardando a votação do orçamento 2021 da União para alocação dos recursos. Assim, a previsão de início das obras é no segundo semestre de 2021.

Como será realizado esse trabalho?

O anteprojeto prevê a

utilização de dois tipos de equipamentos – AT (Draga Auto-transportadora) e BH (Draga backhoe), operadas de forma seletiva e complementar, nos trechos do canal, bacia de evolução e bacia de atração do Porto de Cabedelo, de modo a realizar o aprofundamento, alargamento da área de manobra e padronização para cota de 11 metros de profundidade.

Qual a profundidade do Porto atualmente?

Como vai ficar após a dragagem?

Atualmente, a estrutura de acesso aquaviário do Porto de Cabedelo possui calado operacional homologado em 9.14 metros. Com a conclusão da obra de dragagem, o calado operacional homologado passará para a cota de 11 metros de profundidade.

Quais os resultados esperados a partir desta obra?

A conclusão da obra de

dragagem do Porto de Cabedelo possibilitará a atração de navios Bulk Carriers e Tankers de até 55 mil toneladas. - Classe SupraMax (50,000 – 60,000 DWT), o que vai representar a ampliação das capacidades de carregamento dos navios atendidos neste porto e impulsionará o desenvolvimento econômico regional, resultando no aumento da arrecadação fiscal, geração de empregos e maior sinergia entre empresas, governos e sociedade.

Quais os custos para a realização deste projeto?

De acordo com o Relatório 002/2021, do Instituto Nacional de Pesquisas Hidroviárias (INPH), o custo total do projeto está orçado em R\$ 66.000.000,00.

Qual o tempo total de execução estimado para esse projeto?

Conforme o Relatório 002/2021, do INPH, o cronograma físico prevê a conclusão da obra em até 150 dias.

/// Vai representar a ampliação das capacidades de carregamento dos navios atendidos neste porto e impulsionará o desenvolvimento econômico regional, resultando no aumento da arrecadação fiscal. ///





Crianças da Geração C e os reflexos da pandemia

Isolamento social e outras medidas necessárias para prevenir a covid estão mudando a forma das crianças enxergarem a vida

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Que a pandemia trouxe – e continua trazendo – consequências para a vida da humanidade, todos sabem, mas é muito nítido que essas mudanças mexeram muito com as crianças e vão deixar marcas para sempre. Tristes, frustradas ou, de forma surpreendente, compreendendo, sem questionar, a necessidade de manter distância dos coleguinhas, da escola e até de outras pessoas da família, elas estão sofrendo, mas amadurecendo e aprendendo a conviver com uma realidade nunca vista. A chamada geração C (Covid) será, sim, diferente das crianças que nunca presenciaram esse cenário, uma geração inteira moldada pela pandemia.

A psicopedagoga Izabel Nicolau observou que todas as crianças que estão vivendo esta situação mudaram o comportamento e essa alteração deve perdurar. “É uma geração que está vivenciando algo novo. Elas são muito mais afetadas por não terem maturidade para entender do que se trata. Sabem que existe algo lá fora que não é legal, mas não têm noção da gravidade”, constatou. Essas crianças, segundo ela, têm grandes chances de se tornarem ansiosas, angustiadas, frustra-

das e, algumas, talvez, conseguirão ser mais resilientes e adaptáveis à mudança. Esse desenrolar depende de cada uma, e a família tem papel fundamental nesse processo.

A terapia, que sempre fez parte da vida de alguns adultos e adolescentes, vai passar a fazer parte da vida delas também. “Nunca se falou tanto em inteligência emocional infantil. O número de crianças precisando de apoio emocional, psicológico e até psiquiátrico tem aumentado. Essa vai ser a diferença das nossas crianças que foram afetadas por esse momento”, afirma a especialista. A pandemia está moldando uma geração inteira e é preciso discutir formas de não deixar o impacto ser tão grande, principalmente nas crianças, sejam elas nascidas ou não nessa geração C”, analisou Izabel.

Uma criança de dois anos, que não nasceu na pandemia, faz parte da geração C, assim como as de 3, 4 anos, e todas elas serão afetadas de alguma forma.

O papel da família

Embora todos sejam afetados pela pandemia, o papel da família é de suma importância quando se trata de perceber e cuidar das emoções dos pequenos. “Se a família está tendo o cuidado de tra-

balhar bem o emocional da criança, futuramente pode ser que ela consiga superar. Se a família procura uma ajuda para todos da casa, inclusive para a criança, vai tornar mais fácil amenizar o impacto que a pandemia está causando”, afirmou Izabel Nicolau.

O emocional, segundo ela, passou a ser disciplina e foi inserido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Para ela, crianças que nascem agora talvez não sejam tão afetadas porque elas só começariam a compreender a partir dos 3 ou 4 anos de idade. “Eu acredito que isso não vá se estender por tanto tempo, mas elas vão ser um pouco diferentes, serão acostumadas a ficar mais dentro de casa do que as que nasceram antes de tudo isso acontecer”, ponderou. Seja qual for a forma como a criança reage à situação, a ajuda dos pais é valiosa, mas eles precisam estar bem para passar segurança aos filhos.

Experiência difícil

Para a psicóloga Ewelina Vieira, a aproximação das famílias, principalmente com as crianças, é possível, especialmente se essas pessoas estiverem dispostas e disponíveis para ter um tempo de qualidade mais significativo com os pequenos. “Usando da cria-



Especialistas indicam que cada criança reage de uma forma à pandemia e que o apoio dos pais é fundamental

tividade para entreter essas crianças, através de brincadeiras lúdicas e ensinamento de novas habilidades; respeitando e acolhendo os momentos de introspecção, sem deixá-las desamparadas, garantindo assim a segurança emocional de que elas precisam”, afirmou.

A geração que está se desenvolvendo sofrerá algumas consequências que levará até a vida adulta e terá vivências diferenciadas das gerações anteriores, mas os especialistas consideram delicado falar sobre o que será diferente, pois

cada criança está significando a pandemia diante de seu mundo interno. “Minha experiência como psicóloga infantil me fala que as crianças, nesse momento em especial, estão na tentativa de lidarem com um jeito mais congruente e na esperança de que os dias de ‘normalidade’ retornem em breve”, observou a psicóloga Ewelina Vieira.

Para ela, as crianças não vão esquecer facilmente as últimas vivências desde o ano passado. “Isso vai refletir e impactar, como já está refletindo

e impactando no nosso comportamento, atitude e pensamento.”, comentou.

As crianças também procuram compensar a falta das brincadeiras e do convívio com outras pessoas. “Elas estão buscando maneiras de lidar com toda a angústia, sofrimento, ansiedade, dentre outros inúmeros sentimentos. Então, estão fazendo uso dos recursos tecnológicos para manterem os vínculos com os colegas da escola, com os familiares distantes e/ou de grupo de risco”, destacou.

Aprendendo a se reinventar

Embora a pandemia seja um momento universal difícil, a psicopedagoga Izabel Nicolau observou que sempre ocorreram situações semelhantes no passado, grandes desastres ecológicos que geraram traumas em crianças, guerras e outras pandemias na História. “As pessoas tiveram que se reinventar, se adaptar, ser resilientes, não só adultos, mas de todas as idades”, observou Izabel Nicolau.

Ela avaliou que esta é mais uma tragédia que torna necessária uma atenção especial com as crianças e com a geração futura. “Temos que buscar sempre o melhor para tentar amenizar as cicatrizes. É preciso reconhecer que as tragédias existem e temos que fazer um esforço para trabalhar a recuperação, hoje mais emocional e envolvendo toda a família”, ensinou.

Certamente, nem toda criança ou adolescente vai conseguir sair forte desse momento. Isso, conforme a psicopedagoga, depende de como a família está trabalhando. Muitas crianças vão se sentir frustradas porque naturalmente elas são egoístas, individualistas, querem brincar, ver o coleguinha. Por isso, os pais devem ter cuidado no que falam, como falam e tentar ter mais empatia e respeito pela criança que não entende tão bem quanto os adultos esse momento.

Todos sofrem de alguma forma, mas existe o que está mais vulnerável emocionalmente pela questão econômica, do ambiente familiar. Uma criança que vive uma si-

As crianças sentirão as mudanças causadas pela pandemia por bastante tempo e de maneira diferente entre elas

tuação economicamente mais confortável, vai sofrer menos. O impacto econômico, como observou a psicopedagoga, é muito grande. “É muito cedo para dizer como será essa geração, saber o quanto foi afetada emocionalmente. Com certeza, os especialistas estão preocupados com isso e estudando esse impacto nessa geração. Situações como terremoto, uma guerra, são pontuais, mas essa é universal, toda uma geração está sendo afetada, não somente um país ou uma cultura”, completou.

“Eu acho que tem um lado mais positivo que negativo, mas infelizmente o convívio diário, sem ter privacidade, promove um desgaste. O fato de estar muito tempo dentro de casa pode gerar brigas, a violência doméstica. Por um tempo, isso foi bom porque muitas famílias conseguiram se aproximar, mas outro ano da mesma forma, não sei se seria tão positivo”, observou a psicopedagoga Izabel Nicolau. “Não tem como dizer que a pandemia é da mesma forma para todas as famílias. A tempestade é para todos, mas o barco é diferente”, observou.

Um novo mundo e amadurecimento mais rápido

As crianças estão reclusas dentro das próprias casas, conversas via redes sociais e chamadas de vídeo, aulas remotas, relações humanas cada vez mais distantes. O cenário é bem diferente de janeiro de 2020, quando Maria Eduarda teve uma bela festa do aniversário de 9 anos. Reuniu a criançada do condomínio onde mora e todos se divertiram naquele sábado de verão. Em janeiro de 2021, ela completou dez anos e a expectativa de repetir a dose foi frustrada diante da realidade de uma pandemia que parece longe de ser controlada.

“A falta nas brincadeiras dos finais de tarde, a falta de risadas e agitação tem esfriado as crianças. No começo, era diferente, um mix

de estresse, isolamento e tristeza. Agora, estão acostumando a serem isolados. Percebemos que apesar do empenho de brincar em casa, virou uma rotina padrão, o plus não existe mais”, declarou Naiara de Moraes Moretti, microempresária na área de costura, mãe de Matheus, 15, Maria Eduarda, 10, e Arthur, 4.

“Cada semana é uma tentativa nova, desenhar, imprimir desenhos para pintar, brincadeiras e muita conversa. Tentamos falar ao máximo com os familiares por vídeo para não perderem o lado afetivo e a preocupação com os demais familiares e amigos. Percebemos que nossos filhos amadureceram muito, criaram um senso de proteção da casa”, relatou Naiara.

E essa mudança foi mais perceptível poucos dias atrás, quando os sete moradores da casa – Naiara, os pais, o marido e os três filhos – pegaram covid-19. Alex Moretti, pai das crianças, ficou internado uma semana com a esposa de acompanhante. Os avós, Antônio Moraes e Fátima Godoy, de 66 e 65 anos, ficaram acamados, mas em casa, e as crianças, assintomáticas conduzindo as tarefas domésticas. “É fato que as crianças cuidaram da casa e dos avós. Quando retornamos do hospital, vimos um Matheus, Maria Eduarda e o Arthur totalmente cuidadores. Então, a pandemia afetou nossa família com um amadurecimento em 360 graus, e que irá refletir positivamente na vida deles” ressaltou Naiara.

Isolamento foi difícil

A aproximação das pessoas dentro de casa devido ao distanciamento social pode ser considerada um lado positivo em meio ao caos gerado pela pandemia, mas em algumas situações não foi tão positivo, principalmente quando tudo começou, em 2020. “No início, foi muito ruim e, pelo contrário, não gerou aproximação, mas sim discussões e problemas. As pessoas não sabiam trabalhar em casa. Você está em uma reunião ou conversa e seu filho pula no seu colo, cantando, falando alto”, relatou Naiara Moretti.

Agora, um ano depois, as coisas ficaram mais simples. “Todos entendem que trabalho, família, escola é junto e misturado, porém com regras que foram sendo amadurecidas e ajustadas dia a dia, e agora sim, vemos uma aproximação familiar”, acrescentou.



Naiara de Moraes e o marido Alex Moretti afirmam que a pandemia deixou Matheus, Maria Eduarda e Arthur “mais cuidadores”

Down: amor e acolhimento para vencer o preconceito

Funad atende, com equipe especializada, 158 pessoas portadoras da síndrome, assim como os seus familiares

Carol Cassoli
Especial para A União

Flamenguista roxo, Geraldo Gomes é apaixonado por esportes. E mesmo nunca tendo trabalhado com carteira assinada, dedicou a vida ao que ama: praticar exercícios físicos. Geraldinho, como é carinhosamente chamado pelos mais próximos, é tetracampeão de natação, dançarino e ainda arrisca uma pelada de vez em quando. Bom competidor, o paraibano diz que gosta de assistir e jogar futebol e não perde uma partida do time de coração. “Eu sei ganhar muito bem, mas também sei perder. Isso que é bom”, afirma ao mostrar a bandeira preta e vermelha pendurada na parede do quarto e dizer que, em 44 anos de vida, nunca se decepcionou com o Flamengo.

Muito afetuoso, Geraldinho reflete a história de um grupo inteiro de pessoas: os portadores da Síndrome de Down e seus familiares. “Eu quero sempre agradecer quem se lembra de nós, porque não é sempre que isso acontece”, destaca o rapaz portador da síndrome.

Hoje, 21 de março, é o Dia Internacional da Síndrome de Down. A data, que se volta à luta pela inclusão social e conquista de direitos das pessoas com Down, revela inúmeras histórias de

famílias que convivem com a síndrome e superam dificuldades impostas pela rotina e pelas pessoas também.

Mãe de três filhos, Maria do Céu Gomes, encontrou na mais nova o desafio de aprender a lidar com uma criança com a síndrome. “Quando Maria Clara nasceu e o médico me falou que ela tinha Síndrome de Down, fiquei três meses de luto, chorando”, explica a mãe, que não sabia muito sobre o que era a síndrome e que nunca esperou que pudesse ter um filho com deficiência.

Depois de sofrer muito, a mulher conta que decidiu tomar uma atitude: trouxe a filha de Araruna à capital para dar início ao tratamento oferecido pela Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (Funad). Hoje, aos nove anos, Maria Clara - que é muito carinhosa com idosos e ama também os animais - já adquiriu autonomia em diversas tarefas, como higiene e asseio pessoal. “Vesti a camisa, fui à luta e sempre estou estimulando ela para a vida”, comenta Maria do Céu ao destacar a importância do incentivo à autonomia da criança com Down.

Funad e Down

Na intenção de abraçar a causa, a Funad gera uma rede de apoio contra o preconceito com pessoas porta-

doras da Síndrome de Down. Na última semana houve uma programação para lembrar dia destinado à luta. Durante o evento, cujo tema foi “#Conectar”, ocorreram mobilizações virtuais pela visibilidade da pessoa com Down e atividades midiáticas.

Atualmente, a Funad atende 158 usuários com a Síndrome, bem como suas famílias também. Kaila Alves, psicopedagoga da Coordenação de Educação Integrada da Funad (Codam), explica que o atendimento ao público é feito semanalmente com o intuito de preparar o indivíduo para a sociedade. “Temos uma equipe multiprofissional. São psicólogos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e outros profissionais envolvidos no processo”, detalha Kaila, que lembra que a Fundação encaminha o usuário até o mercado de trabalho também.

O trabalho realizado pela Fundação é de extrema importância para o desenvolvimento dos usuários e para a aceitação dos familiares. Maria do Céu conta que os funcionários da Funad representam muito na vida da pequena Maria Clara Gomes. “Só tenho a agradecer pelo apoio da Funad. Lá as famílias são bem acolhidas e apoiadas psicologicamente”, comenta Maria do Céu.



Geraldinho, 44 anos, portador da Síndrome de Down, com a parceira de dança: “Eu quero sempre agradecer quem se lembra de nós”

Síndrome é uma alteração genética e não doença

Ao contrário do que muitos pensam, a Síndrome de Down não é uma doença. Na verdade, ela é resultado de uma alteração na divisão celular em que as pessoas têm um cromossomo a mais. E, por isso, os portadores da síndrome têm três cromossomos 21 que, ao longo da vida, provocam atrasos no desenvolvimento intelectual.

Embora não seja uma doença, a alteração do material genético pode, com o decorrer do tempo, ser identificada como uma deficiência. Isto porque, aos 7 anos, uma criança sem a trissomia do cromossomo 21 já tem seu intelecto desenvolvido para iniciar a caminhada rumo à autonomia. Entretanto, em determinados casos, o indivíduo que não passa por acompanhamento ou que não apresenta a mesma evolução do tratamento que outras pessoas, pode apresentar deficiência cognitiva. Neste caso, a síndrome ser apenas

uma alteração e passa a ser considerada deficiência popularmente identificada pela característica física mais evidente e pelas atitudes mais comuns: os olhos amendoados e o aspecto carinhoso. Por este mesmo motivo, a trissomia também é conhecida como “genética do amor”.

Pandemia e Down

Apesar de ser muito ativo, Geraldinho reclama da pandemia. Para ele, que mora com os pais, os dois irmãos e tem muitos amigos, a covid-19 só atrapalhou. “Sinto saudade demais de todo mundo! Hoje eu falo com eles pelo WhatsApp mesmo, mas Ave Maria, essa covid estragou tudo. Eu, que sou atleta, não posso nem ir pra academia mais”, lamenta o colecionador de itens esportivos.

Se a pandemia perturbou a interação de Geraldinho, dificultou muito mais o desenvolvimento do menino, de 4

anos, já sofria com o ensino presencial, porque a escola não adaptava as atividades para ele. No entanto, atualmente, a situação piorou. A dona de casa Francielle Mazarin, mãe do garoto, relata que enfrenta dificuldades para ensiná-lo em casa, pois, mesmo Arthur sendo uma criança dócil e muito receptiva aos ensinamentos, há problemas para engajar o menino. “Ele faz acompanhamento na Funad desde os dois anos. Ano passado frequentou a escola por apenas dois meses e, por causa da pandemia, não foi mais. Tenho ensinado em casa, mas tenho dificuldades em preparar atividades”, explica Francielle, que procura contornar a situação seguindo pedagogos nas redes sociais e procurando na internet atividades que estimulem o filho.

Para ajudar as famílias que se encontram em situações parecidas com a de Francielle e Arthur, a mediadora escolar Anna Patrícia Cordeiro destaca que um olhar acolhedor faz toda a diferença na sociedade e na integração de crianças com Down. A mediadora salienta que as práticas educativas fazem toda a diferença na hora da inclusão. “As atividades lúdicas são importantíssimas nesta condução com as crianças com Síndrome de Down, pois favorecem o desenvolvimento de múltiplas habilidades”, relata Anna Patrícia. Dentre as competências geradas estão as funções do plano cognitivo, emocional e motriz.

Neste sentido, Anna Patrícia Cordeiro, enfatiza a importância dos esportes, por exemplo, na vida de crianças atípicas para que, no futuro, elas sejam expansivas como Geraldo. “Entender este mundo do cromossomo do amor é o melhor caminho para chegar a uma construção prazerosa e singular no tocante à descoberta do ‘ser capaz’”, finaliza.

Acolhimento, amor, apoio familiar e o acompanhamento profissional feito pela Funad visando a integração social fizeram com que Ana Clara, aos 9 anos, portadora da síndrome, desenvolvesse autonomia para várias atividades



Os especialistas observam que o melhor é fazer a chamada "higiene do sono", através de atitudes como ter um horário para dormir, evitar ver televisão no quarto e usar o quarto só pra dormir, isto é, ler e estudar em outro ambiente

Insônia pode se tornar crônica e gerar transtornos ao indivíduo

Existem episódios que podem estar relacionados a fatores individuais, como expectativas e problemas clínicos, dentre outros

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

A insônia é definida pelo Ministério da Saúde (MS) como a "dificuldade de iniciar o sono, mantê-lo durante a noite de forma contínua ou despertar antes do horário desejado". Assim, existem episódios de insônia que podem estar relacionados a fatores individuais como: expectativas (viagem, compromissos, prova), problemas clínicos, questões emocionais passageiras ou excitação associada a algum evento.

Porém, o problema pode se tornar crônico e gerar transtornos à rotina da pessoa, conforme afirma o neurologista Ronaldo Bezerra. "A insônia pode levar a uma ir-

ritabilidade diurna e às vezes sonolência durante o dia", explicou.

A Associação Brasileira do Sono (ABS), por sua vez, entende que dormir pouco, privando-se de sono, altera negativamente o humor e as funções psíquicas complexas como tomada de decisões, aprendizagem, memória e pensamento. Inclusive, o sono reparador é essencial para o fortalecimento do sistema imunológico, que, junto as outras defesas do organismo, é importante na prevenção e combate à covid-19.

Para regularizar o sono, alguns pacientes optam por medicamentos com efeitos colaterais que trazem sonolência, dando uma sensação de sedação, mas que não são

medicamentos específicos para dormir, como os antialérgicos ou para melhorar o enjôo.

No entanto, o neurologista Ronaldo Bezerra alerta para este aumento no número de pessoas dependentes de remédios para dormir e orienta que não são todos os antialérgicos que causam sonolência, apenas aqueles mais antigos, como a Prometazina (antialérgico e Dramim (para náuseas).

"O uso contínuo de antialérgico leva a ressecamento de mucosas. No caso a sonolência é por efeito colateral. A medicação pra insônia só é pra ser usada após terapia cognitiva-comportamental para insônia", esclareceu.

O especialista observa que o melhor é fazer a chamada higiene do sono, através de atitudes como ter um horário para dormir, evitar ver televisão no quarto, usar o quarto pra dormir, isto é ler e estudar em outro ambiente. Além disso, deve-se evitar estimulantes como café, coca-cola, guaraná e alguns tipos de chás após às 18h. A atividade física e uma boa alimentação também ajudam a melhorar o problema.

O médico afirma que a medicação específica pra insônia precisa ser indicada pelo profissional de saúde. "As medicações para insônia têm que se ter um diagnóstico prévio, excluir diagnóstico de origem psiquiátrica ou algum transtorno do sono

(doença do sono que são várias). Por isso a consulta ao psiquiatra e neurologista é indicada", orientou Ronaldo Bezerra.

Causas

Ainda segundo o Ministério da Saúde, a insônia pode estar associada a vários fatores, pois algumas pessoas possuem maior tendência ao problema e quando expostas a condições de estresse, doenças ou mudança de hábitos, desenvolvem episódios que podem se prolongar.

Isto ocorre principalmente porque o indivíduo geralmente associa as dificuldades de dormir a comportamentos como esforço para dormir, permanência

na cama só para descansar, elaboração de pensamentos e planejamentos na hora de dormir, atenção às suas preocupações, atenção a fenômenos do ambiente, como ruídos e quem está dormindo, provocando uma supervalorização destes fatos, realimentando a falta de sono.

A atividade física e uma boa alimentação ajudam a melhorar o problema da insônia, além de uma medicação específica indicada pelo profissional de saúde

+ ABMS constata piora do problema no período da pandemia

Um estudo realizado pela Associação Brasileira de Medicina do Sono (ABMS) e da Associação Brasileira do Sono (ABS), em 2020 revelou

que 41,4% dos profissionais de saúde entrevistados apresentam insônia e 13% dos entrevistados iniciaram tratamento medicamentoso

para o problema durante a pandemia.

Mais de 50% dos entrevistados, atendem ou já atenderam pacientes na linha

de frente contra a covid-19, sendo a maioria técnicos ou auxiliares de enfermagem, enfermeiros e médicos. Entre os fatores associados às no-

vas queixas ou piora da insônia estão o sexo feminino; a redução da renda, alterações de peso e ter desenvolvido Burnout.

Padrões de sono mudam muito nos primeiros anos de vida

De acordo com a ABS, ao nascer, o bebê ainda expressa episódios de sono e de vigília (período acordado) dispersos ao longo das 24 horas. Um ciclo mais organizado, apenas surge por volta dos dois meses de idade quando o sono se concentra mais durante a noite e a vigília de dia.

Entre o terceiro e o quarto mês de vida, o sono noturno e os cochilos diurnos são melhor definidos. Porém, os padrões temporais do ciclo sono-vigília estão sempre mudando nos primeiros anos de vida. Assim, na idade escolar (cinco a sete anos), a maioria das crianças costuma

acordar e dormir mais cedo.

E é na fase escolar que a linguagem escrita é estimulada. Mas, o bom desempenho de todas as atividades é influenciado pela qualidade do sono, já que este é fundamental para solidificar as memórias do aprendizado ocorrido durante o dia.

Porém, os pequenos tam-

bém podem sofrer distúrbios do sono. Nesse caso, o

neurologista Ronaldo Bezerra afirma que o pediatra ao avaliar a criança, vai no máximo indicar agentes fitoterápicos como também orientar hábitos saudáveis, como uma dieta leve à noite e proibir uso de jogos antes

de ir pra cama.

"Deve-se estabelecer horários para dormir, de preferência cedo, identificar causas de stress e ansiedade na criança. Como também identificar se a criança tem Transtorno de Atenção e Hiperatividade (TDAH)", finalizou.



Igreja em homenagem a São Sebastião, padroeiro do município, erguida em meados do século passado e que chama a atenção pela sua beleza



São Sebastião do Umbuzeiro e suas histórias de fé e amor

Município nasceu na rota do comércio para o Sertão paraibano e tem na agricultura e no comércio a base econômica

José Alves
zavieira2@gmail.com

Localizado na Região Geográfica Imediata de Monteiro, o município de São Sebastião do Umbuzeiro, com 3.411 habitantes, segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem como carro-chefe da economia a caprinocultura e a ovinocultura, animais que fornecem o leite e o queijo como fonte de renda dos criadores. A população, de um modo geral, está dividida entre agricultores, comerciantes e servidores municipais.

Segundo a secretária de Assistência Social e Desenvolvimento Humano, Joaquina Gomes da Silva, a maioria dos são-sebastianenses são agricultores que plantam e cultivam o tomate e outros

legumes. “Mesmo sendo uma cidade de pessoas de baixa renda, São Sebastião do Umbuzeiro tem mais da metade de suas ruas calçadas e saneadas, ou seja, os avanços em infraestrutura estão indo bem”, disse a secretária.

Ela enfatizou que a maior atração turística da cidade, é a festa do padroeiro São Sebastião, que já ganhou o status por ser uma das maiores festas do Cariri paraibano. “São dez dias de festa que atrai milhares de pessoas de diversos municípios paraibanos no período de 10 a 20 de janeiro com atrações musicais locais e nacionais”.

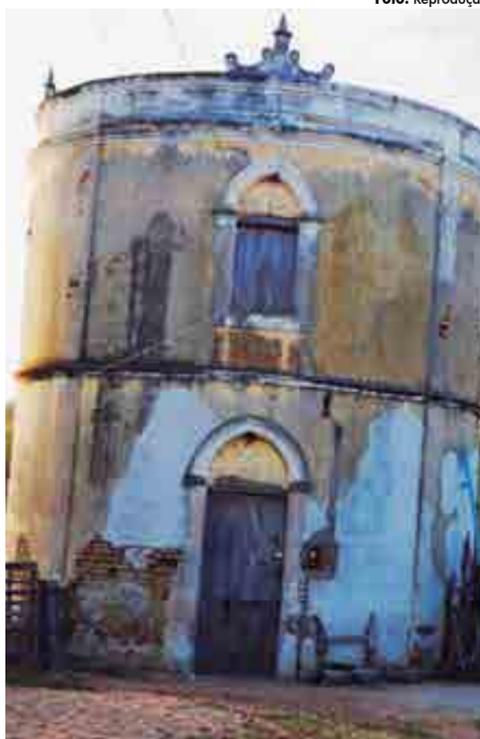
Este ano, por causa da pandemia do novo coronavírus, Joaquina informou que a festa se resumiu à parte religiosa com as novenas e missas sendo realizadas

através das redes sociais. Os festejos profanos foram todos adiados. “Outra festa bastante prestigiada pelos moradores da região é a festa de emancipação política do município que todos os anos se realiza no dia 8 de junho”.

São Sebastião do Umbuzeiro é um município do estado que está localizado na Região Geográfica Imediata de Monteiro, no Cariri paraibano, numa área de 461 km².

O município está incluído na área geográfica de abrangência do Semiárido brasileiro, definida pelo Ministério da Integração Nacional em 2005, e fica a 319 quilômetros de João Pessoa. São Sebastião se limita com os seguintes municípios: Monteiro, Arcoverde, São João do Tigre, Zabelê e com o distrito de Henrique Dias pertencente à cidade de Sertânia, Pernambuco.

Foto: Reprodução



A Casa Redonda

Uma casa construída para abrigar um presente de amor. Relatos contados no município apontam que por volta de 1850, um rapaz de nome Gustavo, filho do coronel Laurentino Ferreira da Costa, homem rico e influente na região, foi estudar em Recife, onde se apaixonou. A amada teria lhe apresentado um “abacaxi” de porcelana de uns quarenta centímetros de altura. A fruta, na verdade, era uma pinha, símbolo de longevidade, imortalidade, fidelidade, fertilidade e sexualidade masculina. Gustavo gostou tanto do presente que decidiu colocá-lo num lugar de destaque. Ajudado por um engenheiro, ele construiu no sítio do seu pai, em Cacimbas, uma casa redonda com um primeiro andar, onde colocou o presente. O rapaz acabou morrendo antes de se casar após sofrer uma pancada na cabeça quando estava a cavalo.

+ Indicadores educacionais e econômicos apresentam melhora

De acordo com estatística do IBGE, a escolaridade da população adulta em 2010 era a seguinte: 28,58% da população de 18 anos ou mais de idade tinha completado o Ensino Fundamental e 18,35% o Ensino Médio. Esse indicador carrega uma grande inércia, em função do peso das gerações mais antigas e de menos escolaridade. Mas os números mostraram que a taxa de analfabetismo da população de 18 anos ou mais

diminuiu 22,29% nas últimas duas décadas.

Quanto a renda per capita média de São Sebastião do Umbuzeiro, os números mostram que ela cresceu 125,13% nas últimas duas décadas, passando de R\$116,84 em 1991 para R\$263,04 em 2010. A taxa média anual de crescimento foi de 46,86% no primeiro período e 53,30% no segundo. Por outro lado, os estudos mostram que a extrema pobreza (medida pela porção

de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 70,00, passou de 34,19% em 1991 para 15,15% em 2010.

Ainda de acordo com levantamentos feitos pelo IBGE, Entre 2000 e 2010, a taxa de atividade da população de 18 anos ou mais (ou seja, o percentual dessa população que era economicamente ativa) passou de 66,64% em 2000 para 72,15% em 2010 mostrando que houve uma me-

lhora. Ao mesmo tempo, sua taxa de desocupação (ou seja, o percentual da população economicamente ativa que estava desocupada) passou de 3,43% em 2000 para 7,14% em 2010.

Em 2010, das pessoas ocupadas na faixa etária de 18 anos ou mais, 59,31% trabalhavam no setor agropecuário, 0,22% na indústria extrativa, 2,72% na indústria de transformação, 2,35% no setor de construção, 1,28% nos setores

de utilidade pública, 5,25% no comércio e 27,03% no setor de serviços.

O prefeito eleito na cidade de São Sebastião do Umbuzeiro nas últimas eleições foi o Adriano Wolff (DEM). No pleito, o candidato derrotou Luis Filho, que ficou em segundo lugar com 22,11% (567 votos). A eleição no município teve 12,41% de abstenção, 1,6% votos brancos e 3,27% votos nulos. Adriano Wolff tem 48 anos.

Local de descanso de tropeiros deu origem ao município

Contam os historiadores que o município de São Sebastião do Umbuzeiro teve origem em razão da sombra de um pé de umbu localizado na nascente do Rio Paraíba nos Cariris Velhos. Foi exatamente na sombra daquela árvore frondosa que dezenas de tropeiros que vinham de Pernambuco com destino ao

Sertão paraibano, tiveram a ideia de parar para descansar de suas viagens. Com o passar do tempo, a sombra do pé de umbu tornou-se um ponto de encontro dos tropeiros. Na época, por volta de 1838 o Padre José Gomes Pequeno, celebrou a primeira missa no local.

Em 1869, o capitão Ma-

riano José das Neves, um dos simpatizantes da região, fez uma doação de um patrimônio de 30,25 hectares ao seu santo católico querido, São Sebastião, onde foi iniciada a construção das primeiras casas da localidade. E também, a construção da primeira Capela, onde no futuro seria fundada a cidade de São Se-

bastião do Umbuzeiro.

Por volta de 1912, Dom Adalberto Aurélio de Miranda Henrique, funda a Paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro, desmembrando-a da cidade de Monteiro, já que o povoado pertencia politicamente ao município de Monteiro. Período que o povoado sofreu com a violência do “Cangaço” que

na época deixou um rastro de sangue com 9 mortos.

Mas foi em 1946 que o Frei Mauro Joester, holandês com missão no Brasil, deu início a uma grande obra, fazendo da pequena capela uma grande igreja, dando mais um passo importante para a história do município, que foi emancipado no dia 8 de junho de 1959.



Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

Um espetáculo que resgata e homenageia as tradições afroindígenas será exibido através da Internet neste domingo. *Xirê do Agoiê* faz um mergulho nos axés dos orixás através dos quatro elementos: fogo, terra, água e ar com suas músicas, poesias e performances de dança.

A partir das 19h, no canal do YouTube do grupo Agoiê, o espetáculo vai ao ar de forma gratuita, mas os artistas também oferecem a possibilidade de contribuição voluntária através do Sympla e do Pix: agoiesamba@gmail.com.

A produção teve sua estreia pouco antes da pandemia, em fevereiro do ano passado, pela programação do Projeto Cambada, da Funesc. A partir da única apresentação, o grupo sentiu a necessidade e a vontade de levá-la adiante. "A gente pensou em expandir esse espetáculo para todo o aiê, para que todos pudessem acessar, curtir e tocar esse axé", explica Helô Uehara.

Agoiê significa, em iorubá, "com permissão" e faz referência às tradições dos povos indígenas e africanos através do quinteto de músicos. Além de Helô Uehara (cantora e compositora), a formação apresenta Pedro Paz (voz, violão, viola caipira, flauta e sanfona), Wagner Mesquita (cavaquinho e vocais), Mel Vinagre (percussão e vocais) e Naldinho Repick (percussão).

Para esta edição, o grupo conta também com a participação da bailarina Nara Souza, "uma diva na terra, mulher preta, forte, pesquisadora, cheia de encanto e talento, que abrilhantou o espetáculo", define Helô Uehara, apontando a necessidade da redução da equipe devido à pandemia. "Ela sustentou o espetáculo de uma forma linda com toda a sua força e encanto que traz através de seus movimentos corporais".

O Agoiê existe desde 2017 e, segundo Helô, o espetáculo é resultado de "uma gestação de anos". Em suas palavras, "era algo que já vinha na minha cabeça fazer um projeto que envolvesse algumas manifestações artísticas para que fosse uma experiência vivencial

Espetáculo faz resgate de tradições afroindígenas

Neste domingo, na internet, 'Xirê do Agoiê' exalta os orixás através da música, poesia e dança



Foto: Thercles Silva/Divulgação

Projeto do coletivo Agoiê tem foco em manifestações artísticas para que seja uma experiência vivencial relacionada com a ancestralidade negra e indígena

relacionada com o mundo dos orixás, com essa linguagem de exaltação da nossa ancestralidade preta e indígena, tudo com muita honra e respeito. O Agoiê surgiu como uma proposta de coletivo que atraía essa mensagem contra intolerância religiosa, antirracista e de resgate dessa contribuição magnífica do povo preto, indígena, quilombola para as nossas tradições, para a nossa cultura popular".

Foi em 2020 que o grupo realizou a concretização inicial das ideias. "Foi um período de muita força e axé, com um coletivo amoroso e empenhado para fazer com que aquela

realização fosse perfeita dentro do possível, e foi", recorda a vocalista e compositora, que reforça a vontade que ficou de fazer outra edição. "Então, veio a pandemia e, com isso, ficamos pensando em como poderia compor, produzir e editar o projeto para que ele chegasse em quem estivesse precisando de alegria".

As referências do *Xirê do Agoiê* partem, segundo Helô Uehara, das vivências pessoais de cada membro do grupo. "Desde as minhas pesquisas como mulher umbandista, de Pedro enquanto homem preto, de Mel enquanto mulher batuqueira e pesquisadora da

cultura popular, de Wagner enquanto homem carioca que traz a referência do samba do morro, da velha guarda. É uma construção partindo desse lugar de vivência de cada um".

As energias do grupo passam as telas e sintetizam as próprias vontades de amenizar as dores provocadas pela pandemia, que enfrenta, no Brasil, sua fase mais crítica. "Acho que a nossa mensagem traz essa luta contra intolerância religiosa, contra o racismo, contra os preconceitos de forma geral. Além disso, traz o encanto da arte, o axé dos orixás, a alegria do samba, o ar da arte. Acho que a humanidade está preci-

sando de ar. A importância da mensagem trazida pelo espetáculo se fundamenta não só nas lutas, mas na possibilidade de trazer leveza para esse momento sombrio".

O Agoiê reconhece a pandemia como um período para planejamento dos próximos projetos, que incluem a gravação do primeiro EP. "A crise sanitária dificultou bastante o andamento dos nossos encontros, dos nossos ensaios, a possibilidade de gravação. Sem tocar, as nossas estruturas materiais se fragilizam, pois não recebemos cachê. Mas usamos o sonho e o amor pela música para conseguir driblar essas dificuldades

e limitações", reforça. "Devemos nos dedicar agora ao lançamento de nossas músicas nas plataformas digitais para que as pessoas possam acessar, ouvir e promover a nossa arte".



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial do grupo Agoiê no YouTube

"Há uma dificuldade muito maior em conquistar uma relativa visibilidade"

As tradições africanas e indígenas estão presentes em diversas esferas do cotidiano social, por isso esses aspectos não devem ser vistos como algo distante.

A cantora e compositora Helô Uehara argumenta, em relação à cidade de João Pessoa: "ao se deparar com os nomes de bairros como Manaíra, Tambaú e Jaguaribe, a gente já percebe essas influências. São os nomes dos lugares onde a gente frequenta, os rituais que a gente realiza no dia a dia, como usar branco na virada de ano e pular as sete ondinhas, ao ouvir o samba e sentir o tambor tocando fundo no ritmo do nosso coração. Não vejo como desvincular o nosso cotidiano da nossa ancestralidade e viver em equilíbrio", argumenta.

O espetáculo *Xirê do Agoiê* traz, ainda segundo a artista,

"a celebração dessa tradição para que possamos restabelecer o nosso equilíbrio dinâmico neste momento".

Apesar de enraizadas no nosso cotidiano, muitas vezes as tradições mencionadas são razões para seus adeptos confrontarem preconceituosos com argumentos de intolerância religiosa. "Essas questões estão muito relacionadas com os grupos que trazem essas linguagens", comenta Uehara. "Somos um grupo de artistas independentes e temos pares e colegas que também trabalham com essa linguagem. Percebemos que há uma dificuldade muito maior em conquistar uma relativa visibilidade sem passar pelo conceito da censura, do apagamento. É algo estrutural", resume a paraibana.

Como se deve combater esses pensamentos, então?

Helô Uehara afirma: "não desistindo de exaltar e de apreciar essas linguagens, entendendo a importância histórica desses povos para a cultura popular brasileira".

Por enfatizar a importância histórica e cultural como pilares para a nossa sociedade atual, a cantora e compositora do Agoiê finaliza: "espero que o público encontre encanto no evento. Que este encanto seja transcendental e duradouro. Um colo amoroso, quentinho, nutritivo cheio de oxigênio para acalmar a mente, o coração e ter ideias de inspiração para a humanidade".

Gravado no palco do Teatro Santa Roza, localizado na capital paraibana, o *Xirê do Agoiê* tem direção musical assinada por Pedro Paz e direção artística e roteiro da Helô Uehara (com textos da própria vocalista com Jéssica Maia).



Foto: Thercles Silva/Divulgação

Para Uehara, combater o preconceito é não desistir de exaltar as linguagens das tradições africanas

Artigo **Estevam Dedalus**
Sociólogo | colaborador

Ciência, religião e sentido

A ciência se alçou a uma condição de hegemonia nas sociedades modernas. Ela abdicou da noção de causa final aristotélica que implicava na atribuição de sentido ao mundo natural e à história, estabelecendo um campo autônomo de investigação racional.

Cabe à ciência responder como “aconteceriam as coisas”. Suas interrogações estariam no terreno dos fenômenos. Quando a ciência trata da cultura, por exemplo, ela se preocupa com os acontecimentos, alertando sobre os prováveis desdobramentos históricos sem retirar dos homens a capacidade de livre decisão.

O resultado dessa perspectiva foi o aparecimento de novos critérios para validação de conhecimentos objetivos, criando uma ruptura com o pensamento pré-moderno. Os seus pressupostos repousariam sobre o cálculo racional, a impessoalidade, a separação entre fato e valor, o método indutivo de investigação, a matemática e a consequente negação da metafísica.

Esses critérios por mais distantes do terreno religioso, longe de impedir o seu desenvolvimento, permitiram que esse campo se desenvolvesse paralelamente às descobertas científicas. Isso aconteceria por que tais critérios fazem apenas demarcar fronteiras existentes

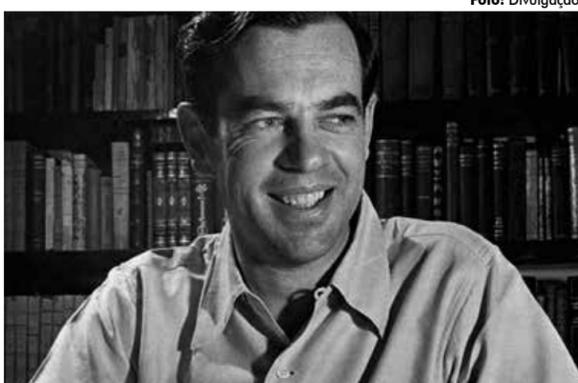


Foto: Divulgação

Joseph Campbell (1904-1987), famoso por seus estudos de mitologia e religião

lógica, parecerá anacrônica ou desprovida de sentido para a vida prática.

O mitólogo Joseph Campbell dizia que “No início, Deus era apenas o mais poderoso entre vários deuses. Era apenas um deus tribal, circunscrito. Então, no século VI, quando os judeus estavam na Babilônia, foi introduzida a noção de um Salvador do mundo, e a divindade bíblica migrou para uma nova dimensão. A única maneira de conservar uma velha tradição é renová-la em função das circunstâncias da época. No tempo do Velho Testamento, o mundo era um pequeno bolo de três camadas, que consistia de algumas centenas de milhas em torno dos centros do Oriente Próximo. Ninguém tinha ouvido falar dos astecas ou dos chineses. Quando o mundo se altera, a religião tem que se transformar.”

entres as diferentes formas de se conhecer.

Como a ciência não possui nenhuma autoridade específica sobre a metafísica e a religião, elas continuam possuindo terrenos próprios de estudo. Quanto mais transformações no mundo forem promovidas pela ciência e técnica, mais se terá necessidade de significados novos. Uma religião que não esteja consciente disso, que não procure se adaptar a esta

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Piazzolla e a arte do corpo

Astor Pantaleon Piazzolla (1921-1992) apresentou, através do tango, a dignidade humana como forma de uma dança do conflito. Ele utilizou técnicas de composições do dodecafonismo e do contraponto para criar uma nova estética musical nos estilos do impressionismo, romantismo e expressionismo. Também incorporou elementos de jazz; usou o minimalismo; adaptou as harmonias e dissonâncias prolongadas; e o contraponto em formas de composição estendidas.

A técnica de compor de Piazzolla permite que cada “sujeito” do grupo afirme sua voz e destaque sua atuação, isso deu visibilidade em cada músico de seu quinteto ao expressar suas peças; outro recurso, influenciado pelo barroco, foi a técnica passacaglia como ideia central para mudanças do jazz, que predominou na maioria das composições maduras de Piazzolla. Ele priorizou a improvisação para enfatizar os sentimentos de democracia e de liberdade entre os músicos. Essa improvisação foi extraída do jazz e – na dinâmica – envolve um vocabulário diferente de escalas e ritmos que permanecem dentro dos parâmetros sonoros do tango. As suas composições unificaram temas do nacionalismo Argentino, e isso fez o mundo se apaixonar pela lindíssima e sedutora Argentina, em especial a partir dos anos 1940 até os dias atuais.

Piazzolla escreveu mais de 300 tangos e outras peças em diferentes gêneros eruditos e populares. Ele sempre priorizou e manteve o respeito para seu público e por outras culturas e relacionamentos; também acolheu com bom humor as críticas que recebia contra seu próprio trabalho, e nunca criou inimizades diante dessas críticas. Piazzolla sempre ajudou profissionalmente os artistas e preservou suas amizades por toda vida. Ele demonstrou o carinho e valorizou as artes dos países que ele conviveu. Piazzolla incorporou o instrumento bandoneon para o seu tango, esse instrumento chegou à região do Rio da Prata no final do século 19 pelos imigrantes alemães, que interpretaram o tango com melodias da habanera e polca.

A musicalidade do tango originou-se das matrizes das danças habanera de Cuba e da polca da região da Boemia do império Austro-Húngaro. Essas duas danças criaram raízes na região do Rio da Prata e influenciaram essa região por ser a iconografia mundial do tango. Naquela região, aproximadamente em 1885, os estivadores criaram o tango a fim de representar a violenta dança de luta com



Foto: Divulgação

Tango é dignidade como forma de uma dança do conflito

trocas de fortes golpes de pernas entre homens abraçados, que mantinham os rostos virados sem existir os olhares entre si, aos ritmos musicais nos cais dos portos. Depois levaram a dança do tango para os prostíbulos das cidades de Buenos Aires e de Montevideú. Naquela época, o tango foi interpretado ao violino, flauta e violão. O ritmo do tango é sincopado por ser uma nota tocada no tempo fraco que se prolonga até o tempo forte, e isso dá robustez a melodia, que desloca o vigor da acentuação e a forte dinâmica do tango. A coreografia do tango é complexa, e as habilidades dos golpes se concentram – mais fortes – nas intensas expressividades que estão representadas nas lutas entre as pernas.

Nos anos de 1910, com o sucesso do Tango em Paris, essa dança recebeu diferentes tendências em seu estilo e incorporou definitivamente a presença da mulher. O tango tem a expressividade da força e da virilidade masculina, e a mulher é sempre submissa as fortes iniciativas masculinas. À mulher não responde aos ataques agressivos do homem, entretanto, elas acompanham e direcionam os fortes movimentos expressivos e enérgicos do homem com leveza e extrema elegância. A mulher – no tango – usa suas curvas e sua sensualidade com suavidade como respostas aos ataques viris do homem, a fim de transformá-los em movimentos de arte. A mulher consegue transformar o embrutecimento e a angústia da luta existencial do homem, em um sentido de arte a humanizar e reeducar a sensibilidade masculina. Os movimentos sensuais e o corpo da mu-

lher constroem a beleza no movimento e une a força masculina com a sensualidade feminina. Os movimentos femininos dão a certeza de que somos uma arte humana viva, porque o movimento do tango constrói a beleza no conflito e constrói a arte como dignidade nas angústias da luta da existência. Assim como no tango e na vida, só é permitido a mulher construir a dignidade onde não se tem. A mulher tem a capacidade de transmitir e construir a beleza de suportar-se e de transformar o conflito humano num diálogo poético, e isso dá sentido à vida e permite a natureza humana ser um estado de arte.

Concluo com o poema do italiano Giovanni Rota Rinaldi (1911-1979), *Bruçia La Terra* (“Queima a Terra”):

*A lua está se queimando no céu
E eu estou me queimando de amor
Fogo que se consome
Como o meu coração*

*A alma chora
Ferida*

*Eu não tenho paz
Que noite terrível
A lua está se queimando no céu
E queimo de amor
Fogo que se consome
Como o meu coração*

*A alma chora
Ferida / Eu não tenho paz
Que noite terrível*

*O tempo passa
Mas nada melhora
Nunca tem sol
Se ela não voltar*

*Minha terra queima
Queima meu coração
Os lugares com água
Eu os amo*

*Eu canto isso
Minhas músicas*

*Se não houver ninguém
Que apareça
Na varanda*

■ Na extensão desse texto, sintaxe convidado para a audição do 310º Domingo Sinfônico, deste dia 21, das 22h às 0h, na Rádio Tabajara FM 105.5 ou baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Irei comentar as contribuições estéticas de Astor Piazzolla.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A Costela da Sra. Streisand

Não sei onde está minha pequena Eva, sequer Seu Adão. As minhas costelas são só costelas, como tudo é e deverá ser.

Domingo passado lembrei da planta Costela de Adão, que só tinha visto no Sertão. Observei que no jardim, com tantas flores e árvores, não temos a Costela de Adão, e olha que essa planta é de origem mexicana, acostumada a climas tropicais. Esquece.

Estava vasculhando a Netflix, procurando uma série de coisas, quando esbarro no filme *O espelho tem duas faces* (1996), dirigido por Barbra Streisand, que nunca foi uma iniciante. Sempre gostei muito da atriz e nunca entendi porque ela e Woody Allen, não fizeram esse filme juntos ou outros filmes, já que as imagens, o tema, tudo me ligou aos filmes de Allen. Se eu estiver errado, me corrijam.

É dela *Yentl* (1983) e o ótimo drama *O príncipe das marés* (1991), o que gerou uma expectativa quanto ao que a diretora faria depois de mostrar que não era apenas uma excelente cantora, mas também, uma diretora ímpar. A resposta veio na forma de uma comédia romântica afinada com as características do subgênero, mas que, ao mesmo tempo, promovia indícios que deram ao filme uma boa sacada, que dura até hoje.

O filme é tão atual, quem não viu, corra e assista. Na trama, *O espelho tem duas faces* nos mostra a personagem Rose Morgan que é interpretado por B. Streisand, que aparece nas primeiras tomadas sem vigor, sem a sensualidade que vaza do palco, uma mulher que conseguiu se transformar numa personagem abandonada.

Rose leva uma vida solitária, mora com a mãe mãe, Hannah (a bela Lauren Bacall), e as aulas e palestras que ministra na faculdade, sem esperança de um dia encontrar um amor. Mas existe esse amor?

Foi através de um anúncio no jornal, que Rose conheceu Gregory Larkin (Jeff Bridges), professor na mesma universidade em que ela trabalha, ele um escritor sem reputação, mas inteligente que sai de casa a procura de uma relação intelectual, pois acredita que foi o romance (e o sexo) o causador de seus problemas com mulheres, e é isso o que ele propõe a Rose. Mas será que tem como manter uma união assim? Bom, precisa ver o filme, eu não posso contar mais.

É uma história louca. Eles ficam tão amigos, que resolvem se casar. Será que essa é a saída?

Pois bem, a dinâmica funcional e delirante de *O espelho tem duas faces*, nos revela muitas faces. Claro que quando a gente vai se casar já tem intimidade com o outro, e o sexo é latente. Mas o espelho revela vastas solidões, rugas e arranhões.

Nem tudo é sexo, nem se insere e talvez por isso muitos não se casam para não ter que ver paletós “bufentos” enlaçando vestidos para matar. É mais curioso ainda perceber isso quando sabemos que esse filme é uma adaptação livre de uma fita de 1958, *Le miroir à deux faces*, de André Cayatte. Mas aí são outros parágrafos.

O filme vai além das nossas vidas, por mostrar o efêmero, principalmente o infinito delírio chamado gozo, que dura segundos, se não me falha a memória, porque nunca acreditei naquela história do escritor blefado chamado Paulo Coelho, que nos coloca num cenário de 11 minutos.

Seu filme é bárbaro, Barbra! E me fez acreditar que a planta Costela de Adão, vive solitária até hoje. A mensagem se intensifica mais ainda na medida em que fica clara a cômica imaturidade emocional do fofo, porém neurótico, Gregory, que acredita num amor intelectual.

A planta Costela de Adão foi só um achado, na hora de fazer um arranjo para enfeitar a casa e terminar esse texto.

Kapetadas

1 – Eu estava pensando, tá tudo tão ruim que o humor pode ser uma tapa na cara da pandemia.

2 - *Selfie* é só pros lindos o resto faz sei lá, uma tese de mestrado.

3 – Som na caixa: “Não, acho que estás te fazendo de tonta / Te dei meus olhos pra tomares conta / Agora conta como hei de partir”, Chico B.



Foto: Divulgação

Atriz e diretora Barbra Streisand em ‘O espelho tem duas faces’ (1996)

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação

Gary Oldman no papel do roteirista Herman Mankiewicz: filme de David Fincher teve 10 indicações à estatueta dourada da Academia



“Mank”: nova aposta da Netflix à premiação do Oscar 2021

Admitindo-se nova onda para o cinema norte-americano da atualidade, quando amplia sua bancada de escrutinadores na seleção dos filmes inscritos para premiação do Oscar 2021, sob pretexto de dar uma “maior diversidade” nas escolhas, inclusive, indicando cineastas brasileiros, não seria prudente esquecer da força que sempre teve essa indústria de cinema de Hollywood. Entusiasmo esse que tem reverberado mundo afora, já a partir da primeira década do século passado, desde o primeiro “rodar da manivela”.

Mesmo hoje, dominadas pela Netflix e as concorrentes Amazon, Google Play, HBO, Sony e tantas outras, tradicionais marcas como a Metro, Warner, Paramount, Universal, sobretudo, sempre estiveram e ainda permanecem do imaginário coletivo de quem realizou e de quem assiste aos filmes por elas produzidos. Ânimo bastante de uma indústria que sempre soube influenciar e eleger suas obras, até fora dos territórios do Tio Sam.

Sabido também é que os bastidores desse cinema traduzem uma das maiores forças econômicas e políticas que já se viu

em toda a história dos Estados Unidos. Grandes magnatas a lideraram (e ainda o fazem, sob novas e cibernéticas marcas), o que fica provado em *Mank*, filme da Netflix que foi disponibilizado no *streaming*, e que trata do *glamour* e das estranhezas desse universo mítico que é Hollywood.

Ao contrário do que ocorreu no recente Globo de Ouro, quando mesmo citado em oito categorias *Mank* foi “esnobado”, segundo noticiou a crítica especializada, esta semana o filme conquistou importantes indicações ao Oscar, pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, como era de se esperar de um filme que tem a cara e trejeitos hollywoodianos. Assim como foi uma outra produção sobre a mesma temática, *Filmando Casablanca*, que comentei aqui havia algum tempo.

Com dez indicações ao Oscar 2021 – de Melhor Filme, Melhor Direção (David Fincher), Melhor Ator para Gary Oldman, vivendo um roteirista de fama, Herman Mankiewicz, mas comprometido com política, bebidas e jogos –, *Mank* é indicado ainda nas categorias de Melhor Atriz

Coadjuvante (Amanda Seyfried), Trilha Sonora, Roteiro, Fotografia, Direção de Arte, Maquiagem e Efeitos Especiais.

O filme é o retrato de uma Hollywood vivendo os instantes da Recessão Americana dos anos 1930, com a indústria de cinema passando por mutações inclusive ideológicas, e não apenas financeira. O roteirista Mank tem posições políticas contrárias à empresa em que trabalha, sendo levado ao ostracismo por um dos magnatas da mídia. No início dos anos 1940, sua relação com a Produtora RKO, por indicação do diretor Orson Welles, consegue retomar sua performance no cinema, escrevendo com o próprio Welles o roteiro do célebre filme *Cidadão Kane* (1941).

Como narrativa e técnica, *Mank* ratifica a mesma linguagem dos filmes tradicionais, com sequências sendo abertas e fechadas utilizando o *fade-in* e o *fade-out*. Além de ter sido filmado em preto & branco, o que, realmente, faz sua narrativa mais expressiva e cinematográfica. – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.



APC: ‘Américo’ agora no YouTube

A Academia Paraibana de Cinema (APC) registra o interesse que vem tendo no YouTube, em número de acessos, a produção paraibana por ela premiada em 2015, *Américo Falcão Peregrino*, lançada um ano após sua premiação pelo Cineclube da Fundação Casa de José Américo (FCJA), com ótima repercussão crítica, e somente agora disponibilizada no streaming por sua produtora, a ASProd.

De autoria de dois integrantes da APC, os professores e cineastas Alex Santos e Manoel Jaime Xavier, com trilha sonora de Adeildo Vieira e atuação de Ricardo Moreira (fazendo o papel-título), a obra audiovisual relembra toda trajetória do vate paraibano de Lucena, Américo Augusto de Sousa Falcão (imortal da APL), e sua influência cultural nos anos 1930, na então Parahyba.

‘Palco Virtual’ apresenta criações de dança feitas durante a pandemia

Neste domingo, a partir das 20h, duas atrações serão apresentadas no Palco Virtual, realizado pelo Itaú Cultural em seu site oficial. Nesta edição, a dança é o fio condutor do trabalho de artistas que se mobilizaram para fazer criações durante o período da pandemia ou de momentos anteriores à discussão sobre a relação física com a cidade e com outros indivíduos – ambas suspensas na atualidade.

A primeira é o videodança *Improviso na Garagem*, trabalho feito em colaboração entre o bailarino Matheus Moreira e o artista visual Jack Bones, ambos de São Paulo. Ocupando a garagem do condomínio onde moram e interagindo com sua arquitetura, eles abordam novas maneiras de corpos e espaços coexistirem em um mundo doente. Assim acontece o duo entre o bailarino e a câmera, no qual a integração investiga possibilidades associadas às limitações impostas pelo estado de

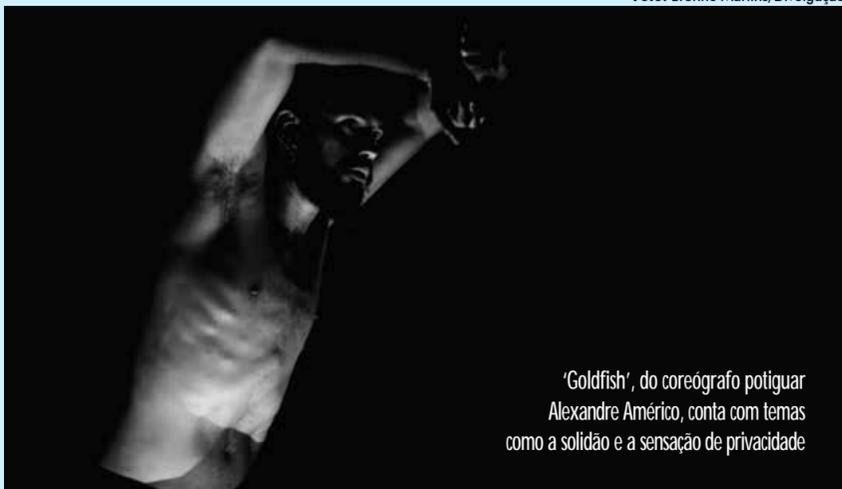


Foto: Bruno Martins/Divulgação

‘Goldfish’, do coreógrafo potiguar Alexandre Américo, conta com temas como a solidão e a sensação de privacidade

quarentena – período no qual o vídeo foi criado.

O espetáculo que fecha a edição do Palco Virtual é *Goldfish*, do coreógrafo Alexandre Américo, do Rio Grande do Norte, que trata da sensação de privacidade. Nesta versão remota da obra, a solidão é aspecto norteador do vídeo, no qual o performer dança enquanto é filmado por uma câmera em perspectiva sub-

jetiva. O trabalho é o resultado de vivências em tempos e formatos distintos: laboratórios em residência artística e vídeos de ensaio, bem como uma transmissão ao vivo por uma plataforma virtual, em plena pandemia.

As apresentações serão pela plataforma Zoom e os ingressos via Sympla. Mais informações no site da instituição (itaucultural.org.br).



Através do QR Code acima, acesse o site oficial do Itaú Cultural

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Origens do poema

“Faço versos como quem morre”, dizia meu compadre Manuel Bandeira. Respeito muito estes versos e sofro ainda mais com a sua beleza triste e desesperada. Manuel é dos meus. Me ensinou tantas coisas da lavoura do poema. Dos seus traquejos e da sua técnica. Só que comigo é diferente. Faço versos como quem vive. E meus poemas, o que tem de melhor é o estrume da vida, com suas vilezas e volúpias.

Não acredito que a poesia seja apenas invenção da linguagem. A linguagem pode dar poema. Poesia, nunca. A poesia é um mistério tão grande, tão indecifrável, tão indefinível, que pode existir antes e depois da linguagem. Diria mesmo que a poesia se dá pelos afluentes da vida vivida e da vida descoberta, habitando bem dentro do espanto das coisas e suas secretas liturgias.

O problema maior, o problema visceral, o nervo da questão, é transformar esse magma de emoções, de sensações, de percepções, de sentimentos, num cristal feito de palavras e melodia que seria o poema. E isto é difícil e não é para todos, embora muitos corram, sem temer, o perigo de tal empreitada.

Esses fracassam, com suas parcas palavras, com sua vivência convencional, com seu olhar mecânico, com seu poema menor, diante da verdade e da beleza ancestrais da experiência poética.

Mas esses poetas, os menores, os ruins, os fracassados, são uma bênção. Como deuses enviados e como cifras promissoras, parecem preparar o terreno e limpar o canteiro para que o poeta de verdade venha fazer o poema que não foi feito. Que eles, poetas sem jeito, tão somente intuíram, sem lograr o êxito necessário a uma boa realização.

Eu mesmo, que nunca me achei lá essas coisas, faço poemas, não raro, para corrigir o poema alheio. Tentar, em meio ao mero borrão, um outro concerto em que imagem e musicalidade se equilibrem na compactação da ideia.

Vida afora tenho encontrado tanto ouro legítimo perdido por falta de uma boa bateia. Não duvido de que esta seja uma forma disfarçada de Deus me dá o primeiro verso, como queria Valéry. Tudo é muito rápido, como que um relâmpago iluminando a crosta da noite devastada.

Há muita prosa apenas cortada como se fora verso. Prosa até poética, porém indiferente ao clamor especial da cadência do poema. De minha parte, adoro esses exercícios de pretensão e inabilidade. Creio mesmo que eles possuem uma estranha funcionalidade na elástica esfera da criação.

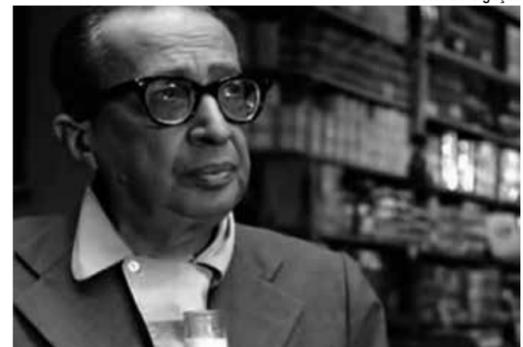
Faço meu poema, assim, procurando reorganizar a ordem de certos vocábulos, cortando os versos de outra forma, tirando e pondo outros verbos e outros substantivos, a fim de gerir, de forma melhor, a sensibilidade para com o tecido concreto das palavras e a ausência completa de imaginação diante do tombadilho do mundo.

Com isto não quero dizer que sou um poeta de verdade. Poeta de verdade é Jorge de Lima. Com Jorge de Lima, por exemplo, e com outros de seu naipe (e não são muitos!), aprendi que o poema não existe se não estiver à altura da metanoia que é poesia.

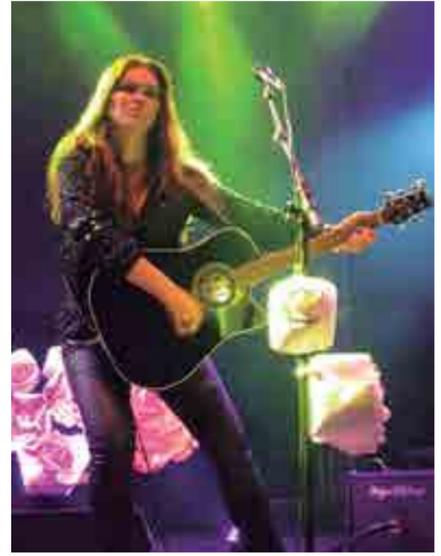
Diante de Dante, Skakespeare, Baudelaire, Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos, Jorge Luís Borges e Carlos Drummond de Andrade, sou simplesmente um leitor. No entanto, diante desses poetas que pipocam, aqui e ali, qual cogumelos de geração espontânea, não duvido de que seja um poeta. Um poeta de província, é verdade, mas ainda assim um poeta.

Com poetas tenho me relacionado sempre, com poetas sempre tenho convivido. Ora com admiração, ora com desprezo. A admiração me paralisa e me revela o exato tamanho que tenho. Fico inteiramente rendido e maravilhado. O desprezo, não. Este me é muito útil e pode parecer paradoxal, mas me fertiliza o processo da criação. Diante do poema ruim, faço logo o meu poema em cima do poema que li e desprezei.

Foto: Divulgação



Manuel Bandeira (1886-1968): “Faço versos como quem morre”



Da esq. para dir.: no encerramento, vão se apresentar Beto Preah Parahyba, na abertura da noite (às 20h), seguido por Pedro Índio Negro (20h30), continuando com Chico Limeira (21h) e terminando com a Renata Arruda (21h30)

#EuFicoEmCasaPB apresenta os últimos shows da edição

Festival chega ao fim após três dias de apresentações gratuitas e intimistas no formato virtual e com artistas locais

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

O encerramento do webfestival #EuFicoEmCasaPB acontece neste domingo, após outros três dias de programação gratuita com artistas paraibanos selecionados através de votação popular. A partir das 20h, Beto Preah Parahyba se apresenta, seguido por Pedro Índio Negro (20h30), Chico Limeira (21h) e Renata Arruda (21h30).

Pedro Índio Negro traz uma apresentação intimista e solo, cantando e tocando violão. "Fiz em uma tomada só, direto, sem edição mesmo", confirma o músico, reforçando o estranhamento do formato de shows à distância, mas reconhecendo a necessidade disso enquanto maneira de prevenir a propagação do vírus. "Até menciono, durante a gravação, que fazer arte é ter essa troca com o público, que não acontece de forma imediata com *lives* ou gravações de vídeos. Mas é a forma que a gente tem de entrar na casa das pessoas e continuar trabalhando".

Acompanhado do próprio violão, Pedro confessa que não domina o instrumento, mas que fez uma base para as canções. "O repertório é pratica-

mente só de inéditas, músicas feitas durante a quarentena que ainda não tinha tocado para ninguém, além de releituras. Está bem difícil encontrar ânimo neste período, mas o fato de poder mostrar coisas novas me trouxe mais energia. Percebo que os artistas têm buscado sair de sua zona de conforto", argumenta.

Junto com as autorais, ele traz novas versões de nomes como Milton Dornellas e João Bosco. "Decidi homenagear o aniversário de Dornellas e também tenho escutado bastante João Bosco", justifica.

O recurso virtual, que já era utilizado por Pedro Índio Negro como maneira informal de se aproximar com o público, quando filmava os ensaios ou bastidores de seu cotidiano, agora ganha o caráter mais profissional para substituição de eventos presenciais. "Acho que o espírito das *lives* se mantém por esse contato humano, que as pessoas também estão sedentas. Acho que do lado de lá elas vão sentir a energia durante o show".

Chico Limeira integra a programação desta noite e percebe a importância dos projetos on-line no momento, em uma apresentação solo e intimista, gravada em

casa. "Sempre gostei muito de acompanhar as *lives* e com o tempo eu entendi que o chat era um tempero muito bacana, algo próximo de encontrarmos os amigos nos shows. Ao gravar a apresentação desta noite, inicialmente estranhei porque sempre gostei muito de fazer a coisa acontecer junto, mas como tinha a carga das *lives* que eu já tinha feito e acompanhado, acabei tocando

conversando com meus amigos e o público que vai conferir, como se fosse ao vivo. O resultado está muito bonito e, para mim, é uma grande sorte poder fazer parte disso".

Para o repertório, ele decidiu mesclar as parcerias e os trabalhos mais recentes. "Vou tocar tanto as novas quanto as do primeiro disco, de 2017, quanto as canções premiadas nas edições do Festival de Mú-

sica da Paraíba, 'Imprópria' e 'Carta Pra Maria'".

Uma música inédita ainda será apresentada: a homenagem à cantora carioca Teresa Cristina, que ganhou bastante reconhecimento com a realização de *lives* durante a pandemia. "É uma mulher forte e completa, professora, rainha, guru. Encerro a minha apresentação no festival com 'Noites de Teresa'".



Através do QR Code acima, acesse o canal no YouTube 'Artistas da Paraíba'

Performance encerra Festival Representa

Hoje acontece a última exibição na Internet do 1º Festival Representa de Artes Cênicas, que apresentou 10 espetáculos através da plataforma Zoom.

Realizado pelo Centro Cultural Piollin, o evento reúne produções de artistas, grupos ou coletivos formados por pessoas LGBTQIA+, negras, indígenas ou por mulheres que compõem o cenário teatral na Paraíba.

A partir das 20h, haverá a sessão virtual do *Corpo-Espetáculo*, produzido pelo grupo de mesmo nome. A performance é uma instalação que traz fotografias em

movimento, desdobradas a partir da repetição de crimes homofóbicos no cotidiano.

A produção revela a hipocrisia da população brasileira acerca da morte de pessoas LGBTQIA+ dentro da rotina, revivendo pessoas brutalmente assassinadas pela homofobia, trazendo manchetes de notícias e nomes de pessoas próximas, que se foram vítimas da homofobia no país que mais mata pessoas trans.

O ingresso individual custa R\$ 10, podendo ser adquirido pelo número de WhatsApp (83) 99689-4424. O link para o acesso à transmissão será enviado uma

hora antes do início da exibição. Além das atrações diárias do evento, há o 'Acervo da Diversidade', com 23 outros espetáculos disponíveis

pelo canal oficial do Piollin no YouTube. Para acesso, o valor mínimo é de R\$ 20, bastando entrar em contato através do número (83) 99824-4728.

Foto: Phil Menezes/Divulgação



'Corpo-Espetáculo' aborda os crimes homofóbicos que são cometidos no cotidiano

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

'Pessach: a travessia' - um marco na obra de Cony

Foto: Divulgação

Logo depois do golpe militar de 1964, Carlos Heitor Cony (que morreu no dia 5 de janeiro de 2018) atacou em crônicas no *Correio da Manhã* a "quartelada" que se proclamava como uma "revolução" (só se fosse uma "revolução de caranguejos", que andam para trás, definiu o escritor). Por causa dessa oposição pela imprensa ao golpe, de primeira hora, respondeu a processos e foi presos várias vezes pelos militares.

Escrevendo naquele jornal, Carlos Heitor Cony (**foto**) se manifestou várias vezes contra o golpe, sendo punido com seis prisões e um processo que o então ministro da Guerra, general Costa e Silva, moveu contra ele por infração prevista na Lei de Segurança Nacional da época. Seus artigos começaram no dia seguinte ao golpe, a 2 de abril de 1964.

Em *Ditadura e ditabranda*, publicado na *Folha de S.Paulo* em março de 2009, o próprio Cony escreveu sobre seus artigos: "Eram violentos e apaixonados justamente porque não entendia direito o que estava acontecendo, a não ser o ritual da opressão".

O processo de Costa e Silva foi instaurado em julho de 1964 e Cony teve como advogado, o ex-ministro Nelson Hungria, que se ofereceu de graça para defendê-lo, chegando

a obter do STF um habeas corpus que descharacterizou o processo, o qual passou a correr não mais pela Lei de Segurança Nacional, mas pela Lei de Imprensa. Cony foi condenado a três meses da prisão.

Eu acompanhava os artigos de Cony e o conheci como romancista ao ler *Pessach: a travessia*. Apesar de "Quase memória" ser seu maior sucesso, considero melhor *Pessach: a travessia*. Este livro tornou-se um marco na obra de Cony. Publicado nos anos de chumbo da ditadura, ajuda a entender os principais conflitos, as estratégias da esquerda no Brasil dos anos 1960 e 70. É também uma analogia da libertação bíblica do povo judeu, ao fugir do antigo Egito e da escravidão. O protagonista, que rejeitava suas origens e não tinha posições políticas, transforma-se em um engajado de todas as formas.

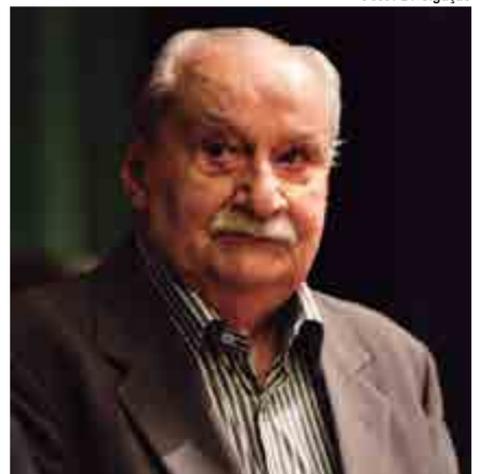
Um trecho de *Pessach: a travessia* proporciona bem o clima do livro. Vamos lá. "Os críticos não chegaram a um acordo sobre os meus livros, mas isso é problema deles. Se tivesse coragem de começar minha

vida novamente, é possível que não repetisse alguns enganos e acertos, mas de qualquer forma, gostaria de repetir esta disponibilidade em que estou agora, no vértice da outra metade. Há otimismo em chamar de metade os 40 anos. Dificilmente chegarei aos 80, mas a metade talvez não seja cronológica, mas intemporal, interior. Pelo menos, é assim que me sinto. Ainda que morra amanhã, essas vinte e quatro horas deverão ser densas como as passas estragadas são densas de açúcar. Há equilíbrio na vida e isso é que a torna monótona.

(...) A lembrança de Teresa me preocupa. Ela pode lembrar-se que faço anos e virá com a gravata de sempre, embrulhada naqueles papéis que as lojas empurram como embalagens de luxo. 40 anos. Teresa talvez não venha, mas Silvío virá. O caso de Silvío. Há duas semanas que ele anda me procurando para conversa séria, eu anotei em minha mesa de trabalho: resolvi o caso de Silvío. Passei duas semanas com esse aviso me aporinhando em cima da mesa, até que ontem, sem lembrar do aniversário de hoje, decidi procurá-lo. Telefonei-lhe. Ele ficou agitado, quis encontrar-se comigo no mesmo instante, mas eu não queria encontro sério com ninguém e - seguindo a mania de adiar marquei o encontro para hoje. O camarada estará aqui antes das 9,

não quis adiantar nada pelo telefone: tem mania de perseguição. Desde que se meteu a salvar o país e que se julga perigoso inimigo da ordem, cujos telefonemas são gravados pelos distritos policiais. No fundo, é um patriota. A Pátria é uma droga".

Em julho de 1964, processo do general Costa e Silva fez com que Cony fosse condenado a três meses de prisão



Valmirinha Queiroga, mãe do ministro da Saúde, o paraibano Marcelo Cartaxo Queiroga, por telefone abençoou o filho para que ele, no alto cargo do Governo Federal, seja veículo para muitas conquistas. **Página 16**



Foto: Divulgação

Foto: Reprodução

Crises, mortes e adesões mexem com o perfil da ALPB em 2 anos

Bancadas virando blocos e "dança das cadeiras" são alguns dos fatores que contribuem para as constantes mudanças

Ademilson José
ademilson2019jose@gmail.com

Em termos de representação partidária e de definição de bancadas, a Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) está, hoje, bastante diferente do perfil e da composição que saiu das urnas nas eleições de 2018, a começar por uma oposição bem mais miúda e com bancadas partidárias passando a ganhar nome de grupo e também de "bloco".

E como uma redefinição só vai acontecer mesmo quando muitos deputados forem obrigados a ter um novo partido para disputar a reeleição, a tendência é que essa situação só venha a mudar (em definitivo?) entre março e abril do próximo ano, período da "janela partidária" para 2022 e das reafiliações.

E essa diferença de perfil em pouco mais de dois anos começou justamente pela própria maior banca-

da, a do PSB, que, pelas urnas, elegeu oito deputados estaduais em novembro de 2018, mas, pouco depois das posses, em janeiro de 2019, se partiu, diante de um "divórcio" inesperado, mas que de fato se consumou entre o ex-governador Ricardo Coutinho (PSB) e o atual governador João Azevêdo (então PSB e hoje no Cidadania).

A partir daí, a bancada do PSB passou a contar com dois blocos. O dos que tam-



bém queriam acompanhar o atual gestor estadual, mas sem abandonar completamente o ex-governador, e o dos que acompanharam João Azevêdo, concordando e até apostando em rompimento definitivo entre as duas lideranças.

Esse bloco do PSB, mais poderoso pela própria natureza dos seus integrantes, ficou composto pelo presidente da Casa, Adriano Galdino (que, de tanto ser chamado, acena para se fi-

liar e comandar o Avante) e pelos deputados Ricardo Barbosa, Hervázio Bezerra e Pollyana Dutra que, esta semana mesmo, ao ser perguntada para onde vai, respondeu praticamente por todos: "O foco do momento são os trabalhos da pandemia e essas questões partidárias não estão no radar". O outro bloco, por sua vez, tem as deputadas Cida Ramos e Estela Isabel e os deputados Jeová Campos e Buba Germano.

O PSB chegou tão forte na Assembleia que a segunda maior bancada tinha apenas a metade do número de deputados do grupo socialista. O Avante elegeu quatro deputados, mas, no ano passado, com a morte de Genival Matias, ficou com apenas três: Tião Gomes, Taciano Diniz e Júnior Araújo. Para o lugar de Matias, foi convocado o suplente Anísio Maia, do PT, que chegou para formar a bancada do "eu sozinho".

Bancadas das urnas e do plenário

Somente mais duas legendas conseguiram fazer bancada também com três deputados: a do Podemos e a do PSDB. A primeira se mantém com os deputados João Gonçalves, Edmilson Soares e Branco Mendes, mas o PSDB se resume a dois porque, também por morte ocorrida no começo deste ano, o partido perdeu o deputado João Henrique e conta, hoje, somente com Camila Toscano e Tovar Correia Lima.

As bancadas que saíram das urnas de 2018 com duplas de deputados são cinco e predominavam do lado da oposição. São as do Patriota, PTB, PSL, Cidadania e Progressistas. Essa última agremiação partidária, por questão de coligação, este ano ganhou mais um inte-

grante: a deputada estadual Jane Panta. Ela virou titular no lugar de João Henrique. Os dois outros do Progressistas já nasceram titulares do mandato: Caio Roberto e Doutora Paula.

Os dois deputados eleitos pelo Patriota nem parece que são do mesmo partido. Wallber Virgolino se mantém na linha de frente do bolsonarismo local, mas, a partir de uma amizade mais estreita com Genival Matias, Felipe Leitão, eleito pelo Patriota, passou a frequentar bem mais as hostes do Avante.

Hoje ele está licenciado e numa secretaria da gestão do prefeito da capital paraibana, Cícero Lucena (Progressistas). Os dois do PTB são Doda de Tião e Wilson Filho; os do PPS (que se transformou no Cidadania) são João Bosco Carneiro e Doutor Érico; e

os do PSL são Cabo Gilberto e Moacir Rodrigues.

Além da formada por Anísio Maia (PT), a bancada do "eu sozinho" envolve outros partidos e quase todas elas continuam sendo as mesmas que saíram das urnas de 2018. A exceção fica somente para a do PRB (Hoje Republicanos) que, ao invés de Nabor Wanderley (hoje na Prefeitura de Patos), conta com Jutay Maneses, o primeiro da lista geral de suplentes que já havia assumido temporariamente alguns vezes e que agora virou titular;

As outras cinco bancadas "individuais" continuam inalteradas e compostas pelos deputados Inácio Falcão (PCdoB); Anderson Monteiro (PSC), Raniery Paulino (MDB); Eduardo Carneiro (PRTB); e, finalmente, Chíó (Rede Sustentabilidade).

Duas mortes alteram suplências

Com duas mortes de titulares, licenças para tratamento de saúde e afastamento para ocupação de outros cargos públicos, a atual legislatura da Assembleia paraibana talvez tenha sido a que, em dois anos, mais convocou suplentes para exercícios temporários ou de titularidade.

As duas mortes – dos deputados estaduais Genival Matias (Avante), ainda no meio do ano passado, e João Henrique (PSDB), no começo deste ano – deram lugar, respectivamente, a Anísio Maia (PT) e a Jane Panta (Progressistas). Ambos já haviam assumido temporariamente e por mais de uma vez: Anísio no lugar do próprio Genival Matias por quatro meses, e Jane Panta no lugar de Doutora Paula, quando essa saiu por quatro meses de licença médica para uma cirurgia.

O outro suplente que virou titular foi Jutahy Meneses. Primeiro ele substituiu Hervázio Bezerra (PSB) quando esse saiu para ser secretário de Esporte do Governo do Estado, e, mais recentemente, Nabor Wanderley e em definitivo. As mortes dos dois titulares também alteraram a ordem dos suplentes. Quem era terceiro, passou, no caso, a ser primeiro, sendo que, para assumir temporária ou definitivamente, não vale a votação, considera-se o fato de o suplente ser da mesma coligação.

É por isso que, mesmo tendo sido o segundo suplente pela ordem de votação, o deputado Lindolfo Pires (Podemos) já assumiu duas vezes, mas continua sem ser titular. Primeiro, ele substituiu Hervázio Bezerra e, agora, substituiu a Doda de Tião.

Junto com Lindolfo, atualmente o plenário da Assembleia tem mais dois suplentes substituindo titulares: Janduhy Carneiro (Patriota) substituiu Felipe Leitão, que foi eleito pelo mesmo partido e que se afastou para ocupar uma secretaria da gestão de Cícero Lucena; e Jullys Roberto (MDB), que já substituiu Raniery Paulino do mesmo partido e, agora, substituiu Caio Roberto (Progressistas).

Outros dois suplentes também já assumiram: Trócolly Júnior (Podemos) e Cláudio Régis (Progressistas). Trócolly por três vezes e nos lugares de Doda de Tião (PTB), Edmilson Soares (Podemos) e Caio Roberto. Já Cláudio Régis, uma única vez, quando Tovar Correia Lima (PSDB) se afastou para assumir a Secretaria do Planejamento da Prefeitura de Campina Grande (PMCG).



Foto: Reprodução

+ Oposição miúda, o G11 e o 'Blocão'

Ao contrário de legislaturas passadas, nesses dois primeiros anos, as movimentações na Assembleia Legislativa são bem mais em torno da "dança das cadeiras" entre titulares e suplentes do que propriamente de embates envolvendo governo e oposição.

É que, paralelamente à divisão do PSB, os deputados subestimaram bancadas e se voltaram para a formação de blocos. Foi assim que nasceu o chamado G11, que marcou mais presença no ano passado e que misturava parlamentares de situação e oposição; e também o "Blocão", uma bancada governista ampliada com parlamentares de "primeira hora", de "apoio crítico" ou que foram eleitos pela oposição, mas aderiram ao governo estadual.

Pelo resultado das urnas, a bancada da oposição era pra contar com 14 (pouco mais de um terço da Casa), mas, a rigor, só tem a metade desse número inicial: sete deputados: Tovar Correia Lima e Camila Toscano, ambos do PSDB, Galego de Souza (Progressistas), Anderson Monteiro (PSC), Cabo Gilberto e Moacir Rodrigues,

os dois do PSL, e Wallber Virgolino (Patriota).

Com eles, pelas oposições, também foram eleitos os deputados Manoel Ludgério (PSD), Eduardo Carneiro (PRTB), Felipe Leitão (Patriota), Raniery Paulino (MDB) e os dois do Progressistas: Doutora Paula e Caio Roberto. Nesse grupo – que pode ser somado pela suplente que virou titular, Jane Panta –, estão os deputados que aderiram de vez ou que, em algumas votações, também são incluídos no "Blocão".

Apesar de quantidade incerta, o "Blocão" (que começou liderado pelo deputado Wilson Filho) terminou por suplantá-lo que tradicionalmente se tinha por bancada governista e que, na atual legislatura, começou sendo liderada pelo deputado Ricardo Barbosa. No começo deste ano, os dois líderes trocaram de posição.

Em termos de liderança, a oposição começou com Raniery Paulino, que agora se encontra – desde o segundo semestre do ano passado – na bancada do governo. Hoje, a oposição é liderada pelo deputado estadual Cabo Gilberto.

Brasil tem número recorde de armas nas mãos da população

Estudiosos da segurança pública garantem que mais armamentos pioram as estatísticas de violência, e não o contrário

Ricardo Westin
Agência Senado

O presidente Jair Bolsonaro tem se empenhado em cumprir a promessa eleitoral de facilitar o acesso dos brasileiros às armas de fogo. Desde que assumiu o Palácio do Planalto, em janeiro de 2019, assinou em torno de 30 normas que, entre outras mudanças, abrandaram as exigências para a posse e o porte, aumentaram a quantidade de armas e munições que o cidadão pode possuir, liberaram o comércio de armas antes restritas às forças de segurança pública e dificultaram a fiscalização e o rastreamento de balas.

A nova política federal vai no caminho contrário ao do Estatuto do Desarmamento, de 2003, que havia endurecido as exigências e afastado as armas da população. O estatuto permanece em vigor, mas parte de suas regras foi afetada pelas recentes medidas presidenciais.

Como resultado da guinada, este é o momento de toda a história nacional em que existem mais armas nas mãos de cidadãos comuns. Em 2019



Ação realizada em 2011 de destruição de armas entregues pela população ao governo após o Estatuto do Desarmamento

e 2020, os brasileiros registraram 320 mil novas armas na Polícia Federal. De 2012 a 2018, o total havia sido de 303 mil. As autorizações concedidas pelo Exército a caçadores, atiradores esportivos e colecionadores de armas também bateram recorde no atual governo — 160 mil nos últimos dois anos contra 70 mil nos sete anos anteriores. O mercado de armas e munições, tanto as de origem nacional quanto as importadas, está extraordinariamente aquecido.

Estudiosos da segurança pública veem com preocupação o armamento da população. De acordo com eles, a literatura científica mostra que mais revólveres, pistolas e afins circulando na sociedade necessariamente pioram as estatísticas de violência letal. Para atiradores, ao contrário, Bolsonaro age de forma acertada. Eles entendem que o cidadão precisa estar armado para proteger sua vida e seu patrimônio.

De acordo com Melina Riso, uma das diretoras do Insti-

Foto: Isaac Amorim/Agência MJ de Notícias

tuto Igarapé (ONG dedicada à segurança pública e aos direitos humanos), a única política pública de Bolsonaro para a área da segurança é a disseminação das armas.

“Quando anuncia que as pessoas têm que se defender com as próprias mãos, o governo está dizendo: ‘Esse não é meu trabalho. Vocês que se virem’. Na verdade, o governo está enganando as pessoas. A segurança pública é uma das primeiras responsabilidades do estado e não pode ser ter-

ceirizada para os cidadãos”, afirma Riso.

“Ao mesmo tempo, o governo vem destruindo a política de segurança que havia sido construída até 2018 com a participação da sociedade civil, dos gestores públicos e das polícias. Tivemos, por exemplo, a aprovação do Sistema Único de Segurança Pública e o estabelecimento de fontes de financiamento para o setor. São avanços vêm sendo sistematicamente ignorados”.

De acordo com Riso, as armas nas mãos de civis, em vez de diminuir a criminalidade, apenas aumentam o número de mortes — sejam homicídios e suicídios, sejam acidentes domésticos. Uma briga de trânsito que na pior hipótese acabaria em agressão física, por exemplo, poderá resultar em assassinato caso um dos envolvidos tenha um revólver dentro do carro.

Um estudo feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em 2013, por ocasião dos dez anos do Estatuto do Desarmamento, mostrou que, após a aprovação da lei, os homicídios por arma de fogo

continuaram crescendo no Brasil, porém num ritmo bem mais lento do que o registrado até então. Os índices de criminalidade não chegaram a cair porque não dependem somente do número de armas à mão, mas também de uma série de outros fatores, como o desemprego e o acesso à educação. A mesma pesquisa do Ipea indicou que, cada vez que o número de armas de fogo em circulação sobe 1% no país, a taxa de homicídio se eleva em 2%.

Para Melina Riso, enxergar as armas como instrumentos de autodefesa é equivocado: “A arma de fogo é um instrumento bom para o ataque, mas não para a defesa. A vítima, mesmo tendo uma arma em casa, não conta com o elemento surpresa. O bandido, quando quer roubar uma casa, planeja o ataque justamente para o momento em que a vítima menos espera. Como a arma para a autodefesa costuma ficar escondida num lugar de difícil acesso, pelo perigo que representa para a família, o cidadão dificilmente consegue alcançá-la a tempo para contra-atacar”.

“Quando o cidadão resolve se armar, ele acaba armando é o bandido”

Isabel Figueiredo, conselheira do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (ONG que, com o Ipea, elabora todo ano o Atlas da Violência), acrescenta que, mesmo com o acesso facilitado, as armas e munições são relativamente caras e, por isso, permanecerão restritas à parcela da população que consegue pagar por elas.

“Assim como o discurso de que a arma protege, também é mentiroso o discurso de que agora todo e qualquer cidadão de bem terá acesso a uma arma para se defender dos bandidos. Existem os custos do curso de tiro, do despachante, das taxas, da arma, da munição. Quem não tem dinheiro não consegue ter arma. Existe uma charge circulando nas redes sociais que mostra um homem dentro de uma loja de armas perguntando ao vendedor: ‘Eu ganho um salário mínimo por mês. Que arma eu posso comprar?’. Ele sai da loja

com um papel de alvo grudado no peito. No fim das contas, ele vai mesmo ser o alvo das armas”.

De acordo com Figueiredo, as armas que alimentam a criminalidade não se originam necessariamente do contrabando. Uma boa parte sai do mercado legal. São revólveres e pistolas que pertenciam a pessoas que as adquiriram seguindo todos os regulamentos, mas acabaram sendo roubadas em assalto ou então vendidas pelos proprietários no mercado negro.

“As pesquisas mostram que pelo menos 40% das armas em situação ilegal que as polícias apreendem no país tiveram origem legal. Os agentes chegam a encontrar armas usadas em crimes que não chegaram a ficar nem um ano com o dono original. Entre a arma legal e a ilegal, a fronteira é muito tênue. Outro discurso equivocado é o de que o bandido

se arma à vontade enquanto o cidadão de bem fica proibido de se armar. A verdade é que, quando o dito cidadão de bem resolve se armar, no fim das contas ele acaba armando é o bandido”.

Isabel Figueiredo já foi diretora da Secretaria Nacional de Segurança Pública (do Ministério da Justiça) e secretária-adjunta da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal. Com base nessa experiência, ela afirma que o governo Bolsonaro tem executado suas ações pró-armas atropelando todos os protocolos básicos de qualquer política pública:

“Política pública é ciência. Exige fazer o diagnóstico do problema, estudar as diferentes formas de enfrentá-lo, analisar as boas práticas nacionais e internacionais, consultar em audiências públicas a avaliação dos especialistas e o desejo da sociedade civil, traçar os objetivos a serem alcançados, es-

colher a estratégia mais adequada para pôr em prática, monitorar os resultados. Isso é o básico. Não temos como fazer política pública sem nos basearmos em evidências. Na literatura, não existe nenhum estudo sério que indique que mais armas nas mãos de civis trazem benefícios para a sociedade. Na atual política pública de segurança, portanto, não há ciência. Quando se pergunta ao governo por que escolheu facilitar o acesso às armas, a resposta é: ‘Porque eu quero, porque eu posso, porque os meus amigos atiradores pediram, porque os meus eleitores extremistas quiseram’”.

De acordo com uma pesquisa de opinião feita pelo Datafolha em julho de 2019, já no governo Bolsonaro, 66% dos entrevistados se declararam contrários à posse de armas de fogo (isto é, a possibilidade de tê-las em casa) e 70% se disseram contrários ao porte

de armas (a possibilidade de circular com elas). Outra sondagem realizada no mês anterior pelo Ibope já havia indicado números parecidos — a posse de armas rejeitada por 61% dos brasileiros e o porte, por 73%.

No entender de Felipe Angeli, um dos gerentes do Instituto Sou da Paz (ONG que estuda a violência), o argumento da legítima defesa é insuficiente para justificar as medidas adotadas pelo governo: “Para se defender, você precisa circular por espaços públicos portando duas armas? Precisa ter uma metralhadora antiáerea 50? Precisa ter um fuzil? Sendo atirador recreativo, precisa ter 60 armas, incluindo 30 que antes eram de uso restrito das forças públicas? O presidente não está atuando pela legítima defesa. Está atuando pela disseminação descontrolada de armas de fogo dos calibres mais letais e perigosos”.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Recitadores seniores brilham nos palcos da Academia de Cordel

Aos noventa e três anos, João Theotônio é o decano dos poetas membros da Academia de Cordel do Vale do Paraíba. Em plena atividade, ele lançou seu livro de sonetos “Essa chama não se apaga”. “Seu Theo”, como é carinhosamente chamado, desfila sua simplicidade e sua poesia nos diversos palcos onde a Academia de Cordel realiza suas tertúlias com as rimas, métricas, cenas teatrais, músicas e outros elementos artísticos de seus associados. Até um mágico, nosso considerado Bartolomeu Xavier, costuma apresentar sua arte do ilusionismo, aparentemente distinta. “No fim, tudo é poesia”, garante Xavier.

“As grandes epopeias, como a Ilíada e a Odisseia, são formadas por histórias divulgadas oralmente pelos chamados ‘aedos’, que as declamavam em praça pública. Então, no início, a poesia era uma coisa para ser falada, cantada. Não existia essa relação exclusiva da leitura. E isso continuou ainda durante a idade média, com os menestrelis”, afirma Bruno Gavranic, ator, dramaturgo e diretor teatral. Nos dias de hoje, os menestrelis continuam declamando seus poemas em público. A Academia de Cordel do Vale do Paraíba vez por outra tem o orgulho de apresentar a declamadora Maria Estela Barata de Queiroz, mãe do nosso estimado confrade Stelo Queiroga. Dona Estela, aos noventa e cinco anos, leva à cena sua voz firme e delicada, dicção perfeita, declamando Olavo Bilac, Cecília Meireles, Jorge de Lima e outros poetas clássicos da literatura brasileira.

O próprio Stelo Queiroga nos conta a trajetória artística de Dona Estela: “Estelinha, como é carinhosamente nomeada, foi a segunda criança entre os sete filhos de Amando e Júlia. Daquele núcleo familiar recebeu, repassou e traz consigo, os ensinamentos de amor e cristandade. Também ali, nasceu o interesse pela arte teatral, vez que o casal (seus pais) costumava promover dramas e encenações caseiras, estimulando os próprios filhos. Órfã de mãe a partir dos 19 anos, Estelinha, em plena Segunda Guerra (1945), recém casada com o soldado do Exército brasileiro, José Olímpio de Queiroga Filho, assumiu a condução dos irmãos, que passaram a morar com ela. Começava assim uma longa jornada dedicada à educação de pessoas. Ao longo dos seus 95 anos de existência, Dona Estela, além dos dez filhos que gerou, deu luz a outros oito que adotou e a chamam de mãe. Dezoito filhos, 47 netos, 44 bisnetos e 2 tataranetas. Orgulhosa da grande prole, ela costuma gabar-se de poder pronunciar a frase: ‘Meu neto, me dá teu neto.’ Viúva a partir de 2011, após 66 anos de vitórias, Estela, entre os muitos dotes artísticos, conserva os de declamar e cantar (dois CDs já gravados em estúdio), além de compor (o segundo CD é de músicas autorais em louvor a Deus). Criou essa gente toda dentro de padrões morais e éticos, estimulando o trabalho, o respeito e o valor do semelhante. A arte sempre teve lugar em nossa casa, incentivada por ela”. Por fim, Stelo declama para sua mãe:

Digo o que de Maria Estela?
Que ela é uma fortaleza?
Que é uma batalhadora,
Um ser de rara grandeza?
Que mais diria eu dela
Que pelo nome é estrela?
Que é alguém diferente
Que viveu pra educar gente
Que conduz com o coração
E criou um batalhão?
E me ensinou ser prudente?
Ou digo só que é Mainha
Que me acolheu em seu seio
Que me serviu de esteio
E até hoje me acarinha?
Diria que ela sozinha
Se desdobrou em amor
E o fez com tal fervor
Que posso dizer até
Semeou em mim a fé
No nosso Deus criador.

Pesquisa paraibana analisa o Programa Mais Médicos

Professores da UFPB, em parceria com colegas de Brasília e da Inglaterra, apontam melhora nos índices de saúde

Renato Félix
Especial para A União

Criado em 2013, o Programa Mais Médicos foi lançado como uma resposta do governo de Dilma Rousseff às manifestações que eclodiram no país naquele ano (e que geraram uma instabilidade política que permanece até hoje) pedindo, então, melhores serviços públicos. Seu lançamento não foi tranquilo: entidades da medicina protestaram pela contratação de profissionais cubanos, que seriam designados para locais do país que tinham dificuldade em receber médicos brasileiros. A pesquisa "Avaliação do Impacto do Programa Mais Médicos no Brasil" faz um levantamento das qualidades e dos problemas do programa, que ainda está em atividade no Brasil, com parte da equipe na Universidade Federal da Paraíba.

"O resultado é bem interessante: mostra a redução da mortalidade por causas evitáveis em municípios que tinham o programa", conta o professor Ricardo de Sousa Soares, que coordena a pes-

quisa na UFPB, médico de família e comunidade, doutor em Modelos de Decisão em Saúde. O trabalho da equipe da UFPB é realizado em colaboração com colegas da Universidade de Brasília e do Imperial College, de Londres, na Inglaterra. O Governo da Paraíba financia a pesquisa através de edital da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FapesqPB), com um recurso de R\$ 149.854,00.

Um primeiro artigo foi publicado em setembro de 2020, na BMC Health Services Research (<http://bit.ly/3cT-1QOL> - em inglês). É o primeiro de uma série. "Os demais estão em fase de submissão ou finalização", explica Soares. "Temos três próximos - dois com recortes específicos da Paraíba". Além das comparações estatísticas na coleta de dados, foram realizadas 56 entrevistas em 15 municípios paraibanos. As entrevistas foram registradas em vídeo e editadas em um documentário chamado "+ Médicos", em parceria com Marcel Vieira, professor do Departamento de Comunicação da UFPB.



Fotos: Divulgação

Programa Mais Médicos foi criado em 2013 e gerou protestos da classe médica brasileira, mas pesquisa revela redução da mortalidade nos municípios assistidos

+ Redução da mortalidade e ampliação do acesso ao SUS

A pesquisa aponta que o Mais Médicos foi associado a um aumento de médicos de atenção primária contratados 15,1 por 100 mil habitantes. No entanto, a substituição em larga escala dos médicos de atenção primária existentes resultaram em um aumento líquido de apenas 5,7 por 100 mil. Com esse efeito, os aumentos de profissionais foram menores nos municípios prioritários. Ainda assim, o programa levou à redução de mortalidade de - 1,06 por 100 mil habitantes anualmente - com maiores benefícios para os municípios onde a densidade de médicos era baixa antes da implementação do programa.

"A própria pesquisa que a gente vem desenvolvendo junto

à Fapesq demonstrou o quanto essa estratégia diminuiu a mortalidade infantil, ampliou o acesso das pessoas no Sistema Único de Saúde na atenção básica ao atendimento por médicos, trouxe muita satisfação da população", afirma o professor Felipe Proenço de Oliveira, também médico de família e comunidade e doutor em Saúde Coletiva. Ele participou da criação do programa, no Ministério da Saúde, em 2013.

O programa levou profissionais de medicina com atendimento diário a municípios que só tinham o serviço em visitas esporádicas. "O programa em poucos meses estava conseguindo viabilizar mais de 8 mil médicos para mais de 2 mil municípios distantes, muitos que

não conseguiam contar com um médico ao longo de todos os dias da semana", lembra. "A gente contabilizou 700 municípios brasileiros nessa condição. Tinham médicos que iam esporadicamente visitar esses municípios. E com o Mais Médicos boa parte desses municípios num curto espaço de tempo já passaram a contar com esse profissional".

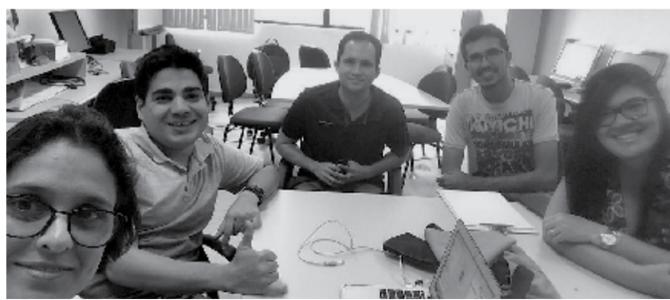
Proenço foi cedido pela UFPB ao ministério em 2012 e gerenciou o Provab (Programa de Valorização do Profissional da Atenção Básica), que mobilizava profissionais (médicos e enfermeiros) brasileiros para que trabalhassem em áreas remotas, de mais difícil acesso.

"Mas, mesmo com uma série de iniciativas do ministério,

continuava a ter um problema importante na escassez de profissionais na atenção básica", conta. "Então a gente passou a fazer todo um estudo com relação à necessidade de profissionais para o Mais Médicos, pensar as estratégias que seriam

necessárias para o programa".

Quando o programa foi lançado, ele foi diretor do Departamento de Planejamento e Regulação da Provisão de Profissionais de Saúde (Depreps), que gerenciava o Mais Médicos.



Equipe da UFPB responsável pela pesquisa, que recebeu financiamento da Fapesq

Resistência corporativista era forte, mas argumentos se mostraram fracos

Quando o programa foi lançado em 2013, houve uma resistência muito grande das entidades médicas. "Que curiosamente se posicionaram muito naquele momento, mas hoje em dia não comentam a grave situação de pandemia que o Brasil está vivendo", lembra Felipe Proenço. "Elas questionavam duas coisas.

A situação da qualificação desses profissionais, já que a gente utilizou no Ministério da Saúde uma estratégia que é usada por diversos países que é o reconhecimento do exercício profissional em outro país, que passa a ser válido no Brasil também; e a capacidade desses profissionais se comunicarem, já que, no início,

boa parte deles tinha uma língua nativa diferente do português".

Ele conta que logo esses dois argumentos se mostraram fracos. "Não há relatos de erro médico, não há comprovação de que tenha tido alguma piora no atendimento. E a comunicação passa pela língua, mas também pelo interesse, pela dedicação,

pela escuta que o profissional faz da pessoa que está sendo atendida", afirma. "A gente chegou a fazer pesquisa com 10 mil pessoas atendidas em todos os estados e essas pessoas atestaram que não houve dificuldade de comunicação".

Para ele, havia mais do que isso. "Houve resistência muito

grande das entidades médicas também porque elas vislumbravam o quanto o programa queria mexer na formação médica", diz. "A formação médica sempre foi algo muito restrito, de difícil acesso e concentrada em algumas regiões. Foi a primeira parte da lei que acabou sendo retirada do programa".

Saída dos cubanos deixou lacunas que ainda não foram preenchidas

No terceiro governo de sua existência, o programa sofreu mudanças, mas continua existindo e mantendo algumas de suas características originais.

"O Mais Médicos tem três eixos: de provimento emergencial de profissionais, da mudança na formação médica, e o da qualificação da melhoria das estruturas das unidades básicas de saúde", explica Felipe Proenço. "Do ponto de vista do eixo de provimento, continuam sendo utilizados até hoje - por mais

que o Governo Federal confunda na propaganda, dizendo que é o programa Médicos pelo Brasil - um modelo de edital muito parecido com o que elaboramos em 2013".

No governo Temer, aconteceu uma mudança para permitir que médicos que já estavam no município com outro vínculo pudessem ingressar no Mais Médicos. "Dando uma ideia equivocada de que estavam preenchendo uma lacuna. Mas não seriam mais médicos, e, sim, os mesmos médicos que já estavam no

município", diz Proenço.

Quando Jair Bolsonaro foi eleito, em 2018, antes mesmo de tomar posse o político de extrema-direita causou um prejuízo ao programa ao questionar a qualidade dos profissionais cubanos, que mantinham o programa em boa parte dos municípios. "E questionou com argumentos que não se sustentavam", lembra o professor. "E isso levou à saída desses profissionais, provocando uma lacuna presente até hoje no programa. Tem município que até

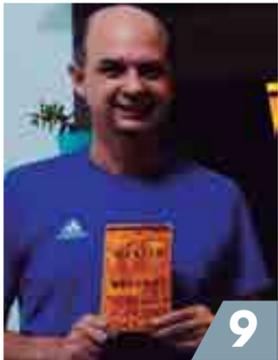
hoje não tem suprida a falta de um profissional após a saída do médico cubano".

"Justamente com a pandemia do novo coronavírus, houve um edital para chamar médicos novamente para o programa, inclusive nas regiões metropolitanas", conta Ricardo Soares. "Houve até a volta dos cubanos que ficaram no Brasil. Já era previsto em lei mas até então não havia uma ação de chamamento desses profissionais. Espera-se que haja uma renovação do contrato".

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Aos domingos com
**Messina
Palmeira**



1. Valmirinha Queiroga (foto), mãe do ministro da Saúde, o paraibano Marcelo Cartaxo Queiroga, por via telefônica, já abençoou o filho para que ele, no alto cargo do Governo Federal, seja veículo para muitas conquistas. Ela que, há muitos anos, é voluntária no Lar da Providência, tem recebido o carinho de inúmeros amigos.
2. Organizado pelas jornalistas Kíara Filho, Sandra Moura, Sônia Lima e Zezé Béchade, o e-book "Isolamento Social" será lançado até abril próximo. Com capa elaborada pelo prof. David Fernandes, prefácio da profa. Glória Rabay e revisão do prof. Francelino Soares, a obra traz relato de 64 mulheres jornalistas sobre os primeiros meses da pandemia da covid-19.
3. O Troféu Maria da Penha, na edição deste ano, realizada em parceria com a presidente da Academia Feminina de Letras e Artes da Paraíba, Bernardina Juvenal Freire, cujo evento ocorrerá no próximo dia 30, vai homenagear Katy Lísias Gondim, Maria Nazaré Zenaide, Maria dos Anjos Mendes e Adelaide Peixoto Tavares (foto), dentre outras.
4. A paraibana Juliette Freire (foto) tem feito bonito, representando o nosso estado no Big Brother Brasil. Ela, que tem cerca quatorze milhões de seguidores no Instagram, nasceu em Campina Grande, é uma advogada de valor e forte candidata para vencer o jogo.
5. O cirurgião Bucomaxilofacial Evaldo Honfi, que tem se destacado como professor assistente do Curso de Anatomia - Cabeça e Pescoço e Cirurgia em sua especialidade, no Hospital Nicholson Center, em Orlandó, está atendendo em sua moderna clínica no Eco Medical Center, no bairro do Miramar.
6. O paraibano Alex Cavalcanti (foto), radicado em São Paulo há cerca de dois anos, retomou carreira de modelo, por meio de contrato assinado com a Rank Model, uma das principais assessorias de modelos do país.
7. A Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP) aprovou, na sessão ordinária da terça-feira (16/3), voto de aplauso ao cardiologista e novo ministro da Saúde, Marcelo Queiroga. O presidente da Casa, vereador Dinho, na foto com o prefeito Cícero Lucena, parabenizou o médico pela indicação e lembrou ainda que, em 2017, a CMJP já o havia homenageado com a Medalha Cidade de João Pessoa.
8. A odontóloga Geórgia Camelo (foto) festejou o aniversário do amado Edinewton César do jeitinho que mais gosta: no aconchego do lar.
9. O economista e professor universitário Paulo Galvão Júnior (foto) realiza mais uma edição das "Olimpiadas Uniesp de Economia", entre os dias 29 a 31 deste mês e 2 de abril, para alunos dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Gestão Financeira e Gestão de RH. Nessa edição, on-line, os alunos vão participar através do endereço no WhatsApp.
10. Afra Soares, Adalúcia Vanderlei, José Euflávio (foto), Gorete Xavier, José Vieira Neto, Talvane Sobreira, Iara Ieno, Zorilda Roque, Patrícia Rabello, Euclides Menezes, Lau Siqueira, Ednaldo Troccoli, Odon Bezerra Cavalcanti e Aucélio Gusmão são os aniversariantes da semana.



Vacinação contra a covid

Queda de adesão na 2ª dose faz São Paulo "caçar" idosos

José Maria Tomazela
Agência Estado

Depois de constatar a ausência elevada de idosos na aplicação da segunda dose de vacina contra a covid-19, prefeituras do interior de São Paulo passaram a buscar esses pacientes em suas casas. Em cidades como Ourinhos, um em cada quatro idosos com mais de 90 anos deixou de comparecer à segunda aplicação no prazo.

O esquema de imunização contra o coronavírus prevê duas doses, tanto para a vacina do Butantan quanto para a da Fiocruz, as duas que estão sendo aplicadas. O intervalo de tempo entre a primeira e a segunda dose é de até 28 dias para a do Butantan e de 12 semanas para a da Fiocruz. Conforme a Sociedade Brasileira de Imunizações, as duas doses são necessárias para a proteção esperada.

Levantamento da Secretaria de Saúde de Ourinhos, divulgado no último dia 8, mostrou que dos 1.049 idosos que receberam a primeira dose, 276 (26,3%) não compareceram para a segunda aplicação. O prefeito Lucas Pocay (PSD) usou as redes sociais para alertar sobre a situação. "No balanço, é possível observar que mais de um quarto dos idosos não retornaram para a segunda dose da vacina. É importante salientar que sem a segun-

da dose, a eficácia na imunização contra a covid-19 não atingirá as porcentagens recomendadas pelos laboratórios fabricantes", advertiu.

Para evitar a perda na imunização, a secretaria iniciou a busca ativa dos casos e passou a mandar equipes de vacinação à casa dos não vacinados para aplicar a segunda dose. "Montamos um plano de recall telefônico e presencial para acompanhar as pessoas que não retornaram para a segunda dose e conseguimos reduzir a ausência dos 26% para 12%", disse o secretário Donay Neto. A ausência na segunda dose, segundo ele, aconteceu por vários motivos, como desinformação, desinteresse ou pelo idoso achar que uma única dose seria suficiente.

A idosa Otila Correia de Camargo Lima, de 94 anos, recebeu a segunda vacina em sua residência. A filha, Dinorah de Camargo Lima, de 71, contou que sua mãe estava com dificuldade de locomoção, por isso não voltou ao local onde a vacina era aplicada no sistema drive-thru. "Ela tem artrose e não tivemos como levar, então a

equipe veio até aqui e deu tudo certo. Graças a Deus ela está bem, sem nenhuma complicação", disse.

Em São Manuel, a procura dos idosos pela segunda dose da vacina também foi baixa, segundo a prefeitura, mas o problema se deveu principalmente à confusão em relação ao calendário de aplicação. "A gente agendou a aplicação da segunda dose durante a semana, mas os mais idosos acharam que seria em um único dia. Assim, tivemos de reorganizar a aplicação e muitos acabaram não voltando", disse a enfermeira Ana Lúcia Brasília.

Segundo ela, os idosos que tomaram a primeira dose e não voltaram nos dias agendados estão sendo procurados. "As equipes vão até as casas, inclusive aos sábados e, normalmente, o idoso aceita bem a segunda dose." De acordo com a profissional de saúde, muitos faltosos alegaram que não tinham carro disponível para ir à vacinação. "Temos o cadastro deles e, se demorarem para agendar a vacinação, vamos atrás", explicou.

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M & A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAIBA
Avenida João Celso da Silva, 221
ALTIPLEX José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 59046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999

ASSÉDIO SEXUAL NO AMBIENTE DE TRABALHO Não é legal, é imoral

BASTA

Guarde as provas, DENUNCIE!

Registre um boletim de ocorrência na delegacia mais próxima

EMC
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Comércio vegano cresce e conquista consumidor da PB

Mercado de produtos sem origem animal tem incentivado pequenos negócios e aquecido a economia do estado

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Nos últimos anos, foi possível perceber uma mudança de comportamento das pessoas em relação ao consumo mais consciente e sustentável. Produtos orgânicos e naturais que antes eram raros no comércio local, hoje em dia estão cada vez mais comuns e fáceis de achar. Em João Pessoa, a procura por alimentos, materiais de higiene pessoal, de limpeza para casa e roupas veganas vem crescendo de forma exponencial.

Quando o assunto é alimentação vegana, só existem quatro espaços físicos na capital paraibana, mas marmitarias, lojas de doces e salgadinhos naturais que com-

ercializam pela internet são dezenas. Segundo a proprietária do restaurante 'Casa de Nara', a Nara de Ferrer, de 26 anos, o movimento ainda é bem recente, e começou a se expandir a partir da fundação do núcleo de João Pessoa da Sociedade Vegetariana Brasileira, em 2017, mas já é notório o interesse por alimentos feitos sem carnes ou produtos de origem animal.

"Tem vindo muita gente nova aqui no restaurante. Ficamos um tempo fechado na pandemia, mas desde o meio do ano passado começamos a vender pelos aplicativos de comida e percebemos que cresceu o número de clientes adeptos às comidas veganas", explica a empresária. Nara destaca que os alérgicos e in-

tolerantes a alimentos fazem parte dessa nova clientela.

No restaurante há quem decida experimentar os pratos oferecidos no cardápio e acaba sendo conquistado. "Tenho visto pessoas experimentando para saber como é uma comida vegana. Os clientes percebem que é possível comer proteínas e vitaminas e demais nutrientes sem sacrificar os animais. Então, quem prova dos nossos pratos percebe que não é um bicho de sete cabeças ser vegano", afirma a empresária.

Tendência mundial

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), o consumo de carne por pessoa no mundo em 2020 é o menor desde o ano

de 2011. A queda é de 3% em relação a 2019, a maior desde os anos 2000. Pesquisa da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), revela ainda que o Brasil ocupa o 5º lugar no ranking mundial, com um consumo anual de 78 kg de carne por pessoa, mas em no início desse ano o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) constatou que 47% dos brasileiros reduziram o consumo no ano passado, ou seja, cerca de 100 milhões de pessoas. Já o número de vegetarianos no país é de 33 milhões, que representa um crescimento de 75% em oito anos; dessas, sete milhões são veganas.

A médica Marcela Gomes, de 38 anos, é um exem-

plô de pessoa que mudou os hábitos alimentares e adotou o consumo de produtos naturais. "Recentemente eu fui a uma nutricionista e ela me sugeriu a ingestão de produtos vegetais e tenho me sentido bem melhor. Passei a ter mais energia e até a sensação de cansaço diminuiu", reforça, atribuindo à alimentação mais natural os benefícios.

O proprietário da Yoghee Empório Natural, que só vende produtos veganos, Fernando Shayani, de 42 anos, tem a loja em João Pessoa há seis anos e também relata o crescimento pela procura por alimentos e cosméticos livres de matéria-prima animal ou de petróleo. "No início da loja, em 2015, era muito pequeno o público de pessoas que ti-

nha interesse pelos produtos, mas isso foi crescendo e, agora, são consumidores mais bem informados, que pesquisam e buscam saber o que vão consumir. Essa consciência tem levado cada vez mais pessoas às lojas e restaurantes naturais".

O comerciante ressalta que o fato de o produto ser vegano não necessariamente significa que ele é bom. "Muitas empresas grandes tem colocado o símbolo de vegano em alimentos e em outros produtos para ganhar novos consumidores, que pensam que tudo que é vegano é saudável, mas isso não é verdade, pois usam conservantes industrializados", alerta. O uso de açúcares e óleo, por exemplo, também são citados.

+



Produtos atraem clientes preocupados com a natureza

A cosmetóloga Giovana Torres, de 24 anos, está há um ano e meio fabricando sabonetes naturais, shampoos e condicionadores sólidos veganos e confirma que o número de clientes aumentou nos últimos meses. "Sou jornalista por formação, mas decidi mudar de vida e, desde que vim morar em João Pessoa (ela e de São Caetano-SP) há dois anos, criei a marca Yvy Porã-saboaria artesanal. Em 2019, eu dependia de feiras para vender e comercializava cerca de 50 sabonetes por mês, hoje em dia vendo uma média mensal de 150 unidades", revela a empreendedora assumindo a surpresa com o resultado.

A artesã vegana destaca que suas vendas ocorrem de forma virtual e que toda a fabricação é feita apenas com matéria prima natural e orgânica, como ervas, óleos essenciais, sementes, manteigas vegetais e argilas. "Não uso nada de produto químico, nem derivado de petróleo ou de origem animal. A gente usa tanta química em nosso corpo, chega a ser cansativo ler a embalagem dos produtos industrializados, com tantos ingredientes na composição. Quando tomamos banho com produtos naturais estamos fazendo o bem para o planeta Terra e para nós".

A especialista em tendências de comportamento, Nathalia Viana, de 33 anos – que também é ex-coordenadora voluntária da Sociedade Brasileira Vegetariana/núcleo João Pessoa – explica que a principal causa que leva as pessoas a se tornarem vegetarianas e/ou veganas é o acesso à informação sobre a forma como os alimentos são produzidos, sejam eles vegetais ou derivados de animais. Segundo ela, outro fator que leva às pessoas a descobrirem o vegetarianismo é por conta das diversas doenças que muitos se encontram acometidos, incluindo essa atual pandemia, quando decidem mudar seus hábitos.

Em relação à variedade de produtos naturais e veganos, a especialista ressalta que o mercado já está atento às novas preferências dos consumidores. "Anos atrás não havia tantas opções. Hoje, vemos o surgimento dos hambúrgueres vegetais e as opções crueltyfree (cosméticos que não foram testados ou possuem ingredientes de origem animal) aqui no Brasil. O que tem crescido também é o consumo dos próprios grãos e vegetais (o que nosso país tem em abundância), sem a necessidade de se consumir produtos naturais considerados mais caros para a maioria da população". Assim, uma alimentação mais natural pode estar na mesa de qualquer brasileiro.



Cosméticos sem utilização de matéria-prima de origem animal têm conseguido espaço no mercado paraibano

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Influências e impactos da pandemia nos pequenos negócios

O ambiente de incertezas em que vivemos, motivadas pela pandemia da covid-19, tem gerado mudanças no meio empresarial numa velocidade que nem sempre é possível ser acompanhada a tempo de promover as mudanças que a nova realidade exige. Como resultado disto, observa-se a crescente mortalidade, notadamente no universo dos pequenos negócios.

Uma pesquisa recente realizada pelo Sebrae Nacional e FGV junto às empresas de pequeno porte, microempresas e microempreendedores individuais, mantendo uma série que já contabiliza 10 edições, revela o tamanho do impacto que esta crise vem ocasionando a estes importantes atores do desenvolvimento. Foram ouvidos 6.228 pequenos negócios em todo Brasil.

Reportando-se ao ano 2020, a pesquisa revelou que para a maioria das empresas, cerca de 66% delas, houve uma redução do faturamento anual da ordem um terço. Num reflexo disto, tiveram suas vendas de final de ano bem abaixo do que em 2019.

Os segmentos mais afetados pela crise são: turismo, com uma redução de 59% em

seu faturamento, seguido pela economia criativa com queda de 58% e beleza com 47%. É bastante intensa esta relação de empresas que registram quedas em seus faturamentos. A pesquisa ainda destaca os serviços de alimentação fora do lar, artesanato, moda, logística e transportes, educação e academias, como segmentos que reduziram seus faturamentos entre 42% e 46% em relação ao período de normalidade.

Um dado que revela uma significativa mudança na relação dos pequenos negócios com o mercado consumidor, foi que 7 em cada 10 empresas vendem utilizando a internet. Esta adesão ao "e-commerce" também demonstra uma mudança no perfil dos consumidores, agora chamados de "consumidores 4.0". Mais ágeis e conectados também com as redes sociais, esta clientela representa um excelente canal de divulgação das empresas com grande poder de influenciar o crescimento ou a queda dos negócios.

Esta última edição da pesquisa, realizada entre 25 de fevereiro e 01 de março de 2021, mostra que houve um aumento na proporção das empresas que demitiram. Esta constatação

associada a interrupção do auxílio emergencial é de fato preocupante, pela perda de massa salarial e financeira que isto representa, com impacto direto no faturamento das empresas.

Considerando este cenário, o Sebrae e a FGV quiseram saber das empresas pesquisadas sobre o que elas acham de mais importante a ser feito para o enfrentamento desta crise e elas responderam que desejam uma extensão de linhas de créditos mais acessíveis e também uma extensão do auxílio emergencial.

Apesar do governo já ter criado linhas de créditos específicas para atenderem as empresas afetadas pela pandemia, são frequentes os depoimentos referentes a dificuldade em obter estes recursos. Neste sentido, foi feita uma aferição sobre quais foram os bancos mais procurados pelo empresariado e a preferência recaiu sobre a Caixa Econômica Federal (com 39%), o Banco do Brasil (com 25%) e Banco Itaú (com 17%).

Por fim, gostaria de destacar a revelação do grau de preocupação dos empresários em relação ao futuro das suas empresas. Os mais "afritos" afirmaram que ainda sentem muitas dificuldades para manterem seus negócios,

representam 57% dos pesquisados. Este índice cresceu 10 pontos percentuais entre novembro de 2020 e fevereiro de 2021. Os "aliviados", que acreditam que o pior já passou, juntamente com os "conformados" por entenderem que os desafios provocaram mudanças valiosas para os negócios, mais os "animados" por terem encontrado novas oportunidades, representam, os três juntos, 43% desta amostragem consultada.

A expectativa em relação ao futuro revela um pessimismo quando definido um horizonte para voltarmos à normalidade. A data mais repetida entre os pesquisados foi julho de 2022. Como estamos lidando com cenários que mudam radicalmente no curtíssimo prazo, vamos torcer para que mais uma vez as previsões estejam equivocadas e, desta feita, para melhor.

Pensando numa linha positivista, torço para que tenhamos capacidade de fazer uma gestão integrada dos planos que objetivam o enfrentamento, recuperação e superação da crise, nas diversas esferas de poder, com o envolvimento dos setores público, privado e da sociedade civil organizada, antecipando, portanto, o fim desta crise.



Dados do Governo Federal indicam que metade dos brasileiros tem o prato abastecido por produtos provenientes das terras de pequenos proprietários como Andreza Anacleto (foto), que passa os dias em sua horta no Sertão da Paraíba

Agricultura familiar assegura renda e comida a paraibanos

Cultivos realizados no estado contribuem para a economia local e garantem a alimentação de várias famílias

Carol Cassoli
Especial para A União

O ano passado se mostrou favorável à atividade de agricultura no país e 2021 promete seguir o mesmo caminho com uma parte influente no contexto dessa expectativa: a agricultura familiar. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento assinala que, no Brasil, existem mais de quatro milhões de famílias com agriculturas próprias, correspondendo a 41% da área total do país. Isto significa que metade dos brasileiros tem o prato abastecido por culturas familiares.

A mão de obra destes negócios

é quase toda realizada por pessoas da família, mas isso não é uma regra. A agricultura familiar está associada ao cultivo realizado por pequenos proprietários rurais. E, para ser considerado um agricultor de cultivos familiares, a renda anual não deve ultrapassar R\$ 360 mil. Muitas vezes, o pequeno espaço de cultivo também está associado às produções familiares, mas, isto não é sinônimo de agricultura familiar, pois a área de cultivo não está necessariamente relacionada à renda total da produção.

O último Censo Agropecuário lançado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstra que o cultivo familiar tem

destaque na economia de grande parte dos municípios brasileiros de até 20 mil habitantes. Na Paraíba, segundo a Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), a agricultura familiar contribui não apenas para a alimentação de todo o estado como também auxilia significativamente na economia local.

O diretor de assistência técnica e extensão rural da Empaer, Jefferson Ferreira, explica que as principais plantações são de subsistência: arroz, feijão, milho, pequenas hortas, pequenas criações e alguns tipos de frutíferas também. "Temos algumas áreas que produzem oleaginosas como o al-

godão. Outras cultivam sisal, que tem produção significativa - não como antes, mas com contribuição maior da agricultura familiar", explica Jefferson.

Em termos de cultivo, a Paraíba toda se destaca, pois, cada região fortalece um tipo de cultura diferente. O Sertão produz grãos e o Cariri evidencia a produção de leite, carne caprina e ovina. Já o Agreste e o Brejo são responsáveis por grande parte da agricultura e horticultura do estado. No litoral, há também fruticultura, bovinocultura, além de piscicultura e aquicultura - com a criação de camarões. "Cada região é altamente produ-

tiva dentro da sua própria característica", observa o diretor de extensão rural.

Herança cultural

Além do cultivo da terra, a atividade se relaciona, também, com o aprendizado coletivo e a construção de saber local, o qual, muitas vezes é passado de pai para filho ou entre parentes. Na agricultura familiar muitas vezes as plantações são mistas e variam de hortas a pequenas criações de animais. O plantio familiar, geralmente, tem sua produção voltada à comercialização local. Alguns modelos de agricultura familiar, por exemplo, fortalecem o cinturão verde de seus municípios.

+ Pequenos produtores se destacam na crise

Uma das proprietárias da Fazenda Vó Juraci, Andreza Anacleto, conta que na horta trabalham seis pessoas: ela, seus pais e irmãos. Localizada em Poço José de Moura, município imediato a Cajazeiras (Sertão), o sítio produz 'um pouco de tudo'. No local, encontram-se frutas, folhosas, legumes e alguns animais - como galinhas, porcos, ovelhas e gados.

O negócio, que surgiu há um ano, com o avanço da pandemia de covid-19, fornece para o comércio da cidade de quase quatro mil habitantes. "Vendemos aqui mesmo através de serviços de delivery, que a gente adotou em agosto do ano passado", comenta a agricultora. Andreza frisa que, por ser um negócio pequeno, a atenção à produção é total. Na Fazenda Vó Juraci, os produtores não utilizam agrotóxicos e prezam pela qualidade dos produtos e satisfação dos clientes.

Os pais de Andreza, que sempre foram agricultores, viram os filhos saindo de casa em busca de novas perspectivas, devido a dificuldades financeiras. Com o advento da pandemia, no entanto, tudo mudou. "Foram meus irmãos; ficaram meus pais. Mas, com a pandemia, eles regressaram e, como che-

garam e ficaram no sítio, veio a iniciativa de trabalhar com o cultivo de hortaliças". A agricultora ainda comenta que, apesar de ser um sonho antigo de um dos irmãos, até então, nenhum deles vivia disso. Atualmente, este tem sido o sustento da família.

O irmão mais velho da família é formado em Agronomia e sempre teve o intuito de colocar este projeto em prática, porém, queria realizá-lo quando finalizasse o doutorado - no qual é aluno hoje. "No começo da pandemia ele lançou esta proposta, a gente procurou recursos, fez um investimento e graças a Deus está dando tudo certo", comenta empolgada.

Segundo o diretor da Empaer, Jefferson Ferreira, a agricultura familiar se destacou no ano passado, porque houve grande produção de grãos no país. Para o diretor, 2020 foi um ano em que não houve desabastecimento dos principais alimentos componentes da mesa do paraibano. "O governo estadual presta assessoria, assistência técnica e distribuição de sementes para garantir condições mínimas para que estas famílias permaneçam produzindo e tendo sua renda", comenta.

SAIBA MAIS

O Governo do Estado fornece iniciativas para apoiar a agricultura familiar e reduzir a pobreza do paraibano através de projetos como o Cooperar, que visa assistir os trabalhadores rurais e incentivar o plantio. Segundo a Empaer, este ano, já teve início o processo de distribuição de sementes no Sertão e também na área do Agreste. A expectativa é que, com o aumento da quantidade de sementes compradas pelo Governo do Estado, haja valorização da produção familiar em todo o Estado da Paraíba e, mais uma vez, haja recorde na produção de grãos.

Agricultura tem impacto nacional

Segundo o IBGE, em 2020, a Agropecuária foi o único setor que demonstrou bons índices, alcançando aumento de 2% ante a queda de 3,5% na Indústria e retração de 4,5% nos Serviços.

Para este ano, a expectativa da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) é de aumento de 3% no setor, além de um crescimento de 4,2% no VBP (Valor Bruto da Produção Agropecuária). A estimativa preliminar (em novembro) se baseou na disparada do agronegócio em 2020, em que, após o balanço final do ano, previa-se aumento de 17,4% no VBP, por exemplo. A ideia partiu de um

crescimento tímido como fruto da espera por baixa no valor dos alimentos, o que ainda não se comprovou.

Com a divulgação do relatório sobre o PIB (Produto Interno Bruto), pelo IBGE, neste mês de março, entretanto, a CNA estima aumento de 2,5% na atividade da agricultura em comparação com o ano passado. Este cálculo toma como substrato alguns fatores, como o período de colheita (levando em conta atrasos ou cumprimentos de época) e a expectativa pelo aquecimento da demanda internacional. Apesar disso, o recuo ou avanço do PIB em 2021 dependerá, majoritariamente, do clima.

Expectativa é que o setor continue o bom desempenho registrado em 2020, quando apresentou alta de 2% apesar da crise

Tecnologia impulsiona negócios

Com a crescente automatização de processos burocráticos, a tecnologia se inseriu no atendimento dos agricultores paraibanos. Isto tornou-se fundamental tanto no atendimento dos pequenos produtores quanto no atendimento de clientes.

O Banco do Nordeste atualmente realiza reuniões remotas para direcionar produtores a oportunidades de crédito, por exemplo. Na Fazenda Vó Juraci, as redes sociais

têm impulsionado as vendas e ajudado no crescimento e manutenção do cultivo familiar. É por meio delas que a família divulga seus produtos. "Como trabalhamos bastante virtualmente, nossas redes são bem ativas. Tanto o Instagram, como o Facebook e WhatsApp também. A gente tem um chip empresarial, quando os clientes pedem, mandamos o catálogo e assim vamos nos adaptando", relata Andreza Anacleto.

Mudanças climáticas contribuem para a desertificação na Paraíba

Segundo especialista, existem dados suficientes para comprovar os efeitos desse fenômeno no estado, principalmente no Cariri

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Ainda não é possível afirmar concretamente sobre as consequências das mudanças climáticas na Paraíba ao longo dos anos. No entanto, de acordo com o doutor em Geografia e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Bartolomeu Israel de Souza, existem dados suficientes para comprovar os efeitos da desertificação no estado, principalmente na região dos Cariris Velhos (Cariri paraibano).

Conforme o pesquisador, a desertificação, isto é, a transformação e empobrecimento dos solos, a partir da redução da umidade, pode ser uma das consequências destas mudanças, a partir das modificações globais no padrão de distribuição de chuvas, provocada pelo aquecimento global.

A desertificação e, inclusive, a sua ampliação, são resultados da ação humana na natureza. “Ainda assim, não existem evidências concretas sobre isso. Independente disso, a desertificação também pode ser provocada pelo desmatamento excessivo em regiões de clima seco, provocando mudanças nos padrões microclimáticos, portanto, apresentando efeito, no máximo, em escala regional. Na Paraíba ainda não podemos afirmar, pois a nossa base de dados meteorológica ainda é pequena para fazer qualquer diagnóstico”, explicou.

Segundo o professor da UFPB, as mudanças climáticas são alterações por longos períodos no padrão dominante do clima, em determinados momentos da Terra. Elas são caracterizadas por variações de temperatura, precipitação, nebulosidade, ventos quando consideradas em escala global a longo prazo.

Elas podem ser naturais, ou seja, não dependem da ação do homem para que ocorram. Bartolomeu de Souza alerta que ao longo da história do planeta, sempre ocorreram mudanças climáticas provocadas por questões naturais, geralmente de forma gradual.

Alguns exemplos de alterações naturais são os ciclos solares, a deriva dos continentes, El Niño e La Niña. Porém, existem variações cuja causa direta ou indireta vem da ação humana. A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC, em inglês) entende que tais mudanças são causadas pela emissão dos gases formadores do efeito estufa, como: dióxido de carbono (CO₂), emitido em processos de combustão; o metano (CH₄), originado do tratamento de aterros sanitários, agropecuária, extração e refino do petróleo; o óxido nitroso (N₂O) emitido em processos industriais e, por último os perfluorcarbonetos (PFC's) utilizados na fabricação de equipamentos eletrônicos.

“Muitos cientistas defendem que as ações humanas estão provocando mudanças climáticas, particularmente a partir da I Revolução Industrial (séc. XIX), modificando os padrões atualmente dominantes de forma acelerada, quando comparado às modificações de origem natural. Consequentemente, não haveria tempo suficiente para



A desertificação e, inclusive, a sua ampliação, são resultado da ação humana na natureza

adaptações de plantas, animais e a espécie humana a essa nova realidade, por estarem ocorrendo de forma acelerada”, detalhou o geógrafo.

Outra mudança seria o avanço do mar, que, conforme o geógrafo, ainda não existem dados suficientes para todo o mundo, capazes de responder com segurança, em escala global se ele foi expressivo nos últimos anos. “O que se tem percebido é o avanço em alguns lugares, mas também o retrocesso em outros, como é de se esperar. Inclusive, o avanço do mar em diversas regiões litorâneas, pode ter mais a ver com a retenção de sedimentos no continente, através da construção de barragens, por exemplo, do que pelo aquecimento global”, pontuou.

No último dia 16 foi celebrado o Dia Nacional de Conscientização sobre as Mudanças Climáticas. A data serve de alerta à população acerca das alterações que acontecem no planeta, mas também para ressaltar a importância dos cidadãos ajudarem a reduzir o impacto sobre a natureza.

Neste sentido, Bartolomeu de Souza acredita que as pessoas podem ajudar a reduzir os efeitos das mudanças climáticas através de diversas atitudes no dia a dia. Por isso, orienta que a população evite práticas de usos dos solos que pressupõem o desmatamento excessivo (inclusive por queimadas) e, se possível, consuma produtos industriais criados por empresas que respeitam o meio ambiente e não comprem das que não exercem essas práticas. “Diminuem o consumo de produtos feitos a partir do plástico e, se comprarem, deem preferência ao material reciclado. Também não jogue lixo de origem industrial fora dos lugares adequados”, destaca o pesquisador da UFPB.

“Muitos cientistas defendem que as ações humanas estão provocando mudanças climáticas, particularmente a partir da I Revolução Industrial”



Aumento médio da temperatura da terra

Entre as alterações climáticas mais conhecidas está o aumento médio da temperatura da Terra nas últimas décadas. Em relação a isso, o doutor em geografia informa que em 2018, as temperaturas ficaram quase 1°C acima das médias de 1850 a 1900. As emissões de gases de efeito estufa, como o dióxido de carbono (fábricas, automóveis e queimadas de florestas) são considerados por ele, os principais responsáveis pelo aquecimento global.

O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC, sigla em inglês), afirma que as atividades humanas tenham causado cerca de 1°C de aquecimento global acima dos níveis pré-industriais, com uma variação de 0,8°C a 1,2°C.

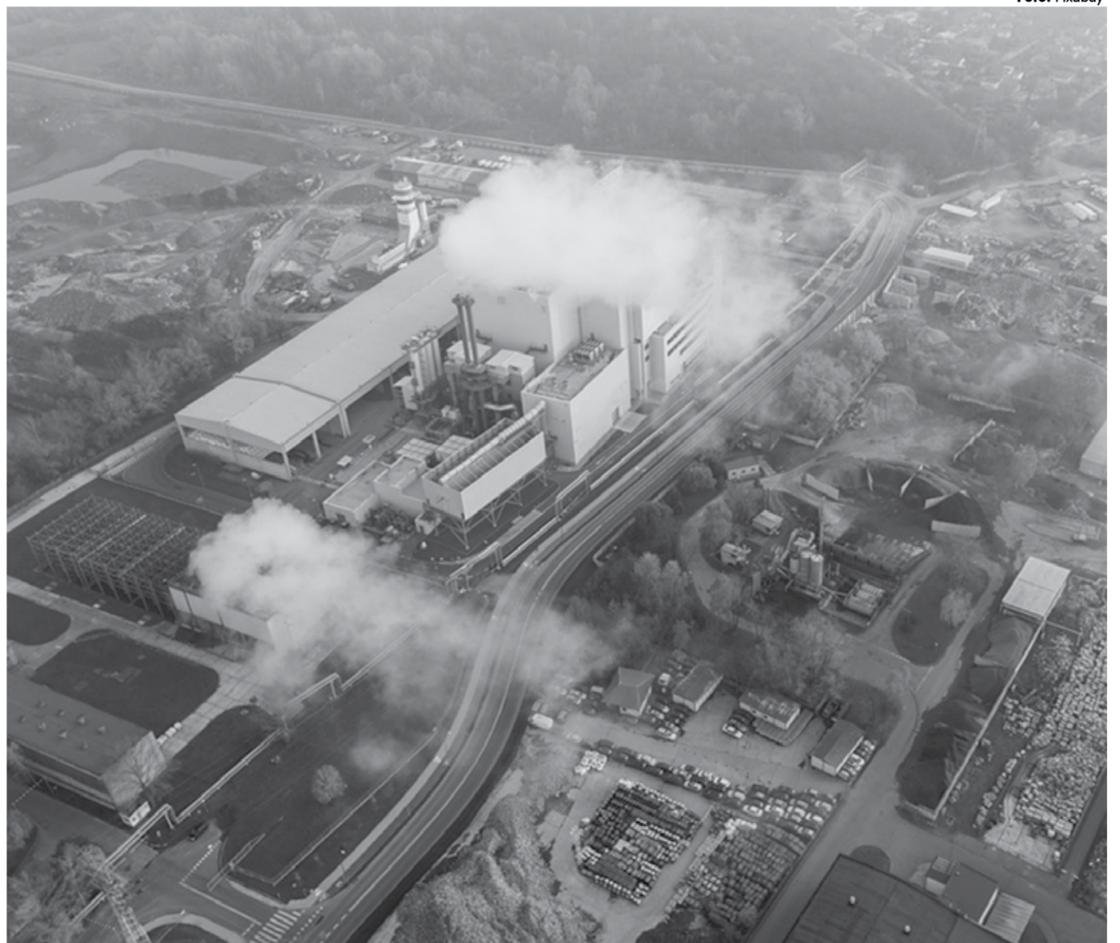
É provável que o aquecimen-

to global atinja 1,5°C entre 2030 e 2052, caso aumente no ritmo atual. O relatório da Organização Meteorológica Mundial (OMM) e da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2020 mostrou mudanças climáticas aceleradas na Terra, no mar e na atmosfera tais como: aumento do calor da Terra e do oceano, aumento acelerado do nível do mar e derretimento do gelo. O estudo também registrou efeitos indiretos sobre a saúde e o bem-estar da população.

O relatório da OMM e da ONU de 2020 mostrou mudanças climáticas aceleradas na Terra, no mar e na atmosfera

A Declaração da OMM sobre o Estado do Clima Global em 2019 registrou que vários recordes de calor foram quebrados nos últimos anos. 2019 foi o segundo ano mais quente já registrado e 2010-2019 a década com maior calor. Desde os anos 1980, cada década sucessiva foi mais quente do que qualquer década anterior desde 1850.

Segundo as pesquisas, o ano mais quente até agora foi 2016. Porém, o relatório da agência meteorológica da ONU estima que um novo recorde anual de temperatura global aconteça nos próximos cinco anos, além de um aumento de quatro a cinco graus até o final deste século, caso os níveis de gases de efeito estufa continuem aumentando.



Emissões de gases de efeito estufa, como dióxido de carbono emitido por fábricas e automóveis, são os principais responsáveis pelo aquecimento global

Foto: Pixabay

Foto: Pixabay



Sobe

Mesmo com impacto negativo da pandemia no setor de restaurantes, o mercado de cervejas artesanais na Paraíba está em alta com cerca de 10 fábricas instaladas no Estado e outras em implantação. Marcas a exemplo da Erste Sobe, Voiler e Xerosa estão fazendo muito sucesso e conquistando consumidores, batendo tradicionais fabricantes nacionais.

Providência tardia

Alguém minimamente preocupado com a pandemia que passasse à noite na frente do Bar do Cuscuz na Avenida Cabo Branco, em João Pessoa, assustava-se com a aglomeração de pessoas impressadas em mesas e cadeiras sem o mínimo distanciamento. Detalhe: a máscara era exigida tão somente na entrada. Ou nem isso. Daí a sensação de providência tardia essa do Ministério Público de representar contra quem é dono do empreendimento.

Desce

Com o Brasil batendo todos os recordes de mortalidade e infecção por Covid, com quase 300 mil mortos, estremece ver o presidente do país imitando pacientes com falta de ar em live assistida na noite de quinta-feira por milhares de brasileiros; e ouvir o ministro da Saúde falando em "continuidade" do plano do Governo contra a pandemia.

Impasse

Muito estranha a demora na publicação do ato de nomeação do cardiologista Marcelo Queiroga como ministro da Saúde. O ato deveria ter sido publicado ontem, o que não tinha acontecido até o fechamento da coluna. A preocupação é procedente tendo em vista o que aconteceu com a atriz Regina Duarte que, convidada para o Ministério da Cultura, terminou não sendo nomeada para o cargo.

ELIANE BATISTA DE ANDRADE é paraibana, radicada em Recife, onde é uma mulher muito bem relacionada na sociedade pernambucana, considerada uma embaixatriz da Paraíba na terra do frevo e do maracatu.

Juliette conquista o mercado publicitário

A informação está na coluna da jornalista Patrícia Kogut, uma das mais lidas do jornal O Globo, em sua edição de ontem: "uma das favoritas do BBB 21 e com mais de 14 milhões de seguidores no Instagram, a paraibana Juliette Freire recebeu convites para ser garota-propaganda de grandes marcas de cosméticos, uma delas anunciante do reality. E depois que



ela discutiu com o Fiuk sobre cuscuz, uma empresa do ramo alimentício fez uma proposta" Será que foi a São Braz? Ainda sobre a nova musa paraibana, ela teve a sua conta no twitter bloqueada por causa de direitos autorais. A Globo recomenda aos administradores dos perfis para que não postem vídeos do Globoplay para evitar esses problemas.

Festival da canção

O compositor Genival Macedo, autor da música Meu Sublime Torção, considerado o hino popular da cidade de João Pessoa, no centenário do seu nascimento, será o grande homenageado da versão 2021 do Festival de Música da Paraíba, promovido pelo Governo do Estado através da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Secretaria de Comunicação e Fundação Espaço Cultural. O edital para inscrições será lançado, oficialmente, no próximo dia 29 de março.

Tempos de guerra

O advogado Valério Bronzeado, promotor de Justiça aposentado, sugere que o Governo do Estado utilize o Centro de Convenções de João Pessoa para implantação de um grande Hospital de Campanha para acolher as vítimas da Covid-19. "É preciso tratar a pandemia como um estado de guerra", acentua Bronzeado que entende que "é necessário concentrar as UTIs num só local para multiplicar a capacidade de atendimento".

Na reta final

O Hotel Ba'ra, que o jogador Hulk, em parceria com outros sócios, está construindo na Avenida Cabo Branco, entrou em fase de acabamento. Quem esteve visitando as obras, muito adiantadas, garante que se trata de um dos mais modernos e luxuosos do Nordeste. Hulk, que possui outros investimentos na Paraíba, agora é jogador do Atlético Mineiro.

Lance Livre



DOS QUADROS do Sistema Correio de Comunicação, **Kilma Lopes** é aniversariante deste domingo recebendo o carinho dos amigos, da família e da coluna.

AUGUSTO SÉRGIO e Teca de Brito Pereira, após período de internação, venceram a Covid-19 e estão em casa recebendo o acolhimento da família.

MAIS um fim de semana com os restaurantes e bares fechados por conta da pandemia. O setor passa por graves dificuldades.

O **EDITOR** da coluna atinge hoje o 8º dia de isolamento pela Covid-19, com sintomas leves da doença

Fale com Abelardo



Educação remota

A pandemia tem sido um dos maiores desafios para se manter uma educação de qualidade. Esse foi o tema do 1º Encontro Iniciativas Criativas e Tendências para a Educação ao Redor do Mundo, realizado em versão on-line promovido pelo MindCet - EdTech Innovation Center e pela Unidade de Tecnologia Educacional da Positivo Tecnologia. O evento contou com a participação da professora Maria Sílvia Bacila, pela Secretaria Municipal de Educação.

NELSON SANTIAGO - Fui presenteado, por uma de suas netas - Bruna, com um livro a respeito de Teotônio Neto, saudável nos 102 anos. Citada obra foi organizada, brilhantemente, pelo eminente Professor José Otávio. O Sr. Teotônio deixou o seu nome marcado no empreendedorismo paraibano. Empresário, político e cidadão de Piancó. Estudou nos Estados Unidos, estágio em administração, o que lhe permitiu desenvolver atividades como exportador de minério e importador de farinha de trigo, notadamente para o Nordeste. Fundou, em 1953, o Jornal Correio da Paraíba.

Nos anos seguintes, criou as organizações Tene: livraria, editora, Ipuera Mineração, Moinho Cabedelo e a Cooperativa Mista do Vale do Piancó. Elegeu-se Deputado Federal. Adquiriu o controle acionário do Banco Real do Norte. Instalou a primeira metalúrgica (mensa) em J.Pessoa/PB e por aí vai. Um cidadão que enxergava o futuro e dizia: "O maior problema do país é o despreparo do nosso povo. Eduque-se o homem e ele saberá como defender-se dos males que o cercam. Conservá-lo na ignorância é uma forma cruel de mantê-lo acorrentado à pobreza endêmica".

Tambá Shopping
Completi com você!

21 É hoje!
Aniversariando

Afra Soares, Aline Felix Falcão, Ana Beatriz de Almeida Dantas, Ângela Araújo, Cibelly Marcolino, Cleidilene Lacerda, Edineusa Meira, Fabiano Nóbrega, **Alba Regina Vieira Soares**, Francisca Félix de Lira, Francisco Lucas Rangel, Gabriela Soares Pessoa, Henni Gadelha, Janine Marta Coelho, Kylma Lopes, Lau Siqueira, Leonardo Rangel, Lindberg Leitão, Maria Eduarda Maia, **Pollyana de Araújo Gambarra**, Maria Eduarda Sales Sereno, Semiramis Ribeiro, Shirley Almeida, Vitto Sales Germoglio

SINTUR **SESC** **Senac** **UNIFIP** **sinduscon**

Estamos prontos para cuidar de você 24H **Urgência & Emergência Cardíaca & Neurológica** **HOSPITAL MEMORIAL SÃO FRANCISCO**
Destora Técnica: Dra. Wazoska Lucena - CRM - 5686
Sua Vida em Bons Mãos

Renove seus cuidados contra o coronavírus

- ✓ Use a máscara e cobra todo tempo o nariz
- ✓ Higienize as mãos
- ✓ Respeite o distanciamento social

HIGIENIZE SUAS MÃOS
UMA PRÁTICA FÁCIL, UMA ATITUDE DESSEJA.

MANGABEIRA
LAVANTES ALCOOLICOS

MANAIRA Shopping **31 ANOS**

CONFIE EM QUEM TEM tradição, CONFIE NO TRAVASSOS.

TRAVASSOS

Um mundo com mais cor é um mundo com mais vida.

É O NOSSO MUNDO

Mundo em Tintas

Diamantê
Joias

PRA COMEÇAR OU FAZER A ECONOMIA GIRAR CONOSCO

FicoMárzio

Obras em ritmo acelerado. Entrega prevista para 2022.

ANFAIS

NOVOS CAFÉS SÃO BRAZ EM CAPSULAS

SÃO BRAZ



Foto: Instagram/Botafogpb

DE JOÃO PESSOA PARA Superliga de Vôlei

Paraibano tem uma história de sucesso na modalidade com título nacional pelo Rio Claro e até já jogou no exterior, em Doha. Hoje, defende o Montes Claros/MG

Laura Luna
Lauraragao@gmail.com

Um atleta de destaque. A agilidade, o preparo e a precisão tem feito o paraibano Lucas Borges brilhar nas quadras de vôleibol Brasil afora. O foco no momento é a Superliga A, umas das mais importantes competições do país, onde o oposito (posição que ocupa no time) está vestindo a camisa do Montes Claros América Vôlei, time de Minas Gerais. A equipe está nas quartas de finais onde disputam as oito melhores. Mas Lucas já coleciona uma série de vitórias ao longo da carreira, que começou por influência do irmão mais velho, trajetória que reúne conquistas e também desafios e que é encarada com muita responsabilidade e amor pelo esporte.

Nascido em João Pessoa, a história de Lucas Borges com o vôlei começou em 2006 por causa do irmão Andrew, 1 ano e 2 meses mais velho, que já praticava o esporte em uma escola particular da capital paraibana. "Ficava vendo ele jogar, passei a acompanhar os treinos e acabei me interessando. Por ser um pouquinho alto eu acabei recebendo o convite". Pouquinho é modéstia, o atleta de 28 anos tem 2.1 metros de altura e 93 quilos, corpo esguio que favorece a impulsão essencial para o ataque, principal função do oposito. "Hoje em dia já tenho uma altura baixa, porque tem atletas na mesma posição que eu jogo de 2.10m, 2.17m, então eu não sou tão alto pro padrão atual, mas o meu diferencial é a impulsão, eu salto muito bem e isso me favorece".

As primeiras competições foram os jogos escolares, que disputou até 2009. "Os Jogos Escolares Brasileiros (Jeb's) e o brasileiro de estados na categoria juvenil e infanto juvenil", foi quando surgiu a primeira proposta para jogar fora do estado. O convite foi aceito e Lucas foi jogar em São José dos Campos, São Paulo, onde permaneceu nos anos de 2010, 2011 e 2012. Daí em diante foram só conquistas e a casa em Mangabeira 7, onde a família mora até hoje, passou a ser visitada apenas nas férias. "De São José dos Campos fui para Rio Claro, onde fui campeão da Liga Nacional, de lá fui jogar no Catar, em Doha, onde passei quatro meses e depois voltei para Rio Claro pra jogar a Superliga B e depois voltei pra casa".

Lucas explica que o retorno para casa acontece sempre que se encerra uma temporada, esse é inclusive um grande desafio para o atleta de vôlei aqui no Brasil. "Praticamente você fica desempregado... a gente chama de férias, mas não recebe nada, ou seja, a gente precisa sobreviver do caixa acumulado durante a temporada. É isso, a gente vai pra casa e fica a incerteza de não saber quais contratos virão. É complicado, não é tão fácil assim como se pensa".

Mas Lucas nunca parou. Teve também uma passagem pelo vôlei de praia onde foi campeão em 2017. Em 2018/2019 foi nomeado revelação do ano na primeira Superliga que disputou. Período em que já cursava Educação Física, de 2014 a 2018, a rotina ficou ainda mais puxada com faculdade, trabalho em academia e escolinhas de vôlei, treinos e viagens para

/// Hoje em dia já tenho uma altura baixa, porque tem atletas na mesma posição que eu jogo de 2.10m, 2.17m, então eu não sou tão alto pro padrão atual, mas o meu diferencial é a impulsão, eu salto muito bem e isso me favorece ///

jogar pelo time da faculdade. "Em uma dessas voltas pra casa eu recebi a proposta de José Geraldo, que era o técnico do time de vôlei do Unipê, e do diretor da instituição, onde me foi oferecida uma bolsa para que eu jogasse os jogos universitários pela faculdade. Então eu escolhi Educação Física, seguin-

do um pouco os passos do meu irmão e por gostar tanto dessa área que é ampla e que eu gosto por conta do esporte e pelo fato dos trabalhos que a área pode proporcionar". O irmão Andrew, hoje policial militar, deixou as quadras em 2009, quando os dois jogaram juntos pela última vez. "Meu número de camisa sempre é 4 e sempre foi 4 desde a época que eu comecei, porque é uma homenagem ao meu irmão que jogava com a 4 no começo".

O medo das lesões

Não tem jeito, atletas de alto rendimento vivem o risco iminente de sofrer alguma lesão. E esse é um dos maiores medos de Lucas, que já esteve afastado das quadras. Foram seis meses de angústias e incertezas impossíveis de esquecer. Foi no meio da temporada 2019/2020 em Maringá (PR), durante os treinamentos, que o atleta sentiu a lombar. "No movimento de at-

que, na hora do salto. O diagnóstico foi de protusão discal, que antecede a hérnia de disco. Mas eu me reabilitei, voltei a treinar e cerca de dois meses depois, quando fazia o mesmo movimento, senti uma espécie de choque na lombar. A protusão tinha evoluído para uma hérnia de disco". Coisas simples, como vestir a própria roupa, passaram a ser uma missão impossível de realizar sozinho.

"Não tinha como não pensar que não daria mais pra continuar jogando. A lesão é nossa maior rival e quando é grave que precisa de cirurgia e afastamento, vem toda a incerteza em relação ao futuro e a continuação da carreira". Não foi o caso, a recuperação veio com seis meses de fisioterapia. Mas Lucas precisou cuidar também da mente, e desde a lesão tem acompanhamento psicológico esportivo, o suporte, disse, é indispensável. "Minha mente tava muito bagunçada em relação a pensamentos negativos, pelo fato da lesão. Desde então eu tenho esse atendimento que sempre me ajuda, porque não é fácil ficar longe de tudo, em pressão constante por resultado, é complicado. Mas hoje entendo que nada mais me limita".

Rotina nas quadras e fora delas

Lucas está morando num hotel em Montes Claros e vivendo uma rotina digna de quem está na etapa final de um grande campeonato. Os treinos são diários, manhã e tarde. Quadra, academia, fisioterapia. Em véspera de jogos tem ainda a análise de vídeo dos adversários.

Mas quando a Superliga terminar, Lucas que já está contando os dias - vem para João Pessoa. O reencontro com pai Antônio Carlos, a mãe Lucilene, o irmão Andrew e o Labrador Luke, xodó do atleta, é sempre a melhor parte. Quando está em casa Lucas curte cada momento com a família e amigos, sem deixar de lado os treinos, claro. "Pedalo, faço corrida na orla, viajo, vou à praia. Mesmo nas férias nunca paro de treinar".

O vôlei e a covid

Não tem sido fácil para ninguém. A pandemia causada pelo novo coronavírus também alterou significativamente a rotina dos esportistas. No vôleibol, campeonatos tiveram datas alteradas, treinos modificados... mas para Lucas a maior perda e o maior desafio foi enfrentar o vazio nos ginásios. Um silêncio que destoa da alegria e da vibração sempre presente nas torcidas. "Imagina você jogar um esporte coletivo onde milhares de pessoas costumam encher os ginásios pra assistir, e do nada você está num lugar onde não tem ninguém. É bem difícil essa parte da torcida, porque nos ajuda muito e faz muita falta. Pra mim é a pior parte da pandemia em relação a vida de atleta". Uma fase que Lucas e o mundo todo esperam para que passe logo. A torcida pelo fim da pandemia une todos os times, seleções e esportes.

Lucas diz que a maior perda e o grande desafio nas competições atualmente é enfrentar ginásios vazios, a ausência de vibração do torcedor na interação com os atletas

Fotos: Instagram/lucas.cborges



Federação e clubes buscam uma saída para o Paulistão

Dirigentes se reúnem amanhã para analisar a situação, depois da suspensão dos jogos pelo governo do estado de SP

Ciro Campos
Agência Estado

A Federação Paulista de Futebol (FPF) e os clubes se reuniram em encontro virtual na última quinta-feira e decidiram que o Campeonato Paulista não terá rodada neste fim de semana. Os oito jogos previstos estão por enquanto suspensos, já que a entidade optou por não transferir as partidas para outro estado. A mudança de sede havia sido planejada inicialmente para evitar a restrição de atividades esportivas em São Paulo. Em nota oficial, a FPF explicou que a suspensão desta rodada não significa que os demais jogos previstos também serão desmarcados. Haverá um novo encontro na segunda-feira pela manhã para analisar os próximos passos.

A opção por entrar na Justiça com um mandado de segurança para realizar os jogos em São Paulo foi descartada pelos clubes. Apesar de a FPF ter essa vontade, as equipes preferiram não judicializar o caso por enquanto.

A FPF explicou também que continuará em contato contínuo com o governo de São Paulo, CBF e autoridades de outros estados para viabilizar a realização dos jogos. Até agora, o campeonato está com nove partidas suspensas: oito do fim de semana e mais o encontro entre São Bento e Palmeiras, que seria realizado na última quarta-feira em Belo Horizonte.

A entidade reuniu os clubes após as tentativas anteriores de manter o campeonato não terem sucesso. A primeira investida foi em tentar convencer o governo estadual. Depois, a FPF acionou o Ministério Público (MP). Na sequência a opção se tornou procurar um outro Estado para receber as partidas, mas Rio de Janeiro e Minas Gerais vetaram a ideia.



Sem partidas marcadas, jogadores do Palmeiras seguem treinando normalmente à espera de uma definição sobre a sequência do Campeonato Paulista

Governo de Minas paralisa o Campeonato

Agência Estado

O governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), confirmou que o Campeonato Mineiro será paralisado a partir desta segunda-feira. A suspensão acontecerá após a disputa da quinta rodada do Estadual, neste fim de semana com os jogos de hoje programados: Athletic x Pouso Alegre, URT x Caldense, América x Cruzeiro e Tombense x Patrocinense.

A decisão inicial pela paralisação havia sido tomada após reunião entre repre-

sentantes do governo estadual e da Federação Mineira de Futebol, na terça-feira passada. Mas havia o agendamento de nova reunião para segunda-feira (22) em que as partes avaliariam a paralisação. Na última quinta, porém, o governador antecipou a suspensão, sem anunciar nova data para repensar a medida.

“Apenas essa rodada até este domingo é que acontecerá. São pouquíssimos jogos e que estarão totalmente dentro dos procedimentos de segurança. A

partir daí, tudo suspenso. O que nós queremos são medidas abrangentes que incluam todos, não queremos nenhum setor tendo tratamento diferenciado”, declarou Zema, em entrevista ao canal EPTV. As partidas estão sendo realizadas durante a chamada “Onda Roxa” do Plano Minas Consciente, para evitar a propagação do novo coronavírus. As medidas anunciadas causaram mudanças na tabela, em razão das restrições de circulação no estado.



Foto: Igor Sales/Cruzeiro

Neste fim de semana ainda haverá jogos e a suspensão começa amanhã

Artigo

Camila Ahrens

Infectologista do Hospital Marcelino Champagnat

Já estamos nos acréscimos no país do futebol

Em uma partida de futebol, o intervalo entre o primeiro e segundo tempo é fundamental para que os jogadores dos dois times tomem um ar, recuperem a energia e avaliem com o técnico as melhores táticas para ganhar o jogo. A pandemia da covid-19, agora, nos obriga a dar mais do que esse intervalo. Caminhamos rapidamente para os 300 mil mortos, em pouco mais de 365 dias, e continuamos nos recusando a trancar a porta, mesmo depois de ela ter sido arrombada duas vezes.

Manter os campeonatos de futebol rodando passa uma imagem de que o vírus não é sério. De que a doença não é mortal também para jovens e atletas. As pessoas não têm a dimensão do risco e da gravidade da situação.

Não respeitar esse “intervalo”, fazer jogadores viajarem para outras cidades - e até mesmo estados do outro lado do país - no momento em que deveriam estar isolados em casa, é

muito mais do que perder por 7 x 1. O Brasil bate recordes diários de mortes, com UTIs públicas e privadas lotadas e profissionais exauridos. Como cidadã e médica infectologista, afirmo que não há a menor possibilidade de as partidas continuarem.

Quem fala diferente, não tem a dimensão do risco que estamos correndo. Um jogo de futebol não se restringe aos 90 minutos de bola rolando. Muitas vezes, para assistir a uma partida, as pessoas fazem um churrasco, chamam os amigos e, por mais que isso signifique reunir apenas aquele grupinho seletivo que torce pelo mesmo time, isso acelera a proliferação do vírus. Isso quando não vão para a frente dos estádios ou para as ruas, para comemorar a vitória ou mostrar a indignação pela derrota. Se quem assiste o jogo com você não mora na sua casa, é uma chance a mais que você dá para o vírus contaminar quem você ama.

Entendo que os brasileiros são

apaixonados pelo futebol, mas futebol sem vida não é nada. A covid-19 é o rival mais perigoso para qualquer time. Ele não apenas rebaixa, ele mata!

O que acontece no futebol está em sintonia com o que acontece nos hospitais. Assim como o Brasil é o país mais apaixonado pela bola na rede, somos o local que mais tem transmissão do vírus neste momento. E a possibilidade de reinfeção é ainda maior com a nova variante do vírus, que já foi detectada em todo território nacional.

O futebol não é uma programação engessada e precisa parar por umas semanas, um mês ou talvez um pouco mais. A paralisação dos campeonatos deve ser vista como uma forma de conscientizar a população. E, assim como no ano passado, voltar quando tivermos uma condição sanitária melhor, quando entendermos mais a variante, quando tivermos um número maior de pessoas vacinadas e, principalmente, vagas nos

hospitais.

Eu concordo com a importância do entretenimento, ainda mais o futebol que é tão democrático. Mas, nesse contexto de cansaço e falta de soluções, estamos perdendo a sensibilidade. Precisamos definitivamente compreender que falamos de vidas perdidas. Qualquer medida para salvar uma vida, já vale muito. Essa vida é de um pai, de uma mãe, de um filho... que nunca mais vai poder comemorar um gol. E que vai embora sem aquele abraço, sem a despedida.

O estado é de calamidade. Sem dúvida, estamos no momento mais crítico desde o início da pandemia. Já estamos nos acréscimos e perdendo esse jogo. De goleada. Enquanto a vacina não chega para todos, o jeito é aceitar esse cartão vermelho e sair de campo por um tempo para colocar a cabeça no lugar e diminuir o número de casos ativos em todo país.

Foto: Divulgação/Polícia Civil/SP



Caso Gabriel

Ídolos não estão acima do bem e do mal



Foto: Alexandre Vidal/Flamengo

Toni Assis
Agência Estado

Detido na madrugada de domingo após ser flagrado em um cassino clandestino com cerca de 150 pessoas, na zona sul da capital, em um momento em que o Estado de São Paulo atravessa uma fase de restrição de circulação por causa da pandemia da covid-19, o atacante Gabriel aumentou a lista de polêmicas que costuma rodear alguns dos grandes ídolos do futebol. Nomes como Ronaldo Fenômeno, Edmundo, Romário, Adriano Imperador, Ronaldinho Gaúcho e Neymar por muitas vezes ganharam espaço na mídia por problemas extracampo. O Estádio ouviu psicólogos, profissionais da saúde, um ex-ídolo do Flamengo e uma coaching de alta performance para tentar entender essa relação que jogadores com questões que extrapolam o futebol.

Para o psicólogo do esporte Eduardo Cillo, do Comitê Olímpico do Brasil (COB), as celebridades do esporte muitas vezes refletem a falta de preparo ao atingir a fama. "Essa situação se repete e só vai mudando os personagens. Atletas que chegam ao status de ídolos muitas vezes não têm ideia da responsabilidade social que carregam".

Ainda de acordo com Cillo, as atitudes dessas celebridades têm forte influência sobre as novas gerações. "É bastante preocupante porque tudo que ele faz repercute. Muitas pessoas têm neles modelos de comportamento. Suas ações têm um poder muito grande", completou.

Para João Roberto Cozac, presidente da Associação Paulista da Psicologia do Esporte, parte desse comportamento se deve à postura dos times de futebol. "Os clubes não demonstram preocupação com os comportamentos extracampo de seus atletas. Se o caso de Gabigol e de tantos outros jogadores de futebol ocorresse na NFL, certamente a punição seria bastante rigorosa", comentou.

Dessa forma, completou Cozac, a "impunidade" em relação às polêmicas acaba tendo uma influência no comportamento dos grandes jogadores. "No Brasil, os jogadores de futebol estão acima do bem e do mal. Parecem ter imunidade social e, ultimamente, imunidade biológica. Perdem a chance de dar bons exemplos à sociedade e a todos que os seguem e admiram. A falta de responsabilidade social dos clubes e de seus atletas faz multiplicar os casos que comprometem suas imagens e também das organizações que representam".

A chegada de Gabriel coincide com o início de uma das fases mais gloriosas do clube desde a era Zico nos anos 80. E a adaptação foi imediata. Desde que chegou ao Flamengo, Gabriel ganhou sete dos 11 títulos disputados, e sempre como protagonista. Além do bicampeonato carioca e brasileiro, ele levantou a taça na Libertadores 2019 e faturou ainda a Supercopa do Brasil e a Recopa em 2020. Foram 70 gols marcados em 102 partidas.

Cardiologista e médico do esporte, Nabil Gorayeb, de 74 anos, falou sobre a polêmica em torno de Gabriel após o atacante ter

sido flagrado num cassino clandestino. "Ele se encaixa no perfil de comportamento de jogadores mais jovens que têm a sensação pessoal de serem mais fortes. Eles acham que, se contraírem alguma coisa, os sintomas vão ser bem fraquinhos", afirmou o cardiologista que ficou três semanas internado no hospital por causa do coronavírus, mas agora já se recupera em casa.

Gorayeb afirmou ainda que jogadores jovens são mais propensos à exposição pelo próprio estilo de vida. "Muitos moram com os pais, saem com os amigos, recebem visitas, são jovens. É diferente dos atletas casados que ficam mais com a família".

Um dos grandes ídolos da história do Flamengo, Andrade entende que Gabriel cometeu um erro e precisa saber das suas responsabilidades. "Ele sabe que errou, mas não pode expor uma instituição como o Flamengo. É necessário que alguém converse com ele sobre isso. Mas ele é um jogador jovem, é o primeiro erro que comete e não acho que seja o caso de uma punição", afirmou Andrade, que também foi campeão brasileiro do time carioca como treinador em 2009.

Andrade, que faz um trabalho de capacitação na base do Flamengo e também integra o time de masters do clube, já tomou a primeira dose da vacina contra a covid-19.

"Tenho 63 anos e s o u

formado em educação física. Acredito que em abril eu receba a segunda dose. Todo o cuidado deve ser tomado com nossa saúde nesta pandemia", disse o ex-volante.

Para a coaching de alta performance Nell Salgado, a paixão exacerbada do torcedor pelos seus ídolos acaba colocando os jogadores que se destacam na condição de mitos. Dessa forma muitos atletas acabam se perdendo. "Eles ficam com aquela ilusão do 'eu posso tudo'. Não conheço o Gabriel, mas quando começo a trabalhar com um atleta, procuro entender as suas características pessoais e o perfil comportamental para poder mapear a cabeça dele e entender suas reações".

Nell disse que é preciso analisar as características que aproximam e também as que afastam os jogadores de seu objetivo. No entanto, para conseguir uma mudança de fato, a decisão tem de ser do próprio atleta. "Se ele consegue entender os impactos negativos que essas atitudes vão causar na vida pessoal, profissional e como indivíduo, é um passo importante. Mas é uma decisão dele mudar. Essa percepção tem de ser do atleta. Se não acontecer isso, as atitudes vão continuar e não vai adiantar apontar o dedo depois", complementou.

Foto: Alexandre Vidal/Flamengo



Foto: Alexandre Vidal/Flamengo

Especialistas afirmam que as atitudes dessas celebridades, como Gabriel, ídolo do Flamengo, têm forte influência sobre as novas gerações. Elas precisam ter o máximo de cuidado com o comportamento fora das quatro linhas

Belo tem desafio em Maceió



Botafogo faz, hoje, a sua quarta partida pela Copa do Nordeste em busca de sua primeira vitória contra o CRB

IvoMarques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo tenta neste domingo a sua primeira vitória na Copa do Nordeste, para tentar terminar a quarta rodada, iniciada ontem, no G4. O Belo vai enfrentar o CRB, às 20h, no Estádio Rei Pelé, em Maceió-AL. Desde 2013, quando a competição passou a ser administrada pela CBF, os dois clubes só se enfrentaram uma única vez. Isto aconteceu em 2019, e a partida terminou empatada em 0 a 0, no Estádio Rei Pelé. A arbitragem para o jogo de hoje é do Maranhão. O árbitro central é Ramon Oliveira de Sousa, auxiliado por Antônio Fernando de Sousa Santos e Raphael Max Borges Pereira.

Pelo lado do Botafogo, há uma necessidade de vitória, porque a equipe ainda não venceu na competição e perdeu pontos importantes em casa. Agora, a equipe, se quiser se classificar, terá de buscar pontos na casa dos adversários. Para este jogo contra o CRB, o treinador Marcelo Vilar deverá ter alguns reforços importantes. O meia Clayton já está com um melhor condicionamento físico e ritmo de jogo e poderá fazer a sua estreia. No ataque, ele já deverá contar com Rafael Oliveira e Sávio, que não enfrentaram o Sampaio Corrêa, porque estavam entregues ao departamento médico.

Marcelo Vilar não revelou o time que vai começar a partida, mas certamente deverá fazer mudanças em relação ao último jogo. Com apenas 3 pontos, em 3 jogos, e ocupando a quinta colocação do grupo B, o Botafogo terá de buscar uma vitória para alcançar o G4. O Belo empatou na estreia em 0 a 0 com o 4 de Julho, no Almeidão. Em seguida, encarou o Bahia em Salvador e empatou em 1 a 1. Na última rodada, novo empate em 1 a



Marcos Aurélio (E) continua sendo o destaque do time que ainda não pode comemorar uma vitória na Copa do Nordeste, depois de três empates, sendo dois jogos disputados em João Pessoa

1, desta vez, com o Sampaio Correa, no sábado, em João Pessoa.

No CRB, o clube viajou no meio de semana para Goiás, para enfrentar o Goianésia, pela Copa do Brasil, mas o jogo foi adiado e o time

teve de treinar na quinta-feira em Brasília. Para o jogo contra o Botafogo, o técnico Roberto Fernandes deverá contar com o retorno do meia Diego Torres, recuperado de uma lesão na panturrilha. As dúvi-

das ficam na zaga e no meio-campo. Páscoa disputa posição com Diego Ivo e, machucado, o volante Wesley deve ser substituído por Jiménez ou Carlos Jatobá.

O clube alagoano tem 4 pontos e

está na quarta posição do grupo A. O time perdeu na estreia para o Fortaleza, no Ceará, por 1 a 0. Em seguida, ganhou do Sport de Recife por 2 a 0, em Maceió, e por último, empatou em 1 a 1 no clássico contra o CSA.



Treze tenta manter a boa fase na Copa do Nordeste contra o ABC

IvoMarques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Treze tem hoje a oportunidade de confirmar a boa fase na Copa do Nordeste e fazer o

dever de casa contra o ABC. A partida está programada para as 18h, no Estádio Amigão, em Campina Grande. O Galo vem de um empate em 1 a 1 com o Fortaleza, no Ceará, e ocupa

a segunda colocação do grupo A, com 5 pontos. Já o ABC tem também 5 pontos, mas está na terceira posição no grupo B. A partida deste domingo terá um trio de Sergipe, comandado

por Diego da Silva, auxiliado por Renner Lisboa dos Santos e Thiago Emanuel Reis de Albuquerque.

Com pouco tempo para treinar, após a partida contra o América Mineiro, pela Copa do Brasil, o técnico Marcelinho preferiu aplicar treinos mais leves na sexta e no sábado. Ele quer os jogadores focados apenas nesta partida, que pode levar o Galo à liderança do grupo A, ultrapassando o Ceará. Ele espera mais um jogo duro, porém, acredita que a equipe tem todas as condições de fazer bem o dever de casa, assim como foi contra o Altos, na segunda rodada da Copa do Nordeste.

Como sempre faz, o treinador manteve o mis-

tério e não revelou a escalação da equipe, mas certamente jogará de forma mais ofensiva, tentando manter a bola no campo do adversário e fazendo uma marcação alta, nos primeiros minutos da partida.

Pelo lado do ABC, o clima é de otimismo. A equipe permanece invicta na temporada, é vice-líder do Campeonato Norte Rio Grandense, está no G4 da Copa do Nordeste e acabou de se classificar para a segunda fase da Copa do Brasil, ao eliminar o Rio Branco VN, após um empate em 1 a 1.

O técnico Sílvio Criciúma não deverá fazer grandes mudanças na equipe, em relação a estreia na Copa do Brasil, na última quarta-feira, já que será uma nova partida fora de casa, e o importante é sair de Campina Grande, sem perder.

Foto: Instagram/Trezeoficial



Técnico Marcelinho Paraíba observa o treinamento técnico com os jogadores do Treze no Presidente Vargas



O homem que dá (seu) nome aos bichos

Professor uruguaio Alfredo Langguth é referência na mastozoologia brasileira e tem, ao menos, cinco espécies com seu sobrenome

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Sua casa mais parece uma espécie de museu particular, com objetos antigos e raros por todos cômodos e até mesmo na varanda. É como estar em um almanaque vivo da biologia, cultura e sociedades de diversas partes do mundo... São bichos empalhados nas paredes, coleção de conchas como mesa de centro, objetos, livros e mais livros que são marcas de uma vida dedicada ao estudo dos animais. De hábitos simples, o zoólogo Alfredo Ricardo Langguth Bonino já descobriu e batizou com seu nome ao menos cinco espécies de mamíferos, mas estranhou o pedido para abotoar a camisa na hora da foto: "Está feio assim? Essa é a minha realidade. Então, vou colocar por dentro, por fora não é chique".

"O homem que dá seu nome aos bichos" nasceu na capital do Uruguai, Montevidéu, em 1941, e escolheu a capital paraibana para ser seu lar desde a década de 70. Morava em frente ao mar e sempre gostou de embarcações e dos animais. E foi sobre os mamíferos que ele dedicou toda sua vida estudando, mergulhado no ramo da mastozoologia.

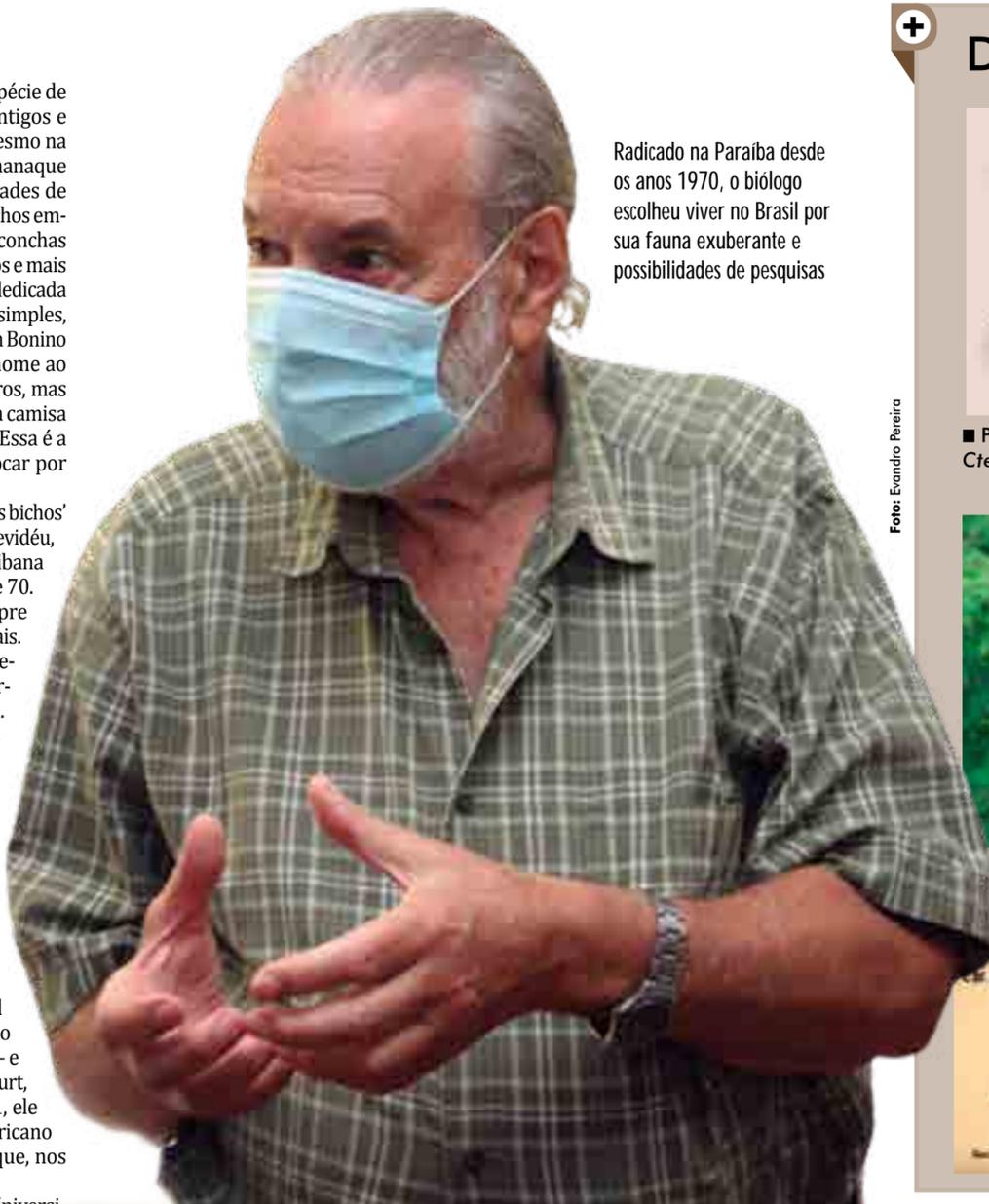
Todas as suas descobertas descritivas, cerca de cinco, foram de espécies mamíferas, entre elas a *Pseudolophophorus langguthi* Farina (uma espécie de tatu já extinto no mundo), o *Cerradomy langguthi* e o *Deltamyskempi langguthi*, que são espécies de mamíferos roedores. Alfredo, terminou sua graduação em Ciências Biológicas no ano de 1964, mesmo ano que descreveu seu primeiro animal – uma espécie de rato encontrado no Sul do Uruguai e na Argentina – e logo foi fazer doutorado em Frankfurt, na Alemanha, em 1965. Em 1971, ele fez pós-doutorado no Museu Americano de História Natural de Nova Iorque, nos Estados Unidos.

Langguth veio trabalhar na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no início de 1979, para tentar fugir ditadura militar do Uruguai, que, segundo suas memórias, aqui no Brasil ainda era menos trágica que no Uruguai. "Por outro lado, eu sou zoólogo e me interesse pela fauna, o Uruguai é um país pequeno embora tenha uma fauna interessante não se compara com a diversidade brasileira. Então, eu vim para trabalhar na UFPB e me apaixonei pela Paraíba", comentou. Alfredo lembra que ainda morou por três anos no Rio de Janeiro, quando foi responsável pela coleção de mamíferos do Museu Nacional, mas decidiu retornar para João Pessoa.

Sua contribuição para a pesquisa do mundo animal, especialmente dos mamíferos, é inegável. E já lhe renderam os títulos de Membro Honorário da Sociedade Brasileira de Mastozoologia e da Sociedade Americana de Mastozoologia, que é a mais prestigiada do mundo. Ao todo, publicou mais de 100 trabalhos científicos – entre livros, capítulos e artigos –, no Brasil, Europa e Estados Unidos. Além de ter realizado dezenas de projetos e orientações no Brasil e no Uruguai.

"Eu sempre procurei achar as explicações das coisas, sempre me preocupei em saber o porquê estava fazendo tais estudos e cobrava isso dos meus alunos. Então, esse tipo de atitude pode ter influenciado nos meus reconhecimentos. Eu tenho alunos que orientei no Uruguai, nos anos 60, que ainda me reconhecem como seu mestre. Isso é muito gratificante", diz o zoólogo.

Pesquisador recebeu títulos de Membro Honorário da Sociedade Brasileira e da Sociedade Americana de Mastozoologia



Radicado na Paraíba desde os anos 1970, o biólogo escolheu viver no Brasil por sua fauna exuberante e possibilidades de pesquisas



Descobertas

Foto: Acervo pessoal



■ Primeira catalogação do pesquisador, o *Ctenomys rionegrensis* Langguth & Abella

Foto: Acervo pessoal



■ "Mocó acrobata" é o apelido do *Kerodon acrobata* Moojen, Locks e Langguth

Foto: Acervo pessoal



■ Distinções recebidas pelo professor em virtude da contribuição que deu à zoologia



Taxonomia e o "ritual" científico de batismo

Para "batizar" um animal, é preciso descrever a espécie cientificamente e entender do processo de taxonomia. Ou seja, como definir seu nome com base nos grupos de características comuns a que pertence. Alfredo explica que a taxonomia é uma ciência comparativa, fundamental para diferenciar os seres dessa mesma Ordem. "Classicamente, desde a época de Lineu, se compara a morfologia, o que você vê, o externo, as características físicas. Essas características, claro, estão determinadas geneticamente. A base dessas características é a filogenia", explica.

No entanto, detalha o professor, antes a filogenia era realizada de forma mais artesanal, com os próprios bichos e atualmente "hoje, não tem mistério, é como cozinhar lentilha: se colhe a amostra, manda para um instituto que tem na Coreia e, lá, fazem tudo automático; se descobre rapidamente a árvore filogenética e já se sabe que são espécies irmãs, ou não".

As "facilidades", explica Alfredo, acabam por modificar as metodologias de pesquisas. "O aparelho me dá uma árvore filogenética, mas não me diz como elas são. Então, sei a relação entre as espécies, mas não sei como essa evolução aconteceu", comentou.

Em relação à evolução dos bichos, Langguth destaca que é um processo que leva muito tempo e a vida do ser humano, apesar de ainda ser longa, não é suficiente para se perceber essas mudanças. "Essa é uma das questões que eu fico preocupado, pois a evolução é um processo constante, continua acontecendo, nunca parou. Então, hoje em dia se percebe as mudanças acumuladas no passado, mas não se percebe o que está acontecendo. A gente sabe quais são

...hoje, não tem mistério, é como cozinhar lentilha: se colhe a amostra, manda para um instituto que tem na Coreia e, lá, fazem tudo automático; se descobre rapidamente a árvore filogenética

os mecanismos de evolução, como a seleção natural, as mutações novas que se adaptam melhor no ambiente que mudou, ou o isolamento de pequenas populações e dentro de algumas características que antes eram irrelevantes se tornam muito frequentes". Assim, os animais passam a ter outras características, porém esse é um processo lento, que dura séculos para ser percebido pela humanidade.

Macaco-prego-galego

Alfredo Langguth encerrou seu vínculo como professor da UFPB em 2014. Mas nos últimos sete anos tem retomado estudos e projetos incompletos, como pesquisador do CNPQ.

Foto: Acervo pessoal



■ Espécie não era observada há décadas e foi redescoberta no litoral paraibano depois de ser confundida com outros macacos

Entre eles, a descrição de uma nova espécie de roedor que foi coletada no Tocantins. "Estou aposentado na UFPB, mas um pesquisador nunca para, inclusive tenho trabalhos que sigo realizando com alguns ex-alunos. Tenho vários trabalhos na anatomia de mamíferos, inclusive de descrição genética de cromossomos, que perduram até hoje", complementa o cientista. O pesquisador também investigou animais ameaçados de extinção, e foi ele um dos cientistas que 'redescobriu' a espécie macaco-prego-galego, no Litoral Norte da Paraíba.

"Ameaças existem muitas, porque cada vez mais o homem invade os espaços dos bichos. Pode ser que se chegue à extinção desses que hoje são ameaçados, como o macaco-prego-galego que havia sido descrito no século passado, mas as pessoas achavam que eram todos o mesmo macaco e quando fomos atrás vimos que se tratava de uma espécie diferente", relata.

A Superintendência de Administração do Meio Ambiente da Paraíba vem realizando medidas preventivas nas exigências do licenciamento ambiental de empresas que se instalam na área de Mata Atlântica. "Por se tratar de uma espécie em ameaça de extinção, classificada no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada (LVFBA), os empreendimentos devem adotar procedimentos específicos para garantir a preservação da espécie, de acordo com as instruções normativas do IBAMA", esclarece a bióloga da Sudema-PB, Emanuela Gonçalves. Para manter a conservação da espécie macaco-prego-galego, há na Paraíba o Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros, gerenciado pelo ICMBio, centro fundamental para a pesquisa e monitoramento de primatas no estado.

Metuzael Dias

Rei do carnaval e inovou na radiofonia paraibana

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@gmail.com

O radialista e carnavalesco Metuzael da Silva Dias nasceu em João Pessoa, no dia 6 de fevereiro de 1946. Também na capital paraibana morreu, vítima de assassinato, em 6 de abril de 1987. Seu pai era o artesão de placas para veículos de tração e automotores José Bento Dias e sua mãe se chamava Severina Romana da Silva. Incentivado pelo genitor – que teria sonhado em um dia ver seu filho um monarca –, tornou-se o Rei Momo mais destacado da capital, a partir de 1964, quando foi eleito por agremiações carnavalescas. Outras versões dão conta que Metú, como era conhecido na intimidade, realizou uma auto eleição, principalmente depois que ele ganhou nome como radialista, conquistando um público que elogiava sua voz e as inovações que implantava na radiofonia.

Com mais de um 1,90m de altura, Metuzael não precisava fazer nenhum esforço para aparecer. Seu vozeirão era reconhecido em qualquer lugar, embora a voz bonita não fosse compatível com a aparência. Revelava-se carinhoso e atencioso com todos, principalmente com as mulheres. E levava tão a sério o título de nobreza carnavalesca, que a primeira difusora em que trabalhou, montada diante de sua casa, na Avenida Conceição, em Jaguaribe, foi batizada como “PR Monarca”. No frontispício da casa e da difusora, colocou os brasões reais que ele mesmo criou e acrescentou a legenda “Palácio do Rei Momo”. Quando estreou no Rádio Arapuan, em João Pessoa, criou o programa Clube do Reizinho incentivado pelo jornalista Otinaldo Lourenço.

“Ele conseguiu democratizar o carnaval, levando a folia ao vivo para o ar e entrevistando carnavalescos famosos, além de diretores de clubes. Divulgava blocos, tribos indígenas e troças”

O radialista e ex-vereador Cardivando de Oliveira revela que fora admitido na Rádio Arapuan, como redator do programa Antena Política, na época o mais vibrante da cidade. “Nesse interim Metuzael já era conhecido e admirado. Ele conseguiu democratizar o carnaval, levando a folia ao vivo para o ar e entrevistando carnavalescos famosos, além de diretores de clubes. Divulgava blocos, tribos indígenas e troças”, lembra. Metuzael se sentia realizado ao conseguir que todas as agremiações carnavalescas de renome passassem diante de seu palácio, na avenida Conceição, durante o carnaval. Dizem que até valia pontos para a conquista do troféu de campeão. Era de birra. Ninguém o fazia voltar atrás quando julgava que estava certo.

“Ele pode até ter criado algumas arestas por aí. Mas, na minha opinião, Metuzael foi o maior locutor da radiofonia pessoense até os dias de hoje. Apenas Gerson Luís e Cláudio Amaral chegaram perto de seu elogiável estilo, mas nunca o igualaram”, ressalta o radialista, advogado, cantor e compositor, Jadir Camargo. Ele complementa: “Metuzael era um profissional autodidata rígido, se expressava bem em português, narrava e escrevia textos como ninguém.” De acordo com Jadir, o reizinho promoveu a radiofonia de João Pessoa levando ao ar programas divertidos e de roupagens novas, que fugiam ao lugar comum. Um deles foi “Parada de Campeões”, na Rádio Correio da Paraíba, na era da Jovem Guarda, que alcançou uma audiência respeitável.



Foto: Acervo pessoal

A briga com Maurício Rei e o assassinato na portaria do jornal

Em “Parada dos Campeões”, Metuzael consultava o público, tocava 10 músicas e, no final, anunciava a nota de um a dez, e os respectivos vencedores. A contagem era feita de forma decrescente. “Sua maior contribuição para o rádio foi a de não deixar o ouvinte entediado”, lembra o radialista e compositor Jadir Camargo. “Ele improvisava do jeito que ninguém conseguia: entrava de chofre, empunhava o microfone e falava com um fôlego infinito”. Metuzael não gostava de brincadeiras quando trabalhava, nem admitia botar música no ar cujo compacto ou LP não estivessem bem gravados, inclusive com erros de ditação.

Foi assim que ele literalmente brigou com o cantor paraibano Maurício Reis. Este, acabara de ocupar o lugar de Evaldo Braga nas paradas musicais, adotando o pseudônimo artístico de “O Poeta do Cravo Branco.” Para fixar bem essa imagem, Maurício, que nasceu em Santa Rita (PB), andava com um cravo branco preso na lapela. Ele acabava de lançar um de seus maiores sucessos, o LP “Fim de Noivado,” quando seu irmão, Josué França, cantor iniciante, lhe pediu que promovesse este compacto. Maurício subiu com Josué a escadaria da Rádio Correio, então instalada na Praça Vidal de Negreiros, e topou com Metuzael. Este pegou o disco, e disse que ia ouvi-lo no estúdio.

Impaciente com a espera, Maurício e o irmão entraram bruscamente no estúdio, mesmo na hora em que Metú tinha



Metuzael construiu carreira falando sobre - e também promovendo - festas de carnaval. Sua contribuição era “não deixar o ouvinte entediado”

quebrado o disco de Josué. Depois, em alta voz, taxou o disco de imprestável e disse que a peça apresentava dois erros de português. Irritado, Maurício pegou uma das tábuas do cavalete de jornais e investiu contra Metuzael, batendo-lhe duas vezes na cabeça e no olho. A turma do deixa disso interferiu e a coisa ficou assim mesmo. Mas a gravação de Josué França não foi ao ar. Pode-se dizer que

tanto Maurício Reis quanto Metuzael eram imprevisíveis quando provocados. Perto das 10h da manhã de 6 de abril de 1987, Metuzael, que era apaixonado por sua ex-mulher, a sonoplasta Mariza Galdino, entra de surpresa na portaria do Jornal e Rádio Correio da Paraíba, na D. Pedro II, em João Pessoa. Anuncia, em voz alta, que queria falar com Mariza. O porteiro-segurança

Antônio Silva, o Baxim, disse que a diretoria da empresa dera ordens para ele não passar dali. Houve uma discussão entre os dois e Antônio acabou matando Metuzael, com dois tiros de revólver. O portador da notícia, levada a todos nas redações, foi Deodato Borges. Nesta época, Metú já havia deixado a Arapuan e estava trabalhando no Rádio Integração do Brejo, em João Pessoa.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

E se cada vítima tivesse sua história divulgada desde sempre?

Há dias tenho acordado com uma angústia no peito. Quantas mortes por covid-19 teriam sido evitadas se, desde o início, a comunicação sobre a contaminação pelo chamado novo coronavírus (Sars-CoV-2) fosse eficiente?

O que é a doença, formas de contágio, modos de prevenção, políticas públicas eficazes, tratamento, pesquisas, vacinas, transparência sobre número de vítimas... o que haveria de diferente na tragédia que o país vive hoje se a população, desde o princípio, fosse comunicada, da forma mais direta e simples possível, sobre a nuvem pesada que pairava sobre nós?

“A essência da informação é a redução da incerteza”, aponta Denis McQuail. Em tempos de pandemia, essa assertiva ganha um peso ainda maior. Até que ponto, autoridades, políticos e jornalistas contribuíram para elevar ou diminuir a dúvida entre o público?

E se cada morte anunciada tivesse um nome e uma história desde sempre? Infelizmente, enquanto a dor não bate à porta do nosso coração, banalizamos casos, e números viram apenas estatísticas. Algumas mortes por covid-19, é preciso que se diga, conseguiram atravessar os portões da seleção jornalística.

Seguindo os critérios de noticiabilidade, pessoas ilustres ou mais conhecidas tiveram a morte pela covid-19 (ou decorrente da doença) divulgada na mídia desde o começo da pandemia. O nome era divulgado. Notas de pesar eram emitidas por importantes órgãos públicos ou privados. A pessoa que partia tinha um resumo da sua vida registrada.

Se cada vida levada pelo vírus tivesse sido anunciada, mostrando a face de um amigo, uma mãe, um familiar que chorava a partida de alguém, o impacto seria diferente. Tenho certeza. Mas a rotina da produção industrial nas empresas jornalísticas e os valores-notícias tradicionalmente adotados por nós, jornalistas, todos eles têm sua vida chorada pela (e na) mídia. Mais recentemente, outras vítimas começaram a ganhar espaço nos relatos jornalísticos.

Infelizmente, agora a “indejada das gentes” já levou mais de 5 mil paraibanos, mais de 280 mil brasileiros. E se não houvesse desertos de notícias no Brasil, será que tudo isso seria diferente? E se cada pequena cidade contasse com um ou mais veículos levando

do evento em relação ao ciclo de notícias; exclusividade; e benefícios econômicos (de público, patrocinadores etc.).

A maioria dos jornalistas que conheço tem esses fatores naturalmente introjetados. Faz parte da cultura profissional. Assim, como citei antes, a morte dos ilustres é divulgada amplamente: o filho do empresário, o industrial, o político, todos eles têm sua vida chorada pela (e na) mídia. Mais recentemente, outras vítimas começaram a ganhar espaço nos relatos jornalísticos.

Infelizmente, agora a “indejada das gentes” já levou mais de 5 mil paraibanos, mais de 280 mil brasileiros. E se não houvesse desertos de notícias no Brasil, será que tudo isso seria diferente? E se cada pequena cidade contasse com um ou mais veículos levando

“A melhor amiga de infância de qualquer um em cinco minutos.”

Erika Regina, 39 anos vítima do coronavírus em São Paulo, não é um número.

informação precisa à comunidade, será que haveria menos mortes pela covid-19? E se a dor do outro não fosse tratada como mimimi? E se o outro tivesse nome, sobrenome e afetos conhecidos? Desde o início. Desde o começo. Desde o princípio. Desde sempre.

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Os Gêneros Rítmicos – O Bolero no Brasil

Em terras brasileiras, o gênero rítmico do bolero tornou-se contagiante, mormente por quem, algumas vezes, preso a um passado recente gosta de “curtir” uma nostalgia quando lembra amores passados, mas, sobretudo, por quem cultivava/cultiva os passos e os trejeitos que o ritmo inspira quando se veem em um salão de dança.

Uma lista completa, obviamente, além de cansativa tornar-se-ia quase impossível não somente diante da proliferação do número de boleros cultuados, mas igualmente do espaço disponível a esta Coluna.

Arriscamo-nos, assim, a citar apenas os intérpretes e os títulos mais conhecidos no nosso universo do bolero:

- Trio Irakitan – trio vocal e instrumental formado em Natal-RN, em 1950, tendo como componentes, Edson França (Edinho), líder vocal e violão; Paulo Gilvan Bazerril, afôxe; João da Costa Neto, tantã. Fixou-se no Rio e firmou-se no mercado latino-americano, sobretudo como intérprete de boleros, depois de fazer sucesso por um ano México (1953), tendo gravado naquele país, na Argentina e na Venezuela. Por aqui, é muito lembrado por haver gravado, em 1965, com Nat King Cole, para o LP “A Meus Amigos”, a embolada “Andorinha Preta” (1932), de Breno Ferreira. Após o suicídio de Edinho, ocorrido em 1965, o trio manteve-se ativo com várias alternâncias de componentes. Dentre os boleros mais destacados, o trio interpretou versões dos sucessos Beija-me muito, Perfídia, Frenesi, Aqueles Olhos Verdes, A Barca, Duas Almas, Três Palavras, Talvez Talvez.
- Gregório Barrios (1911-1978) – natural de Bilbao/Espanha, aos dez anos foi residir com a família em Buenos Aires, uma vez que o seu pai, como socialista convicto e alegando perseguições de natureza política, rumou para a Argentina. Depois de trabalhar em vários empregos desde os doze anos, somente aos 27 anos ingressou no mundo da música. Vindo ao Brasil, em 1941, aqui se consagrou como o Rei do Bolero, radicando-se em São Paulo, porém, sempre presente no universo musical carioca. Fiel às origens, sempre gravou no idioma original alguns dos seus grandes sucessos: Luna Lunera, Vereda Tropical, Perfídia, Frenesi, Palabras de Mujer, Sabrá Dios, Dos Almas, Quizás Quizás Quizás, Hipócrita, Maria Bonita.
- Agostinho dos Santos – (São Paulo-1932/Paris-1973, em desastre aéreo) deixou-nos um LP recheado de boleros: Aqueles Olhos Verdes, Perfídia, Frenesi, Vereda Tropical, Acerca-te mais.
- Carlos Alberto – (1933-2019) nasceu e sempre viveu em Minas Gerais onde também se consagrou como o nosso Rei do Bolero (2º). Destacou-se pela “tragicidade” de sua voz, que “casava” bem com a forma como interpretava os seus maiores sucessos: Ilumina-me, Senhor/Iluminame Señor e Aquece-me esta noite/Regálame esta noche.
- Roberto Luna – natural de Serraria-PB (1929), rumou para o Rio de Janeiro em 1940, fixando-se no universo da música como crooner em casas noturnas. Seu grande sucesso

foi Relógio/El Reloj, bolero que consagrou Roberto Cantoral, o autor.

- Lindomar Castilho – também cognominado de Rei do Bolero (3º), nasceu em Goiás. Envolvido com o assassinato de sua segunda esposa, cumpriu pena, depois do que passou a viver recluso em seu estado natal. Seu grande sucesso “Você é doída demais”.
- Edith Veiga – natural de Juiquá-SP (1943), aos quinze anos, ainda estudante, mudou-se para São Paulo, iniciando-se na música com participação em programas de calouros. Seu grande sucesso em gravação foi a versão do bolero Faz-me rir/Me dá Risa, de 1961. Destaque, também, para o bolero Maldito, posteriormente gravado por Altamar Dutra.
- Emilinha Borba (1923-2005) – natural do Rio de Janeiro onde sempre viveu, é uma das mais populares cantoras brasileiras. Atuou em vários filmes, mormente naqueles em que as gravadoras promoviam os seus lançamentos musicais. No bolero, marcou época a sua versão para Dez Anos/Diez Años.
- Anísio Silva – (1920-1989) natural da Bahia, iniciou sua carreira musical, em 1952, no Rio. Cantor romântico de poucos recursos vocais, foi um intérprete do bolero Sonhando contigo, com cuja gravação foi o primeiro cantor brasileiro a receber o “disco de ouro”. Outros sucessos: Algêmem me disse, Quero beijar-te as mãos, Onde estás agora.
- Orlando Dias – (1923-2001) nasceu no Recife e terminou seus dias no Rio. Classificado pela crítica como “brega romântico”, ficou conhecido

pela maneira “extravagante” de comunicar-se com o que ele chamava de “minhas fás”. Seu maior sucesso: Tenho ciúme de tudo...

- Adilson Ramos – carioca (1945) teve breve passagem pela Jovem Guarda, mas marcou época com o bolero Sonhar contigo.
- Alcides Gerardi – gaúcho, radicou-se no eixo Rio/São Paulo (1918-1978). Costumava vir a nossa capital, onde gostava de demorar-se. Sucesso maior, o bolero Agora.
- Altamar Dutra – mineiro, faleceu em Nova Iorque (1940-1983), chegou a gravar um LP, para o mercado latino-americano, com Lucho Gatica. Destaques: Que queres tu de mim, Sentimental demais, Tudo de mim, Perfídia, La Barca.
- MPB 4 – Mais afeito à Bossa Nova, gravou (2012) um disco de boleros, com destaque para Contigo aprendi.
- Nana Caymmi – em 1993, gravou um disco (Bolero), com interpretações no original e em versões. Destaques para Frenesi, Tu me acostumaste e Contigo em la distancia.

pelos sucessos: Algêmem me disse, Quero beijar-te as mãos, Onde estás agora.

- Nana Caymmi – em 1993, gravou um disco (Bolero), com interpretações no original e em versões. Destaques para Frenesi, Tu me acostumaste e Contigo em la distancia.





Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses
 E-mail: chefwalterulysses@hotmail.es

Dias difíceis

Todos os dias, como chef consultor em gastronomia, recebo mensagens de pedidos de ajuda por conta dessa nova fase que estamos passando, novamente, com a covid, como relatos de pessoas compartilhando o quanto está difícil viver sem ter seus clientes e nem muito menos poder retirar seus pedidos no balcão para facilitar o valor da taxa de entrega. É mais um momento que ninguém esperava acontecer novamente.

Pessoas cujas empresas estavam habituadas ao serviço local e, neste momento, tiveram que virar e-commerce ou mesmo delivery, não estão conseguindo pagar suas contas e as demissões estão sendo literalmente em massa. Eu tenho uma visão do apanhar da situação de cada, e que podia até ajudar de certa forma, mas muitos foram pegos de surpresa. Já começaram com serviços diários, tiveram que mudar para cinco vezes na semana e muitos só conseguem o final de semana, pois no restante dos dias não existem pedidos de venda.

E quero entrar um pouco até em área e segmento distinto, que normalmente trago todos os domingos.

Tenho observado uma desvalorização ao comércio local. Falo daquele pequeno mesmo, que fica no seu bairro, que foi uma das minhas primeiras crônicas, para não abandonarem essas empresas, pois os grandes já tinham seus meios de sobrevivência garantidos. Então, temos que valorizar os pequenos empreendedores locais.

Ao mesmo tempo, tenho visto autônomos, como pedreiros, pintores... preocupados em como levar alimentos para suas casas porque muitas pessoas, com essa segunda leva de covid, ficaram com muito mais medo, e com razão. Não duvido que muitas empresas dessa vez vão quebrar e as que sobreviveram ao período da quarentena mais de 50% delas vão fechar as portas, não está fácil para quem não tem uma renda fixa para tentar levar o pão nosso de cada dia para casa, para que sua família não passe necessidade, e quantos já estão passando necessidade.

A situação não é boa para ninguém no Brasil, todos estão tentando se adequar para sobreviver a este caos. Empresas já renegociam seus financiamentos pós quarentena e buscaram reduzir seus custos

para se manterem vivas. E agora a coisa está novamente piorando, e até quando?

A única certeza que eu tenho é que a onda de desemprego que já existia vai continuar a crescer. E, neste momento, os únicos beneficiados que vejo são os Bancos, recebendo ajuda do Governo Federal para tentar mostrar algo de redução de juros para novas linhas de financiamentos que virão a oferecer novamente. E as empresas colocando seus funcionários para casa com direito a quebra de contrato com o aval do Governo Federal e, em seguida, vamos ter milhares de desempregados.

Garantir que, mesmo em crise, você continue recebendo seu salário isso é quase impossível, é um caos na área de hotelaria de maneira geral.

Voltamos a pedir um socorro a São Expedito, o santo das causas impossíveis, porque neste território de desgoverno não temos a quem nos ajudar, e a coisa só tende a piorar a cada dia.

Ainda é possível não deixar que mais empresas fechem suas portas, mas para isso é preciso uma união governamental.



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Filé Suíno com molho de goiaba e morango

Ingredientes

- 1 kg de filé suíno cortado em torpedores
- 1 colher de manteiga
- 1 fio de azeite
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 4 goiabas sem sementes
- 8 morangos
- 5 tomates sem casca e sementes
- 1 colher de sopa de açúcar
- 3 batatas cortadas em forma de canoa temperadas com sal e pimenta, regada no azeite ao forno para acompanhar.

Modo de preparo:

- Em uma frigideira, coloque o azeite e a manteiga, em seguida acrescente os torcedores do filé suíno, e frite de cada lado ao seu gosto e reserve.
- Em uma panela, acrescente os tomates, o açúcar, as goiabas e o morango e deixe cozinhar até chegar ao ponto de você puder amassarem com um garfo, se necessário bata em um mix ou um liquidificador.
- E sirva com as batatas canoa que você levou ao forno.



QUENTINHAS

Estamos vivendo um momento muito delicado, então vamos aproveitar, principalmente você que tem uma condição melhor, em fazer os pedidos de suas refeições no delivery das microempresas de nossos bairros e que sejam nascidas em nosso estado.

Uma rede de supermercados está com mais de 250 vagas abertas, em João Pessoa. O processo seletivo acontece através de um aplicativo. A rede irá abrir no bairro de Água Fria e busca por operadores de caixa, embaladores, lideranças e seguranças. Os contratados trabalharão 44 horas semanais e terão vale transporte, seguro saúde, assistência odontológica, convênio com farmácia e refeições na empresa. Os salários não foram divulgados.

A Gorlami Pizzaria Delivery que atende em João Pessoa foi uma das grandes surpresas que tive no último fim de semana. Entrega super rápida e deliciosa, além das promoções que eles sempre fazem. Entrem no Instagram @gorlamijp



PITADAS A GOSTO

A carne suína, por mais que tenha subido o tanto quanto a carne bovina, ainda é menos da metade do preço da carne bovina.

Lembrando que você pode substituir por carne caprina, que você encontra nos mercados públicos com preço bem mais em conta.

A ovinocaprinocultura, embora seja explorada em diversos países, apresenta pouca expressão econômica, pois ainda é uma atividade desenvolvida em sistemas extensivos e baixo nível tecnológico.

Segundo dados do IBGE, em 1997, o Brasil apresentava um efetivo dos rebanhos ovino e caprino na faixa de 14,5 e 8 milhões de cabeças, respectivamente. Em 2020, estes valores mudaram para 16,2 e 10,5 milhões de cabeças de ovinos e caprinos, respectivamente. Ainda é uma quantidade muita baixa de criação!

Da calculadora de casa à soma de todos os cálculos

O micro e o macro da economia

André Resende
andreolimpio89@gmail.com

A economia está em tudo, por mais que não se consiga percebê-la na rotina de cada um. Desde a forma como se gerencia a renda, partindo da capacidade individual de consumir (ou de se endividar), na pesquisa de preço para adquirir um produto mais barato, até na busca para a contratação de um serviço por um valor que cabe no bolso. A cada tomada de decisão, considerando o que se tem diante do que se precisa ou quer comprar, pratica-se economia.

Em sua acepção mais sucinta, economia é a administração dos recursos disponíveis, seja nos lares, nas empresas ou no poder público, de forma eficiente: adquirir o máximo de bens, produtos e serviços necessários para a sobrevivência, gastando o mínimo possível. A economia existe, fundamentalmente, para lidar com a escassez dos recursos, para que, na limitação, haja organização para suprir, ao menos, as necessidades básicas

Dessa forma, falar de economia, ainda mais em tempos difíceis como os que se vive hoje, em um contexto pandêmico, de medidas restritivas, se faz ainda mais necessário. O professor de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Paulo Monte, responsável pela disciplina de Introdução à Economia, reforça que o estudo científico da economia existe justamente para ajudar a sociedade a administrar melhor suas riquezas perante a escassez.

“A economia só faz sentido, só existe, por causa da escassez de recursos. Em outras palavras, é a falta de recursos produtivos que faz com que o estudo da economia seja importante. Se não existisse escassez, se tudo fosse abundante, a economia não faria sentido. Você precisa saber como utilizar os poucos recursos que possui de forma eficiente”, explica.

Esse entendimento básico provém desde as formas mais rudimentares de economia, pensados na Grécia Antiga, de Platão e Aristóteles, para questões relacionadas às finanças públicas e privadas, até a economia ser concebida enquanto ciência, a partir da obra do filósofo Adam Smith, ‘A Riqueza das Nações’, publicada no Século XVIII, alicerçada em um conceito de produção de riqueza a partir da terra e do comércio. É com Smith que a economia passa a ser chamada economia política, denominação que foi

caindo em desuso em meados do fim do Século XIX, até se tornar somente economia, essa como hoje se conhece.

“A economia é uma ciência social, ela estuda o comportamento das pessoas, as necessidades e como as pessoas se comportam perante as suas necessidades. Logo, sendo uma ciência social, ela estuda comportamentos, por isso necessita de uma teoria por trás, porque é a partir da teoria que será permitido estudar os comportamentos, os fenômenos sociais. No entanto, a teoria econômica é única, ainda que tenha objetivos, métodos e abordagens diferentes”, acrescenta Monte.

A ciência econômica é dividida em duas grandes áreas de estudo: a microeconomia e a macroeconomia. A primeira se destina a analisar o consumo por cada indivíduo, o comportamento dos produtores, a investigação de padrões e reação diante das relações de compra e venda: é a análise de como a dona de casa se comporta com o aumento de um item na feira, do uso da calculadora de cada consumidor para adquirir bens essenciais ou não.

Por sua vez, a macroeconomia analisa os grandes agregados econômicos, é a aglutinação dos comportamentos dos indivíduos de uma região ou de um país e a análise dessa soma como um indivíduo só. É nesse pilar da economia científica que são estudadas questões relativas à produção, taxa de juros, ao consumo, investimentos e gastos governamentais: é a observação do comportamento agregado de uma região em um contexto de sistema econômico.

“É importante frisar que Adam Smith e Stuart Mill, em suas teorias clássicas, analisam o macro. A teoria neoclássica aborda mais o micro, o consumidor. Nela temos outras vertentes, tem a teoria keynesiana, que reforça o papel do estado na economia, visões alternativas como a marxista, os institucionalistas, os novos clássicos, os novos keynesianos, os pós-keynesianos, todos com uma visão diferenciada da atuação do governo na economia, todos com uma visão diferenciada da participação do indivíduo”, explica.



Foto: Pixabay

“A economia só faz sentido, só existe, por causa da escassez de recursos. Em outras palavras, é a falta de recursos produtivos que faz com que o estudo da economia seja importante. Se não existisse escassez, se tudo fosse abundante, a economia não faria sentido”

Paulo Monte



Foto: Arquivo Pessoal

Finanças domésticas, mas de olho no mundo

Para se entender melhor como funcionam as duas áreas e o que estuda cada uma delas, pode-se usar o exemplo de Ellyka Akemy, empreendedora, de 28 anos. Ela é sócia em uma empresa de bijuterias em João Pessoa que produz peças inspiradas na cultura paraibana, a Soé Paraíba. Ellyka, além de ser empreendedora, é jornalista e trabalha em uma agência de marketing digital. Ela conta que administra com cuidado as finanças domésticas, calculando todo mês os recursos disponíveis, encaminhando o que sobra para reservas, projetando compras futuras.

“Aqui na minha casa é tudo colocado na planilha, quanto eu recebo, quanto meu marido recebe, todos os gastos e com isso eu tenho como saber quanto sobra todo mês. Esse controle é importante para mim, porque eu sei quanto está sendo economizado mensalmente e quanto eu posso usar para colocar na poupança ou para gastar com lazer, por exemplo”, relata.

Em paralelo ao “trabalho” de gestora dos recursos da casa, ela também é sócia em uma microempresa. Faz parte da sua rotina como empreendedora consumir notícias e artigos com informações que ajudem na tomada de decisão nos investimentos do seu próprio negócio.

“O cenário está bem instável no momento. Então, é vital para qualquer empreendedor acompanhar, no mínimo, a economia macro, porque ela norteia a tomada de decisões. E na vida pessoal, o cenário atual me faz colocar os pés no chão e evitar gastos a longo prazo, por exemplo”, explica Ellyka, que também já trabalhou como repórter na área de economia.

O controle que Ellyka Akemy faz das finanças domésticas e o comportamento enquanto administradora dos recursos da casa, a forma como ela se posiciona em determinada situação de compra, evitando gastos supérfluos e destinando o que sobra dos recursos dela e do marido para a poupança, principalmente em um momento de incertezas causado pela pandemia do novo coronavírus, seria um objeto de estudo da microeconomia.

A microeconomia também é importante para a tomada de decisões não somente para bens e serviços em um contexto doméstico, mas também para empresas. É a partir dela que os preços dos produtos são estabelecidos.

Por outro lado, quando a empreendedora, ao se informar a respeito do comportamento do mercado no Bra-

sil, levando em consideração a taxa de juros, as projeções de crescimento ou retração do Produto Interno Bruto (PIB) do país, ou a queda de renda da população, para decidir investir no próprio negócio, ela está recorrendo à macroeconomia.

Seja no comportamento do indivíduo, ou nos agregados que geram um volume monumental de informações sobre as tendências do país, na calculadora de casa ou na soma de todas as calculadoras, a economia está presente todos os dias nas vidas de todos.

“Toda vez que uma pessoa vai comprar um produto num supermercado, ela observa o preço do produto, o produto similar mais barato, fazendo a troca. Ou na compra do serviço, que ele pesquisa no mercado o que ela considera de melhor qualidade, dados o preço e o dinheiro que ela possui. Ou toda vez que o trabalhador busca se qualificar, para conseguir um emprego melhor. Tudo isso faz com que cada indivíduo faça escolhas, e toda vez que ele faz escolha mediante o recurso que ele possui, ele está fazendo economia”, garante Paulo Monte.

“Aqui na minha casa é tudo colocado na planilha, quanto eu recebo, quanto meu marido recebe, todos os gastos e com isso eu tenho como saber quanto sobra todo mês. Esse controle é importante para mim, porque eu sei quanto está sendo economizado mensalmente e quanto eu posso usar para colocar na poupança ou para gastar com lazer, por exemplo”

Ellyka Akemy



Foto: Arquivo Pessoal

Política e economia

Princípios da ciência em meio às ideologias e aos dilemas éticos

André Resende
andreolimpio89@gmail.com

A economia é uma ciência social. É comum, no entanto, numa leitura desavisada, nos comentários feitos pelos economistas no telejornal, até devido à própria abordagem dos meios de comunicação, o cidadão comum considerar-se tratar de pura matemática. Essa noção distorcida acaba esvaziando a importância de cada um dominar uma área da sociedade tão importante na vida de cada pessoa.

Essa visão popular da econo-

mia, inclusive, gera até mesmo uma deformação nos conceitos na academia, espaço onde naturalmente os conceitos e as teorias relacionadas à ciência econômica são aprofundados e plenamente discutidos. O professor Paulo Amilton, do Curso de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), responsável pela disciplina de Econometria, explica que as taxonomias de economia ortodoxa e heterodoxa, por exemplo, ganham contornos diferentes no Brasil em relação ao resto do mundo.

“A ortodoxia e a heterodoxia

no Brasil é uma coisa altamente complicada de definir. A tautologia do que é um economista ortodoxo do que é um heterodoxo, difere muito no Brasil das outras partes do mundo. No Brasil, a ortodoxia é tudo aquilo que envolve um processo de quantificação. Se você usar estatística, se usar matemática, ou a mistura das duas, você vai ser considerado ortodoxo. Já o heterodoxo rejeita isso. Lá fora não tem nada a ver”, explica.

A literatura econômica mundial, no entanto, explica que o ortodoxo é o que segue a teoria neoclássica, que parte do pressuposto de que os indivíduos são racionais, que têm formação perfeita e que são coerentes nas escolhas. O economista heterodoxo é o que não segue isso, é aquele que admite que o indivíduo não tem atitudes racionais, que não exige equilíbrio nas soluções, no sentido de que oferta e demanda não precisam coincidir. Esse equilíbrio é uma obsessão da ortodoxia, não é da heterodoxia.

“As duas definições, no entanto, dizem respeito a formas diferentes de ver o mundo. Por isso que a ortodoxia e a heterodoxia têm a ver com a economia normativa, não com a positiva. Todas as duas correntes admitem que os princípios econômicos são os mesmos, o que difere é como você vai resolver as questões de quais classes sociais vão ser privilegiadas para gerar o maior retorno social possível”, destaca o profes-

“A ortodoxia e a heterodoxia têm a ver com a economia normativa, não com a positiva. Todas as duas correntes admitem que os princípios econômicos são os mesmos, o que difere é como você vai resolver as questões de quais classes sociais vão ser privilegiadas para gerar o maior retorno social possível”

Paulo Amilton



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Pixabay

sor Paulo Amilton.

Para se entender em que momento os teóricos, os pesquisadores, os economistas divergem, é preciso entender que a economia se divide em duas grandes teorias: normativa e positiva.

A economia positiva trata dos princípios da economia. A economia nasce do fato de que existem três questões fundamentais: o que produzir, como produzir e para quem produzir. Isso é uma questão objetiva diante do fato de que existe escassez de recursos e de que é preciso alocar esses recursos da melhor forma possível. Esse é o princípio econômico, de você dar liberdade de escolha, procurar eficiência nas escolhas, para atingir o maior número de pessoas com a menor quantidade de recursos.

Por outro lado, a economia normativa é aquela que diz como se deve fazer para alcançar as metas definidas na economia objetiva. É nesse braço teórico da

ciência econômica que se dão as divergências e os embates ideológicos. Por exemplo, o socialismo tem uma forma própria de responder essas três questões fundamentais e seguir os princípios da economia, da liberdade e de maximizar a alocação de recursos para atender o maior número de pessoas com os recursos que têm, o capitalismo tem outra diferente, priorizando outros aspectos.

“A questão ideológica entra na economia normativa, porque cada agrupamento ideológico vai determinar qual é a melhor forma possível de responder às essas questões objetivas. De forma geral, a economia positiva são as questões objetivas e a economia normativa são as questões subjetivas, de formação de valores, da noção do que é certo e errado, do que é bom ou do que é ruim. Na economia positiva você não tem isso”, complementa o professor Paulo Amilton.

O dilema econômico: liberdade, eficiência e igualdade

A ciência econômica nasce do fato de que existem recursos escassos e necessidades infinitas: é o dilema econômico. Esse dilema leva ao surgimento de três princípios objetivos da economia: liberdade, eficiência, igualdade. No âmbito da economia normativa, espaço para as discussões ideológicas, subjetivas. Uma pessoa pode achar que o princípio da liberdade é mais importante que o da igualdade, porque a liberdade leva à igualdade. Ou o inverso, de que o princípio da igualdade leva ao princípio da liberdade.

As discussões ideológicas suscitam uma outra necessidade na ciência econômica: a ética. Para Paulo Amilton, diante das discussões ideológicas e dos objetivos da economia que são inescapáveis aos economistas, a ética tem um papel fundamental.

“É preciso ter alguns princípios éticos para balizar essas escolhas. Quem tem o poder de decisão tem que mirar um tipo de ética. O cara que vai escolher tem que estar imbuído numa noção do que é certo e do que é errado, do ponto de vista do que é individual e do que é coletivo. Eu não posso privilegiar um grupo social apenas, eu tenho que tentar beneficiar o maior número de pessoas possível”, explica.

Levando a questão ética para a economia praticada pelos entes públicos, as escolhas são ainda mais abalizadas por esse princípio. O economista Francisco Barros comenta que é comum perceber o desperdício de recursos públicos e que, nesse caso, a perda de recursos materiais afeta os recursos humanos.

“O nosso sistema tributário, por exemplo, é perverso. Ele penaliza muito mais as pessoas que ganham menos. Nosso sistema financeiro é outra anomalia, porque ajuda muito na concentração de riqueza, porque cobram altíssimas taxas de juros, e quem paga juros são as pessoas que têm menos condições. Se a ciência econômica não é bem aplicada, não adianta, porque ela não atende os que mais necessitam. O sentido da ciência econômica é aplicar seus fundamentos com eficácia para beneficiar a população como um todo, não é para beneficiar uma minoria em prejuízo da maioria”, avalia Barros.

Paulo Amilton cita que na economia existe a falácia da composição. Muitas vezes uma solução é ótima para um indivíduo e péssima para o coletivo. Por outro lado, muitas vezes, é uma solução muito boa para o coletivo, mas não para o indivíduo. “Por exemplo, a política econômica pode achar que o problema da inflação é muito grave e uma das formas de solucionar é aumentar o desemprego. Então, para solucionar um problema coletivo ele pode gerar um problema individual, porque quem está desempregado não deve achar uma coisa boa”, acrescenta.

Barros finaliza: “Não adianta tomar as decisões estritamente financeiras, equivocadas,



Foto: Pixabay

sem levar em consideração as questões sociais, humanitárias e ambientais também. A ciência econômica não é uma ciência exata, como é a matemática. A aplicação dos fundamentos da

ciência econômica é essencial, tanto que se não forem aplicados de uma forma correta, os resultados serão os que vemos hoje no Brasil, desigualdade e desperdício”.

“O nosso sistema tributário, por exemplo, é perverso. Ele penaliza muito mais as pessoas que ganham menos. Nosso sistema financeiro é outra anomalia, porque ajuda muito na concentração de riqueza, porque cobram altíssimas taxas de juros, e quem paga juros são as pessoas que têm menos condições”

Francisco Barros



Foto: Arquivo pessoal



“ Há diferença entre o custo econômico e o custo contábil. O custo contábil considera os preços pagos pelos fatores de produção e o custo econômico considera o custo de oportunidade desses fatores ”

Márcia Paixão



DIFERENÇA DE CUSTOS: o econômico e o contábil

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

A soma das atividades desenvolvidas pela humanidade que visam produzir, distribuir e consumir bens e serviços necessários para a sobrevivência e a manutenção da qualidade de vida é chamada de economia. Partindo dessa premissa, é interessante observar que dentro da perspectiva econômica

existem inúmeros conceitos e teorias que explicam e se aplicam nos mais variados contextos sociais.

Responsáveis por mover a máquina da economia, os conceitos de produção, custo e eficiência norteiam como um bem material ou a prestação de um serviço devem se encaminhar, observando todas as etapas implicadas na execução de uma dessas ideias. De acordo com a professora, eco-

nomista e vice-presidente do Conselho Regional de Economia da Paraíba, Márcia Paixão, a produção é o processo que engloba os chamados fatores de produção, que são as matérias-primas a serem utilizadas, os serviços de bens de capital – que podem ser as máquinas, as instalações de uma empresa, dentre outras coisas – e os serviços de mão de obra.

Com relação ao custo, em

linhas gerais, é considerado a soma de todos os gastos relacionados aos fatores de produção usados para fabricar um bem material ou prestar um serviço. “Há diferença entre o custo econômico e o custo contábil. O custo contábil considera os preços pagos pelos fatores de produção e o custo econômico considera o custo de oportunidade desses fatores”, disse Márcia. Conforme explica a economista,

“para compreender o conceito de custo de oportunidade, considere que a empresa pode ter uma segunda melhor alternativa de utilização dos fatores de produção. O custo de oportunidade corresponde exatamente ao ganho que ela deixa de ter com essa segunda alternativa, porque optou pela primeira”.

Já a eficiência se divide em dois tipos, com os quais uma empresa opera, a eficiência

técnica e a eficiência econômica. “A eficiência técnica se dá quando se obtém a maior quantidade produzida possível (uma produção máxima) com uma certa quantidade de fatores de produção. A eficiência econômica se dá quando ela realiza essa produção também ao menor custo possível (a um gasto mínimo com os fatores de produção) em relação ao preço de venda”, pontuou Paixão.

+ Mercado, oferta e demanda

Outra dupla de conceitos conhecidos pela relação com a economia é a oferta e a demanda, consideradas como algumas das noções responsáveis por delinear as alterações de preço no mercado nacional e internacional. A demanda está diretamente ligada àquilo que os consumidores preferem, se trata do que eles desejam e estão dispostos a ter. “Sabe-se que a curva de demanda expressa a relação negativa entre os preços dos bens e a quantidade demandada. Além dos preços, outros componentes podem influenciar a demanda por um produto, entre eles, temos renda, disponibilidade do produto, sazonalidade, entre outros”, comentou Cássio Nóbrega, professor do Departamento de Economia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A oferta está relacionada aos bens materiais ou serviços que uma empresa produz e coloca à disposição dos consumidores, com preços e duração determinados. “A curva de oferta de um produto expressa a relação positiva entre os preços de venda e a quantidade ofertada. Existem vários fatores que podem influenciar a oferta de um produto, entre eles, destaca-se custo de produção, tecnologia, políticas governamentais. A interação entre as curvas de oferta e demanda determina o preço e a quantidade equilíbrio de mercado”, completou Nóbrega.

A ação conjunta desses dois conceitos forma a famosa lei da oferta e demanda, que pode ser resumida da seguinte forma: “Quando há excesso de oferta, ou seja, quando a quantidade de bens ou serviços ofertados pelas empresas é maior do que a demandada, as empresas reagem reduzindo seus preços para conseguir vender seus estoques. Quando há excesso de demanda, isto é, quando a quantidade de bens ou serviços demandados pelos consumidores é maior do que a ofertada, as empresas reagem aumentando seus preços e sem perder vendas, porque, diante de uma oferta reduzida, os consumidores se dispõem a pagar preços mais altos. Em outras palavras, o preço de mercado é fixado para o comprador num dado momento, constituindo, assim, uma lei de circulação de mercadorias”, detalhou Márcia Paixão.

Na economia brasileira, a professora destaca que o mercado nacional trabalha com os conceitos de oferta e demanda agregada – que, basicamente, correspondem à soma de todas as ofertas e todas as demandas de maneira individual (de cada empresa e consumidor do país) a cada nível de preço. Nessa condição, a quantidade de ofertantes e demandantes que existem no mercado influencia no final. Aqui entram, portanto, os conceitos de monopólio e oligopólio.

Em uma situação em que apenas uma empresa possui o domínio sobre a oferta, um monopólio; ou a oferta é controlada por um grupo pequeno de empresas, um oligopólio; as empresas acabam tendo



Foto: PixaBoy

mais liberdade para estipular preços ou quantidades colocadas no mercado que possam trazer maior lucro. “Surge então a necessidade de órgãos como o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) no Brasil, um ente federal, que tem por missão investigar e julgar monopólios e oligopólios com o objetivo de inibir práticas oportunistas e garantir condições justas de compra e venda de bens e serviços no Brasil”, observou Paixão.

Os monopólios e os oligopólios se configuram como cenários imperfeitos dentro do mercado econômico. Mas o que é o mercado? É um espaço, seja ele físico ou não, em que os vendedores (ofertantes) se encontram com certa regularidade com os compradores (consumidores) com o objetivo de trocar dinheiro por bens ou serviços, realizando, portanto, operações comerciais. Do lado da oferta, como citado anteriormente, se apresentam o monopólio e o oligopólio, quando esta é controlada por uma única empresa ou por um grupo pequeno de empresas.

Já do lado da demanda, existem o monopsonio e o oligopsonio, que seguem a mesma lógica. No monopsonio, um único comprador tem o poder de determinar a demanda e, sendo assim, exercer grande

influência sobre o preço do produto ou serviço. Com relação ao oligopsonio, será um grupo pequeno de compradores que poderão exercer grande poder sobre o preço no mercado.

Ao se tratar do mecanismo de oferta e procura, existe um conceito formulado em 1776 pelo teórico clássico do pensamento econômico, Adam Smith, que vai apresentar a “mão invisível do mercado”, que descreve como as pessoas se comportam em um contexto de economia com liberdade de interação. “A livre interação das empresas e indivíduos nos mercados de bens e serviços acaba por determinar como os fatores de produção de um dado território serão utilizados: o que, quanto, como (com qual tecnologia) e para quem produzir. Ou seja, os mercados acabam por organizar a atividade econômica desse território”, explicou Márcia.

A partir disso, Smith observou que, mesmo quando cada vendedor ou consumidor atuava nos mercados visando seus próprios interesses e bem-estar, em alguns casos acabavam gerando bem-estar para a sociedade como um todo, pois tomavam as melhores decisões com relação à utilização dos recursos produtivos disponíveis. “Esse bom resultado não intencional seria, portanto, gerado

pela ação de uma certa “mão invisível”, especificamente da “mão invisível do mercado”. Os preços, por sua vez, seriam o instrumento utilizado por essa “mão invisível”, porque são eles que direcionam a oferta e a demanda e, conseqüentemente, as melhores escolhas de produção e consumo”, argumentou a economista.

Para compreender como pode se comportar o mercado econômico de uma sociedade, é necessário que esta responda três questões econômicas básicas (quais os bens produzidos? como serão produzidos? para quem?) para definirem, a partir disso, o sistema econômico a ser adotado. Os sistemas econômicos são popularmente conhecidos como capitalismo e socialismo, entretanto, para a economia, eles se apresentam como economia de mercado e como economia planificada, respectivamente.

Segundo o professor do Departamento de Economia da UFPB, Cássio Nóbrega, a economia de mercado tem como característica o fato de “as decisões serem tomadas pelo mercado, ou seja, o sistema de preços, lucros e incentivos determina aquilo que deve ser produzido, a técnica que deve ser adotada e para quem produzir”, disse.

No caso da economia planificada, a vice-presidente do Corecon-PB, Márcia Paixão, afirma que, nesse cenário, o proprietário dos fatores de produção é o estado. “Ou seja, a propriedade é pública, e somente os meios de sobrevivência (automóveis, eletrodomésticos, vestuário etc.) são de propriedade individual. Assim sendo, os problemas econômicos fundamentais são resolvidos por um órgão central de planejamento do estado. Destaca-se que, hoje em dia, países com esse tipo de estrutura têm permitido uma ampla atuação do mercado, como é o caso da China e da Rússia”, finalizou ela.

“ A curva de oferta de um produto expressa a relação positiva entre os preços de venda e a quantidade ofertada. Existem vários fatores que podem influenciar a oferta de um produto, entre eles, destaca-se custo de produção, tecnologia, políticas governamentais ”

Cássio Nóbrega



Decisões de indivíduos que afetam uns aos outros

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Acredita-se que a ciência econômica tenha surgido em meados do século 18, mais precisamente no ano de 1776, com a publicação da obra 'Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações', de Adam Smith, teórico do pensamento econômico. Essa ciência se ocupa de compreender aspectos calculáveis da atividade econômica, estando diretamente ligada à matemática, à estatística e à econometria. A partir disso, a ciência econômica se apresenta com a função de propor formas de alocação para recursos que estão escassos.

Dentre as três grandes áreas, a econometria é a mais próxima da economia em si – dialogando também com as outras duas – sendo uma área responsável por expressar os fenômenos econômicos a partir da linguagem matemática e os analisar com ajuda da estatística. “Comumente, parte de teorias econômicas usa modelos matemáticos para expressar essas teorias, utiliza dados da realidade para aplicar esses modelos e fazer uma leitura de medidas obtidas por meio de procedimentos estatísticos. Em suma, formula matematicamente as principais relações econômicas e submete elas à comprovação estatística”, explicou a professora economista e vice-presidente do Conselho

Regional de Economia da Paraíba (Corecon-PB), Márcia Paixão.

Ainda de acordo com a explicação da economista, a aplicação da econometria acontece em quatro etapas. A especificação é a primeira, processo em que se define um modelo econômico com base em um determinado modelo econômico teórico selecionado que reforça a análise que se almeja. A estimativa é a segunda fase, onde se obtém as estimativas aproximadas para os padrões do modelo econométrico. Com a terceira etapa, a verificação, as hipóteses do modelo econômico teórico considerado podem ser aceitas ou rejeitadas. E, por fim, a previsão apresenta os dados e as conclusões obtidas.

Teorias

Como qualquer área científica, a economia possui suas próprias teorias e uma das mais conhecidas é a chamada Teoria dos Jogos, utilizada a partir da lógica matemática e comumente intitulada de teoria da estratégia. Os autores responsáveis por desenvolver essa teoria foram Bierman e Fernandez que, em 2011, explicaram como a teoria dos jogos “se preocupa com o modo como indivíduos tomam decisões quando estão cientes de que suas ações afetam uns aos outros e quando cada indivíduo leva isso em conta”, afirmou Cássio Nóbrega, professor do Departamento de Economia



Foto: Pixabay

da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Dentro do contexto econômico, a teoria dos jogos pode ser aplicada em situações de mercado quando a concorrência se dá em forma de oligopólio, ou seja, entre poucas empresas. “Nessa condição, a empresa tem consciência de que pode afetar o mercado do produto de seu interesse (bens finais ou fatores de produção), controlando as condições de venda (ou compra) ao fixar preços ou quantidades e se comporta

de acordo, tomando decisões de forma individual ou combinada com suas concorrentes. Vale destacar que a maioria dos países proíbe essa prática de combinar a forma de atuação no mercado (em outras palavras, de formar o chamado cartel)”, completou Márcia Paixão.

Outra teoria presente no universo da economia é a economia matemática, que consiste na aplicação da matemática no desenvolvimento de modelos econômicos, só que desta vez, diferente da econome-

tria, sem se preocupar com os problemas estatísticos, como erros de medição das variáveis analisadas. “Os economistas constroem representações matemáticas de mercados, preferências dos consumidores, otimização de lucros de firmas para entender melhor como funcionam. A ideia é criar insights sobre a realidade, permitindo a simplificação e dedução de uma ampla variedade de situações econômicas”, afirmou Nóbrega.

A concorrência imperfeita é um cenário eco-

nômico que se delinea a partir da presença de um monopólio ou um oligopólio. Outro padrão possível de concorrência imperfeita é a concorrência monopolística que, apesar do nome, não se trata da mesma coisa que monopólio. Esse tipo de concorrência é “quando muitas firmas concorrem entre si com produtos semelhantes, mas com diferenciação na qualidade, na distância do consumidor, nos serviços de venda e pós-venda etc.”, completou Márcia.

+ Aplicações e as dimensões da economia no dia a dia

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é o órgão responsável por elaborar os indicadores e publicar os dados colhidos através do Sistema de Contas Nacionais. Contudo, o que é esse sistema? Ele corresponde a uma série de informações que detalham o desempenho das transações econômicas do país em determinado período, geralmente um ano.

De forma precisa, observa Márcia Paixão, o Sistema de Contas Nacionais é o conjunto de “dados numéricos (indicadores, chamados de agregados econômicos ou macroeconômicos) elaborados com base em um conjunto de normas e recomendações aceito internacionalmente e organizados segundo regras contábeis (o lançamento das transações é feito pelo método contábil tradicional das partidas dobradas, isto é, a débito de uma conta e a crédito de outra)”, disse. “Trata-se de um instrumento essencial para análise do desempenho da economia, permitindo comparar resultados de anos distintos e identificar tendências de crescimento econômico”, completou ela.

Não somente na gestão nacional, a economia está presente nos mais diversos âmbitos sociais, podendo ser facilmente

apontada, bem como passar sutilmente despercebida. Na informação, por exemplo, existem teóricos que defendem que, por essência, qualquer coisa que puder ser digitalizada é informação. Nesse caso, a economia da informação se apresenta a fim de focar no valor da informação para diferentes consumidores.

No cenário exterior, a economia se propõe a estudar o comércio internacional e a análise monetária internacional. “O primeiro ramo está voltado para as transações comerciais que envolvem o movimento de bens físicos; já a análise monetária está voltada para as transações financeiras”, disse Nóbrega.

Dentro da política, a economia também está lá, preocupada em compreender as relações de classes, da capacidade de produção e do crescimento das nações – se atentando à oferta, produção e distribuição. Segundo

o professor do Departamento de Economia da UFPB, “os economistas acreditavam que suas ideias eram uma extensão da política. Nesse sentido, esses faziam propostas de políticas econômicas que visavam alocar os recursos escassos, de tal maneira, que iria gerar o maior nível de bem-estar social para a coletividade”.

A ciência econômica voltada para o meio ambiente se configura na economia do meio ambiente, que estuda as relações entre essas duas grandes áreas. A economia ambiental, uma das vertentes da economia do meio ambiente, “parte de conceitos e instrumentais analíticos já consolidados na ciência econômica, sobretudo a noção de custo de oportunidade, para analisar questões ambientais”, argumentou Nóbrega. De acordo com ele, os principais campos de atuação dessa economia estão no estudo

das emissões de poluentes e nas propostas de mecanismos de controle (economia da poluição); e no estudo do ritmo ideal de exploração de recursos naturais renováveis e não-renováveis (economia dos recursos naturais). Ainda há a economia ecológica, que propõe uma “análise mais holística e multidisciplinar das relações entre a economia e o meio ambiente”, afirmou Cássio.

Ainda de forma menos popular, Schneider Friedrich e Enste (2000) vão definir a economia da informalidade como as atividades criadoras de valor agregado que não possuem registro ou tributação, podendo ser classificadas como ilegais ou clandestinas. “A importância da análise de informalidade está ligada às distorções causadas na alocação de recursos e, consequentemente, sobre o desempenho macroeconômico, prejudicando o resultado de políticas públicas, afetando a competitividade da economia e promovendo uma diminuição da arrecadação de tributos devido à evasão fiscal”, apontou Cássio. Um bom exemplo disso são os conhecidos “gatos” de energia elétrica, que interferem na arrecadação de impostos por conta da energia não comercializada.

Até mesmo no contexto criminal existe aplicação possível da economia. A economia do crime vai entender e analisar o comportamento humano a partir do fundamento econômico. “O

agente tido como criminoso é um caso específico de indivíduo que age sob condições de escassez, cometendo crimes e levando em consideração os riscos de punição e captura e a probabilidade de obter êxito”.

E, imerso em todo esse universo de possibilidades, seja de pesquisas ou de atuação direta, o profissional que se engaja na área econômica ganha a titulação de economista. Sua formação vai se pautar através das teorias econômicas, além de conteúdos quantitativos, sociais e técnicos específicos. Depois desse processo, o profissional está apto para atuar em diversos contextos, como em assessoria, consultoria, pesquisa econômico-financeira ou na academia. Ainda existe a possibilidade dentro dos estudos e análises do mercado financeiro, de capitais e derivativos, viabilidade econômico-financeira, desenvolvimento e avaliação de políticas públicas, entre outras.

“Em economia pesquisamos temas, como comportamento dos mercados financeiros (taxas de juros, preços das ações, inflação, títulos públicos); modelos de comércio entre nações e análise do impacto de barreiras tarifárias; políticas de distribuição de renda; avaliação de políticas públicas; previsões econômicas; construção de políticas públicas, entre outras”, concluiu Cássio Nóbrega, que possui 13 anos de experiência na profissão.



Foto: Pixabay